

# A OBSESSÃO E SEU TRATAMENTO ESPÍRITA

EDICEL Celso Martins



"A OBSESSÃO E SEU TRATAMENTO ESPÍRITA"

Este livro, cujo texto se baseia rigorosamente nas obras do Codificador, de André Luiz, de Bezerra de Menezes, e de outros autores que já trataram do assunto com maestria.

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

O leitor encontrará a explicação da gênese da obsessão bem como a melhor orientação doutrinário-evangélica para a sua terapia espiritual.

É, pois, leitura que se recomenda a espíritas e não-espíritas, que se interessam por este tão aflitivo mal dos tempos modernos.

A obsessão e seu tratamento espírita

Outras obras do mesmo autor:

1. Suspiros de um Coração (sonetos líricos e espíritas). Gráfica Vitória Ltda. Rio de Janeiro. 1970. Esgotado.

2. Lira de dois Corações (sonetos, trovas e poemas líricos e espíritas). Com André Fernandes. Ed. Pongetti. Rio de Janeiro. 1971. Esgotado.

3. Estudos Doutrinários (ensaios espíritas). Ed. Pongetti. Rio de Janeiro. 1972. Esgotado.

4. Grânulos de Areia (trovas humorísticas, líricas e filosóficas). Gráfica Regional Ltda. Rio de Janeiro. 1973. Esgotado.

5. Biogeografia e Ecologia (obra didática, aprovada pelo MEC). Livraria Nobel S/A. São Paulo, 1973. Ora em 3.ª edição.

6. Cânticos do Coração (10 sonetos líricos e espíritas na obra Nossas Poesias, organizada por Aparício Fernandes). Folha Carioca Editora S/A. Rio de Janeiro. 1974. Esgotado.

7. Por um Mundo Melhor (coletânea de contos, ensaios, trovas, sonetos, etc.). Egetal. Taubaté. 1975. 2.ª ed. pela Edicel. São Paulo. 1980, 3.ª ed., 1982.

8. A Delicada Questão da Vida (ensaios espíritas). Edicel Ltda. São Paulo. 1976. Ora em 4.ª edição.

9. Espiritismo e Vidas Sucessivas (ensaios espíritas). Editora ECO. Rio de Janeiro. 1976.

10. Técnicas Gerais de Laboratório (obra didática para o ensino profissionalizante de 2.º e 3.º graus). Com Antônio Sobreira e José de Almeida Leão. Edart. São Paulo. 1980. Ora em 2.ª ed.

11. Mensagem de Esperança — Gráfica ABC — Conchas — SP (1982).

12. A Mensagem do Espiritismo — Gráfica ABC — Conchas — SP (1982). Com Aureliano Alves Netto.

13. A Obsessão e seu Tratamento Espírita. Edicel Ltda. SP(1981). 14 Farto material em diversos jornais espíritas e não-espíritas desde

1961.

Cartas: Caixa Postal 61.003

Marechal Hermes — Rio de Janeiro — RJ

21.613

CELSO MARTINS

A obsessão e seu tratamento espírita

2º edição

EDICEL

EDITORA CULTURAL ESPIRITA LTDA. 01316 Rua Genebra, 122 — Fone: 36-2273 São Paulo — SP — Brasil

CIP — Brasil. Catalogação-na-Fonte Câmara Brasileira do Livro, SP.

1 Martins, Celso, 1942 -

M3420 A obsessão e seu tratamento espírita / Celso Martins.

São Paulo: Edicel, 1982.

Bibliografia.

1. Cura pela fé e espiritismo 2. Espiritismo 3. Neurose obsessiva-compulsiva I. Título.

CDD-133.9

82-0088 -615.852

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo 133.9

2. Obsessão : Tratamento espírita : Terapia religiosa 615.852

3. Obsessão e espiritismo 133.9

1ª edição: maio de 1982 - 3.000 ex.

2ª edição: janeiro 1983 50001 «t. Produção gráfica: Pedro Paulo Consales. Capa: Mizael Garbim

Direitos desta edição reservados à Editora Cultural Espírita Edicel Ltda. 01316 Rua Genebra, 122 — Fone: 36-2273 (Quase esquina com a Rua Maria Paula) CGC 61.403.085/0001-43 — Inscr. Est. 105.802.950 São Paulo — SP — Brasil

Fotocomposto em 1981 por Linoauxiliar Ltda. 03173 Rua Siqueira Bueno, 2316 — Fone: 92-1200 São Paulo — SP — Brasil

ÍNDICE

Primeira Parte - QUEM SOMOS?

Generalidades..... 9

Cérebro versus inteligência..... 13

Inteligência sem cérebro ..... 19

I — O dom da profecia ..... 20

II — Sonhos inteligentes ..... 20

III — Lesões cerebrais não impedem a manifestação inteligente ..... 22

Desprendimento ou Desdobramento ..... 25

I — Testemunho no seio da igreja católica.....	25
II — Testemunho fora do seio da igreja católica ...	27
III — Sonambulismo .....	31
Os mortos conversam com os vivos.....	33
I — Natureza do espírito .....	37
II — Natureza do médium .....	39
III — Chico Xavier .....	41
IV — Mediunidade poliglota.....	43
V — Médiuns e pesquisadores .....	45
VI — Experimentos de William Crokes .....	47
VII — O aspecto moral .....	50
Vidas Sucessivas.....	53
I — Ponto de vista moral .....	54
II — Ponto de vista filosófico.....	55
III — Esquecimento do passado .....	58
IV — Ponto de vista científico .....	60
Conclusão, e Bibliografia da Primeira Parte .....	65
Segunda Parte — A LOUCURA A LUZ DO ESPIRITISMO	
Generalidades .....	67
Influência espiritual .....	73
A obsessão segundo Kardec .....	79
I — Obsessão .....	79
II — Fascinação.....	85
Papel do perispírito .....	89
I — Correlação das funções .....	89
II — Importância do perispírito.....	92
III — Órgãos ou centros do perispírito .....	93
IV — Perispírito e mediunidade .....	95
Brechas psíquicas para a obsessão .....	97
Complementação de André Luiz .....	105
Mecanismo da obsessão .....	113
Conclusão e Bibliografia da Segunda Parte .....	123
Terceira Parte- SUGESTÕES PARA O TRATAMENTO DA OBSESSÃO	
Generalidades .....	125

A prece, o passe e a água fluidificada .....	131
Reunião de desobsessão .....	139
Obsessão dos Evangelhos.....	145
A-força do Bem .....	149
Métodos de auto-desobsessão .....	153
I — A procura de Deus .....	154
II — Consolo para os sofredores .....	155
III — Orientação aos vingativos .....	157
IV — Recurso liberativo .....	158
Atendimento médico-hospitalar .....	161
Conclusão e Bibliografia da Terceira Parte.....	173

#### PRIMEIRA PARTE QUEM SOMOS?

Eu me sinto como se estivesse sido sempre apenas um menino brincando na praia... ora encontrando um pequeno seixo rolado, ora uma linda concha... enquanto o grande oceano da vida jaz diante de mim.

Newton

## CAPÍTULO I

### GENERALIDADES

É o homem apenas o corpo material?

Constitui-se apenas de um organismo formado de células, tecidos,, órgãos, aparelhos e sistemas, exibindo, do ponto-de-vista bioquímico, água, proteínas, gorduras, sais minerais, vitaminas, ácidos nucleicos, enzimas? Todos os fenômenos fisiológicos podem ser explicados em termos de reações químicas no seio do protoplasma? O mero funcionamento dos órgãos justificaria todo o comportamento humano? As diferenças individuais seriam decorrência tão-só do equipamento genético, herdado dos nossos antepassados? Os genes cromossomiais legados pelos pais por via sexuada, agindo de sinergia com o ambiente, por exemplo, a ação decisiva da educação, da nutrição recebida na infância, seriam capazes de elucidar claramente todas as características individuais, incluindo as de ordem espiritual e moral? O sistema nervoso, e, em particular, o cérebro, as glândulas de secreção interna se encarregariam de fundamentar completamente todas as reações humanas? Da inteligência inclusive? No cérebro estaria a sede da memória, da atenção, do interesse, dos sentimentos mais nobres como o amor e a saudade, a abnegação e a renúncia, os ideais supremos de fraternidade e de justiça, de belo e de verdadeiro?

O homem — insistimos na pergunta inicial — é apenas o corpo material? Ou haveria nele alguma coisa a mais, além do organismo somático? Ou haveria nele, de fato, aquilo a que as religiões tradicionais chamam de alma (Espírito)? Sim, os religiosos, ao longo dos séculos, espiritualistas que são, sempre sustentaram a existência de um elemento-espiritual na constituição humana. Pois muito bem, já se provou a existência deste princípio imaterial no homem?

Não se trata de mera questão bizantina, como poderia parecer à primeira vista. Não é uma pergunta que não tenha a sua razão

de ser. Pois, se a resposta for positiva, nosso modo de vida, nossa maneira de ver as coisas, de encarar as pessoas e reagir diante das situações, quer dizer, nossa compreensão da vida, do mundo e mesmo do Universo será totalmente diversa do caso de a resposta ser negativa. O sim ou o não podem imprimir diferentes estilos de vida ao nosso viver de cada dia.

Se os materialistas têm razão, quando afirmam que o homem não passa de um aglomerado de células, que ele não passa de nervos e músculos, de sangue e ossos — por mais bem engendrado tenha sido tudo isto por obra e graça de um acaso feliz, por mais bem adaptado que tenha sido pelo processo da seleção natural, na esteira dos séculos e dos milênios — então o homem se desfaz em pó e cinzas, ao nível do cemitério, quando a morte — inevitável! — chega!... E se assim é, então o que importa, em última análise, é gozar ao máximo os prazeres da vida frívola. Mesmo se, para tanto, devamos prejudicar o próximo, dando-lhe boas rasteiras, atirando-lhe aos olhos espuma de água e sabão, dele tirando todo proveito possível, em nosso exclusivo benefício porque... depois... ora depois... depois sobreviria o nada. Nada mais que o nada!

Contrariamente, se a razão está com os religiosos, ou pelo menos com aqueles que aceitam a existência de um princípio espiritual no homem, independentemente de pertencer a esta ou àquela igreja tradicional, então a vida passa a ter outro significado. O viver terreno não passa de um rapidíssimo minuto, em face da Eternidade. Por isso mesmo, de mais alto deveremos encarar até as próprias desventuras que, porventura, estejam em nossos caminhos e em nossos corações!

Caso a natureza humana exiba também um Espírito, sobrevive ele ao fenômeno irrecorrível da morte? Por outras palavras, continuaremos a existir, teremos consciência de nós mesmos, depois da morte? Os nossos entes queridos, familiares ou amigos, vivem no Grande Além? Com eles nós nos encontraremos um dia? Afinal de contas, há alguma forma de vida para o Espírito, depois da morte do corpo?



E mais, se a vida prossegue além do jazigo, teria o morto condições de pôr-se em contacto com os vivos? É possível a comunicação mediúnicamente? Este contacto mediúnico poderia explicar alguns (pelo menos alguns) casos de doenças mentais, para as quais a ciência oficial se mostra ineficaz? Tal contacto do Espírito do defunto sobre o corpo e sobre a alma de um vivo poderia contribuir para a melhor compreensão do processo obsessivo, de algumas alucinações, de certas anomalias psíquicas, de determinados vícios que tanta dor semeiam no coração humano?

Mais ainda, poderia o Espírito reencarnar, como admitem os orientais há séculos, isto é, poderia tomar um novo corpo para novas experiências na Terra? E o relacionamento social dentro da sucessão destas vidas terrenas anteriores poderia dar-nos alguns possíveis subsídios para explicar a causa pro-" funda e remota de atuais distúrbios da personalidade?

Afinal, quem somos? Eis em síntese o que pretendemos examinar no decurso da primeira parte do nosso livrinho.

## CAPÍTULO II

### CÉREBRO VERSUS INTELIGÊNCIA

Ressaltemos logo de início que não nos prenderemos, neste estudo, ao conceito vulgar de inteligência, segundo a qual é entendida como apenas aquela faculdade que permite ao indivíduo ser capaz de armazenar conhecimentos escolares. Comumente, quando se fala em inteligência, pensa-se logo em uma pessoa que fale diversos idiomas, domine as ciências matemáticas, foi aluno brilhante nos colégios onde estudou, saiu-se bem nos exames que se submeteu, tem pronta resposta para qualquer pergunta que se lhe faça.

Não é exatamente a este tipo de inteligência que nos referimos, não. Olhamo-la por seu conceito bem mais amplo, como sendo a faculdade de compreender. Uma coisa é o conhecimento meramente intelectual, para cuja formação e refinamento, sem dúvida, muito contribuem os estudos escolares e o autodidatismo. Outra coisa, bem diferente, é o conhecimento sensível decorrente da percepção externa, propiciada pelos órgãos sensitivos (ouvidos, olhos, tato..) e que se amplia graças à associação de ideias, à memória, à imaginação criadora, ao juízo e raciocínio, quer dizer, funções mentais superiores. Como se observa, pois, neste livrinho, por inteligência entenderemos a consciência em si mesma. Graças a ela, o indivíduo concebe a realidade conseguindo, assim, compreendê-la, de acordo com os dados também de sua própria experiência anterior.

Embora todos os órgãos vitais coração, fígado, pâncreas, rins... sejam importantes para a manutenção da vida orgânica e psíquica, cada um executando a contento as suas respectivas funções em estreita harmonia com o funcionamento de outros mais, na intrincada inter-relação que existe no corpo inteiro, o que sem dúvida caracterizaria, de um modo mais globalizante, a vida humana seria a atuação permanente da inteligência, tal como a procuramos conceituar antes. Mercê de seu poder de síntese e, ao mesmo tempo, de análise, é que o homem se situa não só em relação a si mesmo mas também relativamente a todo o meio que o rodeia, e do qual é ele também uma parte integrante.

É de esperar que esta capacidade de discernimento das coisas e de adaptação às variações ambientais varie em decorrência de vários fatores como os hormônios, a educação recebida na infância, a atividade funcional, os padrões da comunidade, as ideias religiosas, os princípios filosóficos ou morais, etc... No entanto, é ela inerente a todo ser humano; de certa forma aparece em muitos animais, daí ser estudada desde o século passado pela Psicologia Experimental.

Então, cabe perguntar: Onde estaria situada a inteligência?

Qualquer aluno da escola elementar sabe que a sede da digestão dos alimentos está sobretudo no estômago. Do movimento do sangue, no músculo do coração. Da filtração urinária, nos túbulos renais. Das trocas gasosas, nos alvéolos pulmonares. Enfim, cada função biológica tem o seu órgão correspondente. Mas, e as funções psíquicas? A inteligência? Onde estaria a sua sede central?

De pronto os materialistas respondem situar-se justo no cérebro, já definido por Tilney como sendo o órgão diretor do corpo, o regulador da Vida, a fonte de todo o progresso humano. Todavia, um estudo mais profundo da questão, um exame mais minudente deste órgão nobre, a análise desapassionada de inúmeras pesquisas não fornecem subsídios para esta definitiva conclusão.

É bem verdade que este órgão do sistema nervoso central apresenta determinadas regiões responsáveis pela compreensão, globalizante das informações coletadas pelos órgãos dos sentidos. Que apresenta outras regiões responsáveis pelo funcionamento de certas glândulas e que desempenham papel preponderante na fisiologia dos músculos estriados ou voluntários. É certo também que nele, e em outros órgãos do S.N.C, existem zonas responsáveis pelo desempenho de funções vitais como os batimentos cardíacos, o ritmo respiratório, a manutenção da temperatura corporal, etc... Tanto assim que um simples insulto cerebral, em decorrência de uma circulação deficiente, um vaso sangüíneo que se rompe e deixa de levar a cota de glicose ou de oxigênio a um determinado grupo de neurônios; ou a presença de um germe patogênico ou de um tumor maligno indesejável — um simples insulto cerebral, portanto, pode comprometer a saúde do indivíduo, a harmonia de suas funções mentais, até mesmo a própria vida.

No entanto, até hoje ainda não se localizaram regiões responsáveis por sentimentos como o ódio e o amor, a satisfação e a euforia, a abnegação e o egoísmo. Caiu por terra a teoria das localizações cerebrais segundo a frenologia de Gall. Só porque várias das mais bulhentas pessoas suas conhecidas tinham bossas proeminentes atrás das orelhas, este médico alemão, no início do século 19, aí localizou o centro da combatividade. Como notasse uma saliência nas fontes de um menino-prodígio aos 5 anos de idade, naquela área situou Gall o centro da musicalidade. E assim fez como que um pequeno mapa das faculdades mentais procurando localizar a sede do sentido de tempo, da constância da amizade, da disposição para imitar, dos cuidados com a prole, da capacidade de amar, coisas assim. Escusado declarar que tal teoria, hoje, é apenas uma curiosidade na história da ciência médica. Ninguém a poderia levar a sério, pois no cérebro não foram absolutamente descritas áreas onde se radiquem a associação de ideias, o raciocínio, o discernimento, o senso moral. É como se as faculdades superiores da inteligência se radicassem fora do corpo, fora mesmo do universo tridimensional. Apenas se valesse do referido órgão para manifestar-se no plano onde vivemos. Ressaltemos que não estamos solitários em nossa posição. Há mais quem pense assim. Vejamos exemplos.

Alexis Carrel anota em seu famoso livro *L' Homme, Cet Inconnu* (O Homem, Este Desconhecido) estas oportunas frases: "As atividades mentais dependem das fisiológicas. As modificações orgânicas correspondem à sucessão de nossos estados de consciência. Inversamente, fenômenos psicológicos são determinados por certos estados funcionais dos órgãos. O espírito é a mais colossal potência do mundo. E' ele produzido pelas células cerebrais como a insulina o é pelo pâncreas? Quais são nas células cerebrais os precursores do pensamento? A expensas de que substâncias ele se elabora? Vem de um elemento preexistente como a glicose provém do glicogênio e a fibrina a partir do fibrinogênio? Ou, ao contrário, é preciso considerar o pensamento como um ser imaterial, existente fora do tempo e do espaço, fora das dimensões do universo cósmico, inserindo-se por processos desconhecidos em nosso cérebro, que seria a condição indispensável de suas manifestações e determinante de seus caracteres?"

Arremata Carrel admitindo sermos um composto de tecidos, órgãos, líquidos e consciência. Mas as relações da consciência com as células cerebrais ainda são, segundo ele, um mistério. "Dizer que as células cerebrais — em sua opinião — são de fato sede dos processos mentais é uma afirmativa sem valor, pois que não há meio de observar a presença de qualquer processo mental em seu interior."

Semelhante discussão, em última análise, se prende àquela que se relaciona com a essência da vida. No compêndio escolar *The Study of Biology* (O Estudo da Biologia), por exemplo, Baker e Allen declaram que um organismo vivente pode ser interpretado como sendo um bem organizado e altamente complexo sistema químico. Mas, ao se reduzir o estudo da vida ao estudo das reações físicas e químicas individuais, surge a pergunta inevitável: Onde termina o que é vivo em um organismo e onde começa o não vivo? Ou, em outras palavras, quando é que um agregado de moléculas deixa de ser meramente uma mistura de ordem química e se torna um ser vivo? O mesmo estamos colocando aqui agora, confrontando o cérebro e a inteligência. A resposta a esta indagação irá responder à pergunta feita inicialmente: Haveria no homem algo além do corpo material?

Henri Bergson no livro *L'Âme et le Corps* (A Alma e o Corpo) adianta que a inteligência, o pensamento não podem ser produtos da matéria. "Porque certo parafuso é necessário a determinada máquina, como a citada máquina funciona quando se coloca o parafuso, e deixa de fazê-lo quando o tiram, ninguém poderá declarar que o parafuso seja equivalente à máquina. Ora, exclama Bergson, a relação entre a consciência e o cérebro é como o parafuso para a máquina."

Claude Bernard, o respeitável Pai da Fisiologia Experimental, o descobridor da função glicogênica do fígado, por seu turno, assevera: "A matéria organizada do cérebro, que manifesta fenômenos de sensibilidade e de inteligência próprios ao ser vivo, não tem, do pensamento e dos fenômenos que ela manifesta, mais consciência do que a matéria bruta teria de uma máquina, de um relógio, por exemplo, que não possui consciência dos movimentos que manifesta ou da hora que indica. Assim também os caracteres de impressão e o papel não têm consciência das ideias que reproduzem."

Finalizando, como que a responder a Cabannis, Vogt e outros, que alegavam que o cérebro segregaria o pensamento tal como o fígado elabora a bile e os rins, a excreção urinaria, Claude Bernard afirma:

"Assegurar que o cérebro segrega o pensamento seria o mesmo que dizer que o relógio segrega a hora ou a idéia de tempo."

## CAPÍTULO III

### INTELIGÊNCIA SEM CÉREBRO

O paralelismo psicofisiológico faz depender a vida psíquica dos órgãos sensoriais. Faz depender os fenômenos psicológicos e intelectuais (afetivos e até morais) do cérebro, dos órgãos dos sentidos, dos hormônios das glândulas internas, do patrimônio genético. Enfim, ele faz com que se estabeleça o primado da matéria do corpo somático sobre a inteligência que, no homem, se manifesta. Dentro deste princípio, não haveria exagero nem contradição quando se preceitua terapia materialista com a adoção de drogas e o aconselhamento psiquiátrico, para cura das doenças mentais. Sem perder de vista, porém, os aspectos orgânicos e sociais que existem e exercem marcante influência sobre o homem, chamaremos, no entanto, a atenção dos leitores para a existência de algo mais na personalidade humana. E para justificar nossa posição, nada melhor do que a citação de casos, de exemplos, de ocorrências, e depois refletir sobre eles. Contra fatos não há argumentos! Prossigamos.

Vem desde a antiga Grécia de Aristóteles o aforismo declarando que *nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*. Traduzindo deste latim clássico para nosso linguajar corrente: nenhuma noção chegaria ao conhecimento que não tenha passado, primeiramente, pelos órgãos dos sentidos. Mas, cabe perguntar: Seria sempre assim? O conhecimento para atingir a inteligência teria de passar forçosamente antes pelos sentidos corporais?

## I - O DOM DA PROFECIA

Pessoas há que têm o dom de prever o futuro (precognição ou premonição), fazendo-o com muita propriedade e acerto. Chegam a dar detalhes das ocorrências futuras. Um exemplo por demais conhecido é o de Nostradamus (1503-1566) que vaticinou: ascensão e declínio de Napoleão Bonaparte, incêndio de Londres em 1666 e a peste que a assolou no ano anterior, o fim trágico de Luiz XVI e de Maria Antonieta, relatos sobre Henrique II da França e sobre Carlos I da Inglaterra, sobre Pasteur, acerca da Guerra Civil Espanhola (1936 a 39), até mesmo a respeito da II Guerra Mundial (1939 a 45), inclusive as explosões termonucleares sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasáqui. Outro exemplo deveras conhecido é o de Jeanne Dixon, conhecida vidente de nossos dias, que profetizou a morte de Roosevelt (1945), de Gândi (48), de Churchill (65) bem como o assassinato de John Kennedy, em D alias, no Estado do Texas, em 22 de novembro de 1963.

Às vezes, este conhecimento se obtém através de um sonho. Vejamos um exemplo, extraído do livro *Vida sem Morte?*, do sueco Nils Jacobson. Uma certa mulher acordou seu marido, determinada noite, para contar-lhe um sonho horrível. Ela vira um grande lustre cair sobre uma criança e matá-la, enquanto o relógio do quarto marcava 4,35. O marido riu de sua angústia quando ela levou o filho para a cama do casal. Mas não pôde rir duas horas depois quando se ouviu um baque do lustre no quarto da criança, cujo relógio marcava 4,35. O lustre caía exatamente sobre a cama do filho.



## II - SONHOS INTELIGENTES

Charles Richet, o criador da Metapsíquica, no século passado, e que será muito citado neste nosso livrinho, no seu trabalho *A Grande Esperança*, já admitia que às vezes a inteligência humana pode conhecer certas realidades sem que este conhecimento possa ser atribuído à sagacidade, ao acaso ou a percepções sensoriais normais e anteriores. Os sonhos inteligentes são bem a prova disto. Há inúmeros exemplos. Por uma questão de espaço só veremos alguns, ligeiramente. O mesmo Richet no mesmo livro citado relata o seguinte: O Cavaleiro de

Figueiroa narra à esposa, em agosto de 1919, que sonhava que, ao fim de uma longa estrada, encontrou uma cabana. Um camponês o convidara a entrar. Sobre sua cabeça havia um chapéu preto. Entraram na estrebaria; ao fundo, havia uma escada de pedra e um jumento impedia a passagem. No alto da escada havia um quarto com cebolas dependuradas do teto e neste cômodo estavam três mulheres, uma velha, uma jovem e uma garota. Dois meses depois este mesmo senhor foi convidado a servir de testemunha de um amigo seu, em um duelo. Chegando a Murano, na Sicília, localidade que o Sr. Figueiroa sequer conhecia de nome, vê a realização integral de seu sonho, ou seja, o quarto, o camponês, o chapéu, o jumento que teve de ser afastado para atingir o cômodo, e, ali, as três pessoas do sexo feminino.

Novos sonhos inteligentes podemos citar ao longo da História.

Na Roma Antiga Calpúrnia sonhou com o assassinato de Júlio César, no Senado. Chegou a avisá-lo, mas ele, não dando crédito à esposa aflita, acabou sob os punhais do próprio enteado Bructus e seus asseclas.

O poeta italiano Petrarca sonhou com a morte de seu grande amigo, o bispo de Colona; e o fato realmente se deu, pouco depois.

O presidente dos Estados Unidos, Abraham Lincoln, sonhou com sua própria morte.

A esposa de um professor de Rhine (sim, de Rhine, o Pai da Moderna Parapsicologia, na Duke University) sonhou com o suicídio de um irmão, o que estava ocorrendo naquela madrugada, sem o conhecimento da família, numa fazenda distante.

Na opinião de Fehr, a maioria dos descobrimentos dos sábios é feita em sonho. Kalkulé quer saber qual a fórmula do benzeno. Esforça-se por escrevê-la arrumando os átomos do carbono e do hidrogênio e nada consegue. Dorme e sonha com duas cobras, uma devorando a outra, numa forma fechada. Acorda e descobre a solução para sua pergunta.

Na vida do cientista negro George Washington Carver, segundo o confrade Hermínio Corrêa Miranda, já foi registrado um lance interessante a respeito. Trabalhava ele no Instituto de Tuskegee e andava pesquisando como fazer uma lixa. Teve então um sonho providencial. Sonhou que encontrava uma oficina ambulante, uma espécie de vagão, onde havia um homem colocando uma roda no veículo. Carver chegou-se ao estranho e expôs o seu problema. Indagou do desconhecido se ele poderia auxiliá-lo. O outro respondeu que sabia como fazer mas deu a informação de má vontade, como quem não estivesse desejando conversa. Querendo captar a simpatia do outro, Carver contou como fazia para obter, infrutiferamente, a lixa. Depois de ouvi-lo, o homem, sempre ocupado em trocar a roda do veículo, respondeu:

— Está tudo certo, mas você se esqueceu de ferver a areia. No dia seguinte o cientista Carver aprendeu a fazer a lixa corretamente.

Se o homem se restringisse apenas a um corpo de carne-e-osso, como tais fatos poderiam ser explicados? Não; no homem há um Espírito encarnado. Defendendo nossa tese, vejamos a seguir casos de pacientes que, embora exibissem graves lesões na área cerebral, continuaram com reações normais.

### III - LESÕES CEREBRAIS NÃO IMPEDEM A MANIFESTAÇÃO INTELIGENTE

Há na literatura especializada apreciável quantidade de casos de pessoas cujos cérebros sofreram gravíssimos insultos e que, nem por isto, deixaram de manifestar perfeita inteligência. Assim é que, citando uma revista alemã, Ernesto Bozzano assinala que durante a I Grande Guerra Mundial diversos soldados tiveram seus cérebros esfacelados por estilhaços de granada, com abundantes perdas de matéria encefálica e que — apesar disto — conservaram, depois de restabelecidos, as suas faculdades mentais. Um suboficial da guarnição de Antuérpia, que fazia dois anos padecia de insistente dor de cabeça, continuou sempre cumprindo suas obrigações militares. Com sua morte súbita, ao ser procedida a devida necropsia, descobriram os médicos que seu cérebro apresentava um enorme abscesso de evolução lenta e insidiosa, reduzindo-lhe o órgão a uma verdadeira papa de pus! Mais recentemente a imprensa dizia que uma garota de 10 anos de idade, ao sofrer ablação do hemisfério cerebral esquerdo, no Instituto da Universidade de Buenos Aires, concedeu entrevista à imprensa, respondendo com naturalidade às perguntas que lhe foram formuladas, manifestando — está visto — inteligência, à despeito da enorme cirurgia que sofrerá!

Informa Dr. Henri Bouquet, no comentário *Le Paradoxe du Cerveau* (O Paradoxo do Cérebro), lançado em *Le Temps*, de Paris, em 15/11/35, que um telegrama procedente da Tchecoslováquia dava conta de que um operário fora gravemente ferido na cabeça; apresentava aí uma abertura de 12 centímetros, por onde escoara grande quantidade de massa cerebral. Sem esperança de salvá-lo, os médicos limitaram-se a limpar a ferida para extração dos fragmentos de ossos deixando, depois, tudo como estava. Ora, qual não foi então o espanto dos médicos quando o paciente, pouco depois, reagia tão bem que pedia alimentos e entretinha conversação com os que o cercavam!

Mais surpreendente ainda é o caso da menina que lia com a ponta da orelha! Com a ponta da orelha?! Sim, com a ponta da orelha! O fato se deu em 1882, quando um neurologista descobriu uma jovem italiana que podia ver com a orelha esquerda e com a ponta do nariz, além de poder cheirar com o queixo. No início da puberdade, ela começou a registrar distúrbios graves e, em breve tempo, ficou cega. Desde então passou a ver tão bem com o lóbulo da orelha como com a ponta do nariz. O cheiro, por exemplo, de um frasco de amoníaco, ela o percebia, não pelas fossas nasais, porém na ponta do queixo (mandíbula, portanto!). Mais tarde, esta sensibilidade olfativa desenvolveu-se de tal maneira que passou a sentir odores no calcanhar. A tal ponto que, se ali fosse posto um cheiro desagradável, a perna se contorcia e se afastava rapidamente!

Diante de tudo isso, vemos que o cérebro, sem dúvida alguma, é importante na fisiologia humana. Tem ele, é verdade, destacado papel na correlação das funções e na compreensão da realidade exterior e mesmo dos fatos internos ou de observação introspectiva. No entanto — a vida mental não é um mero produto do cérebro. A vida mental se manifesta através dele, com o concurso dos órgãos sensitivos. Mas não é, em absoluto, dele originária. A inteligência é um atributo do Espírito; e o cérebro é um instrumento de sua exteriorização enquanto o referido Espírito habita o corpo material. Nas condições normais e habituais, a inteligência, como patrimônio da alma imortal, se externa através do equipamento cerebral havendo, então, uma interdependência entre o Espírito e o corpo físico. Todavia, esta dependência não é de todo absoluta. Este relacionamento não é constante. Pode admitir formidáveis exceções, que deixam clara a existência de um princípio imaterial na constituição humana. Tanto é assim que Price, da Universidade de Oxford, já proclamara, em 1965, que não há nada de contraditório na hipótese de que memórias, desejos e imagens possam existir sem o cérebro físico.

De igual modo, o parapsicólogo sueco já citado antes, Nils Jacobson na obra *Vida sem Morte?*, discorrendo sobre a reciprocidade da psique e do cérebro, analisou assim a questão:

Não se provou a possibilidade de localizar-se definitivamente a consciência em qualquer ponto do cérebro, nem parece que as células nervosas tenham diferentes propriedades fisiológicas que as das outras células. Além disto, não parece existir qualquer diferença crucial entre as células nervosas da coluna vertebral .(que não se supõe portadoras do consciente) e as células do córtex cerebral (que muitas vezes se considera guardarem as formas superiores da consciência). Alguns acham que o cérebro produza as condições necessárias à atividade consciente, mas acrescentam que isto, por si só, não causa a consciência. E fazem uma comparação muito interessante: o aparelho de tevê é essencial para que as pessoas vejam um dado programa, mas ele não causa o programa, que permanece no ar ainda que o aparelho seja desligado! O cérebro, na opinião do referido pesquisador sueco, funciona como um transmissor-receptor, fazendo a comunicação entre o corpo e o campo mental, sendo que este último poderia funcionar independentemente do cérebro — e até mesmo depois da morte do cérebro material.

## CAPÍTULO IV

### DESPRENDIMENTO OU DESDOBRAMENTO

Outro elemento comprobatório da existência de algo imaterial no homem é o desprendimento ou desdobramento. O Espírito se desprende temporariamente do corpo e vai atuar à distância, atuação esta algumas vezes presenciada por diversas testemunhas. Como sempre, o exemplário é enorme e variado. Veremos apenas alguns, ligeiros exemplos, já que nosso escopo, neste livrinho, é outro. E para que não se diga seja tudo isto simples invencionice dos espíritas, vejamos casos dados nos arraiais da própria Igreja Católica.

#### I - TESTEMUNHOS NO SEIO DA IGREJA CATÓLICA

Um fato se relaciona com Afonso da Liguori. Encerrado em Arezzo, abster-se de alimentos, permanecendo quieto em sua cela. Cinco dias depois, despertou pela manhã afirmando ter visto os últimos momentos do Sumo Pontífice (setembro de 1774). Posteriormente, suas palavras foram comprovadas — ele fora visto, de fato, assistindo à agonia do Papa Clemente XIV.

Antônio de Pádua (ou de Lisboa) não poderia ser esquecido. Um primeiro fenômeno deu-se quando ele pregava, na 3a. feira santa de 1226, na Igreja de São Pedro de Orveyroix, em Limoges. Lembrou-se, subitamente, que deveria, naquela mesma hora, officiar num mosteiro, no outro lado da cidade. Pois bem, cobriu-se com o capuz e ajoelhou-se durante alguns minutos, enquanto a congregação esperava reverentemente. No mesmo momento, os monges reunidos no aludido convento distante viram-no então sair da capela, ler no ofício religioso o texto designado e desaparecer em seguida. Mas há outra ocorrência mais interessante ainda do que esta. Em Espírito se exterioriza do corpo físico, vai a outro local para onde se desloca a fim de realizar a "materialização" (ou ectoplasma) do Espírito de um homem assassinado, com isto evitando a condenação de seu pai à pena de morte. Vale a pena a gente recordar os detalhes. Um amigo e vizinho do seu genitor, por inimizade, matou um certo moço de importante família. E escondeu o cadáver justo no quintal do pai de Antônio. Feitas as investigações, encontraram o corpo da vítima e o velho pai do sacerdote se viu envolvido no processo judicial.

E terminou condenado à morte, como cúmplice do delito. Ora, nesta mesma ocasião Santo Antônio estava em Pádua onde, por via mediúnica, soube que o pai iria ser decapitado. Ato contínuo, deixou de pregar por uns instantes. O corpo arrimou-se no púlpito, imobilizado, como se estivesse a dormir. E foi aparecer exatamente em Lisboa, no adro da sé, onde se achava a sepultura da vítima, detendo aí o cortejo da Justiça. Chegando à cova, Sto. Antônio fez com que o Espírito do defunto se materializasse e narrasse de viva voz toda a verdade sobre o fato. E todos viram o defunto erguer-se da tumba, prestar os devidos esclarecimentos e depois cair morto outra vez!

Impossível melhor prova da existência da alma, da sobrevivência do Espírito após a morte, da comunicação dos defuntos com os homens!

Liberto o pai, Antônio de Pádua prossegue o seu sermão, desculpando-se junto ao público do seu cochilo. E esclareceu que estivera em Lisboa para livrar o pai da força,, etc... Houve quem, incrédulo, não lhe desse crédito, porém, tendo-se escrito para Portugal, os descrentes obtiveram plena confirmação do que ele afirmara! Fatos assim levaram, naturalmente, Santo Tomás de Aquino a escrever esta frase em sua famosa Summa Teológica: "O Espírito pode aparecer aos vivos. E Santo Agostinho a anotar em sua obra De Cura pro Mortuis estas palavras: Por que não atribuir esses fatos aos Espíritos dos finados, e deixar de acreditar que a Divina Providência faz de tudo um uso acertado, para instruir os homens, consolá-los e induzi-los ao Bem?"

Poderá algum leitor objetar serem semelhantes casos suspeitos por provirem da Igreja Católica, querendo casos pesquisados fora do ambiente religioso que, naturalmente, admite a existência da alma. Perfeitamente! Há casos mais recentes, analisados por cientistas famosos em ambientes onde não havia, de modo algum, a pré-aceitação religiosa da existência do Espírito. A literatura a respeito é enorme: apenas estamos citando alguns exemplos ilustrados. Sendo assim, prossigamos então.

## II — TESTEMUNHOS FORA DO SEIO DA IGREJA CATÓLICA

Comecemos com um relato de Paulo Gibier no livro *Análise das Coisas* e que também é citado em *Les Vies Successives* (As Vidas Sucessivas) pelo Coronel Alberto Augusto de Rochas. Isto sé deu em 1887. Certo dia o jovem M.H., de uns 30 anos de idade, filho de um escocês e de uma russa, artista gravador de talento, regressou ao lar por volta das 22 horas quando, de súbito, se viu apoderado de um sentimento estranho de prostração. Decidido, no entanto, a não adormecer imediatamente, acendeu a lâmpada, colocou-a sobre a mesa de cabeceira, perto do leito, tomou de um charuto, acendeu-o, aspirou algumas fumaças e estendeu-se numa espreguiçadeira. No momento em que virava de costas para melhor acomodar-se, eis que passou a perceber que estavam à roda os objetos próximos, estando, ele mesmo, experimentando uma espécie de vácuo ou atordoamento. Depois, inesperadamente, se sentiu transportado para o meio do quarto. Surpreso com tal deslocamento, mais surpreendido ficou quando viu seu corpo estendido no sofá, suavemente, sem rigidez, segurando o charuto aceso.

A primeira ideia que teve foi a de que talvez estivesse a dormir e a sonhar. Mas em seguida notou que aquilo não se tratava de simples sonho, não! A realidade era intensa demais para ser um simples sonho. Supôs-se, então, morto! Morrera e, como dizem que há Espíritos, acreditou que ele também se tornara um deles. Viu-se assaltado por uma espécie de ansiedade e pesar diante de tantas coisas inacabadas! Foi neste estado que se aproximou de seu corpo somático, considerando ver nele apenas o seu cadáver. Um espetáculo inacreditável, no entanto, lhe foi dado observar: contemplou-se a respirar, dentro do peito o coração pulsava lentamente mas com regularidade. E o sangue a correr em suas veias e artérias. Compreendeu que talvez tivesse sofrido apenas uma síncope e aí receou que, ao voltar à consciência, talvez se esquecesse de toda aquela aventura.



Mais animado, olhou em derredor como que a perguntar-se até quando iria durar aquilo tudo. Reparou na lâmpada acesa e percebeu que ela estava muito perto da cama, poderia sua chama causar um incêndio. Correu a torcer o dispositivo para apagá-la. Sentiu o botão da chave, todavia, por mais que desse voltas aos dedos, para apagar a luz, os dedos se moviam sem qualquer efeito sobre o pequeno botão.

Procurou, então, examinar-se a si mesmo. Viu-se como que vestido de branco. Sua mão atravessava perfeitamente aquele corpo vaporoso. Colocou-se diante de um espelho e aí — para maior surpresa — reparou em que sua vista não encontrava obstáculo nas paredes. Podia ver, com perfeição, o que havia nos cômodos de sua casa e até mesmo no interior da casa ao lado. Ocorreu-lhe a ideia de penetrar na casa deste vizinho, a quem não conhecia direito. Bastou ter este pensamento e ei-lo dentro da residência ao lado, cujo proprietário, na época, estava ausente de Paris. Como chegara até lá não saberia dizê-lo. Apenas julgou que teria atravessado as paredes tão facilmente como o fizera com a vista. Uma vez no quarto do vizinho, examinou os quadros, gravou bem o seu aspecto na memória, dirigiu-se à biblioteca onde anotou com o máximo cuidado tudo o que ia vendo, como os títulos dos livros que estavam colocados numa prateleira à altura dos olhos.

E assim, para mudar de lugar, era-lhe bastante querê-lo pois, sem esforço, achava-se onde desejava ir. Desta maneira, andou longe, foi até a Itália. No dia seguinte, acordou às 5 da manhã, no sofá, rígido, frio, segurando ainda a ponta do charuto entre os dedos. A lâmpada apagara, esfumaçando o tubo. Atirou-se ao leito sem poder dormir inicialmente, fazendo-o em seguida até quando, dia claro, acordou de vez! No mesmo dia conseguiu com habilidade penetrar na casa do vizinho. Arrumou uma desculpa qualquer e o porteiro inclusive o levou até à biblioteca. E o nosso herói M. H. pôde ver, enfim, que ali estavam os quadros, os objetos, os livros na prateleira da estante, tudo como ele observara na noite anterior, em seu desprendimento.

Não é interessante este caso relatado por Paulo Gibier? Acerca deste pesquisador, devemos declarar que foi um interno dos Hospitais de Paris, na qualidade de médico atuante, naturalista do Museu de História Natural e discípulo de Pasteur. Convidado pelo Governo dos Estados Unidos da América do Norte para fazer parte de um grupo de cientistas para investigar tais fatos supranormais, ele mesmo declarou que, a princípio, tinha a convicção de que iria desmascarar uma colossal mistificação. Rendeu-se, porém, com seus companheiros, ante a realidade dos fenômenos, e com toda honestidade exclamou: "Podemos ter provas materiais da existência da alma".

Nada obstante, vejamos mais exemplos.

Em junho de 1928 o Sr. L. H. Hymans relatou a Carlos Richet os seus desdobramentos. Sobre um deles relatou que estava em Londres numa hospedaria quando, certa manhã, acordou adoentado do coração. Com grande espanto, viu-se suspenso no ar, à altura do teto, donde contemplava aterrado, o seu próprio corpo inerte, de olhos fechados. Tentou de novo "entrar" no corpo e, como não o conseguisse, supôs-se morto. Entrou a imaginar quanto transtorno sua morte não iria acarretar ao pessoal da hospedaria. Quanto sofrimento não causaria aos parentes e amigos. Inquietou-se sobre seus negócios enquanto contemplava seu corpo como um objeto à parte!

Tentou sair do aposento mas não conseguiu. Uma ou duas horas depois percebeu que lhe batiam à porta (fechada à chave) sem que ele pudesse dar o menor sinal de vida. Pouco depois apareceu na janela o porteiro da hospedaria, que até ali subira por uma alta escada. Entrou no quarto, espiou-lhe o rosto e abriu a porta. Entraram o gerente e demais empregados da casa. Veio também o médico e quando este passou a examiná-lo, o Sr. Hymans perdeu a consciência e se viu repentinamente na cama.

Vamos a outro exemplo, mais interessante ainda, relatado por Dale Owen, relativamente ao escocês Robert Bruce, em 1828. Bruce era, nesta época, com 30 anos de idade, imediato de um navio inglês, que fazia regularmente o percurso de Liver-pool a S. João da Nova Brunswick, Canadá. Certo dia em que navegava nas águas da Terra Nova, estava ocupado em seu camarote fazendo cálculos sobre longitude. Como em dado momento precisasse interpelar seu comandante em razão de dúvidas surgidas em seus resultados, terminou sendo testemunha de um fato que pôs fora de perigo um navio acidentado alguns dias nos mares gelados daquela região.

Como o comandante de seu barco não lhe respondesse às perguntas, inclinou-se a vê-lo, no respectivo camarote, vizinho ao seu. Mas ao fazê-lo, divisou alguém sentado à mesa, na atitude de quem escreve. Levantou-se Bruce donde estava e foi até ao camarote do comandante para examinar de perto aquela pessoa: aproximando-se da porta, notou que o estranho ergueu o olhar e o fixou demoradamente. Depressa, Robert Bruce subiu à cobertura para dizer ao comandante o que estava ocorrendo em seu camarote. Encontrando-o, os dois desceram às carreiras até onde estava tal intruso. Mas ali não havia mais ninguém. Somente sobre a mesa estava algo escrito. Foram ler e leram a mensagem: Navega para noroeste.

Procedeu-se a rigorosa investigação dentro do navio para conferir a letra de todos os tripulantes com a grafia ali escrita em tal mensagem. Nada descobriu-se, no entanto, de concreto. Resolveu o comandante seguir a ordem do desconhecido. Navegou para noroeste. Horas depois, eis que descobrem os destroços de um navio encalhado no gelo já algumas semanas, com grande perigo de vida para marinheiros e passageiros.

Recolhidos os acidentados, não foi difícil a Robert Bruce reconhecer imediatamente num deles o estranho que vira, antes, no camarote de seu superior. Os demais náufragos declararam que, de fato, aquele homem adormecera e que, ao despertar, afirmava a todos que naquele dia eles seriam salvos por um navio que foi descrito como acabaram vendo ser a realidade.

Amigos, mais claro que tudo isto é simplesmente impossível! ... Há, sim, no homem, um Espírito encarnado! Assim é que o Espírito daquele homem desdobrou-se, isto é, desprendeuse de seu corpo, que ficou a dormir no barco acidentado, transportouse ao outro navio onde, por escrita direta, conseguiu salvar seus companheiros e a si também, de uma situação sem dúvida alguma perigosa.

Tais desprendimentos até aqui vistos são espontâneos. Há outros que se dão por ação de anestésicos. O sábio Velpeau relatou à Academia Francesa um fato de que foi testemunha neste sentido. Em 1842 uma senhora deveria ser por ele operada de tumor de mama. A operação estava sendo efetuada pelo citado sábio quando, para seu espanto, a paciente, devidamente anestesiada pelo clorofórmio, passou a narrar o que estava se passando em casa de uma dada amiga, em local distante dali. E a surpresa de Velpeau atingiu o máximo quando soube que — tudo quanto dizia a doente — correspondia inteiramente à mais pura verdade!

Pacientes submetidos ao hipnotismo conseguem escrever, desenhar e descobrir com os olhos fechados e mergulhados na sugestão hipnótica. Conseguem ouvir à distância. Predizem o futuro. Fazem diagnóstico de doenças para as quais se mostram impotentes os recursos médicos. Quer dizer, também o sonambulismo — provocado pelo hipnotismo — dá prova da existência da alma. Para demonstrá-lo, vejamos a seguir algumas ocorrências deste gênero.

### III - SONAMBULISMO

Esquirol relata que determinado farmacêutico, durante o sono, voltava sempre à sua farmácia a fim de manipular os ingredientes, pesá-los, misturá-los, preparar os remédios... Certa ocasião um médico experimentador colocou sobre a mesa do farmacêutico uma fórmula onde um dos ingredientes, se adicionado, envenenaria quem viesse a fazer uso do remédio. O sonâmbulo, como sempre, veio ao laboratório e começou a aviar a receita. Mas quando percebeu que ali estava indicada a inclusão de um veneno, de imediato resmungou dizendo que de modo algum iria preparar aquilo: não, o médico de certo se enganara. Em sua consciência ele não poderia ter feito semelhante indicação. E não aviou a receita! Cai por terra, pois, a hipótese gratuita de que o sonâmbulo age por mera ação mecânica. No caso em pauta houve interferência do raciocínio. Houve senso de responsabilidade. Manifestou-se inteligência.

Há, ainda, o caso de outro farmacêutico de Pavia, do conhecimento do professor Soave, da Universidade de Pádua, que de igual modo levantava-se todas as noites durante o sono e ia de olhos cerrados ao laboratório continuar com regularidade e precisão os trabalhos inacabados, agindo então com uma prudência e uma agilidade de que talvez não seria capaz de exibir se acordado estivesse. Portanto...

Outro caso digno de referência, retirado da Enciclopédia Francesa, é de um padre que, também em transe sonambúlico, escrevia os seus sermões. Outro experimentador colocou, entre os seus olhos e o papel sobre o qual escrevia, um papelão bem grosso. Nem por isso o padre deixou de escrever sua peça oratória, de olhos fechados!... E há o caso do sonâmbulo que via a hora do relógio que era colocado na altura de sua nuca. Ou no estômago. E há ainda o caso de outro que dizia como estava funcionando o seu organismo, prescrevendo remédios para a sua doença, que, aliás, não era deludida por seu médico, mediante o tratamento convencional. Como está percebendo o leitor, é um nunca acabar mais de vários casos, de diversos exemplos, todos documentados, estudados, registrados com a palavra insuspeita de inúmeros pesquisadores europeus e norte-americanos, sempre a provar e comprovar de maneira cabal a existência da alma ou do Espírito, bem como sua ação sobre a matéria, a possibilidade de sua comunicação declaradamente clara com os vivos após a morte do corpo material.

Esta comunicação dos Espíritos com os homens será objeto de estudo do capítulo que se segue.

## CAPÍTULO V

### OS MORTOS CONVERSAM CÔM OS VIVOS

A possibilidade de os mortos conversarem com os vivos, quer dizer, a possibilidade do intercâmbio mediúnico, é atestada por toda uma tradição de toda a Humanidade. Livros Sagrados dos judeus, dos cristãos, dos indus, dos gregos, dos romanos encerram uma prodigiosa fartura de exemplos, de sorte que, por questão de espaço, deles não nos ocuparemos no presente livrinho. Em verdade, fora do ambiente religioso também se constata a presença dos mortos conversando com os homens. E não se diga seja tão estranho fato restrito a tribos selvagens, a comunidades primitivas, onde campearia a superstição, onde dominaria a ignorância, onde entraria em alta dose de credibilidade o fator credence irracional. Em absoluto não é isto que se dá! Basta dizer que existe um livro admirável de título Sessões Espíritas na Casa Branca, de Nettie Colburn Maynard, nas quais tomou parte o presidente dos Estados Unidos da América, o insuspeito Abraham Lincoln. Logo...

Ultimamente os Espíritos que, na última existência corporal, foram artistas famosos estão voltando ao cenário do mundo através da mediunidade exuberante. Assim é que em São Paulo encontramos o jovem Luís Antônio Gasparetto pintando em questão de poucos minutos quadros de Renoir, de Van Gogh, de Rembrandt, de Picasso, de Toulouse Lautrec, dos nossos patrícios Portinari e Tarsila do Amaral. Tanto como em Londres encontramos Rosemary Brown compondo páginas mediúnicas de Beethoven, de Chopin, de Liszt e outros gênios da arte musical dos últimos tempos. Os mortos de pé, despertando os homens adormecidos na descrença e no materialismo mais absorvente!

Valendo-se da mediunidade de sua esposa Anna Wickland, o doutor Carl Wickland no livro *Thirty Years Among The Dead* (Trinta Anos Entre os Mortos) relatou os seus diálogos com os Espíritos. Deste livro vamos extrair um único exemplo ilustrativo. O fato deu-se assim: Certo dia regressou ao lar à tarde e aí sua esposa manifestou estranho mal-estar. Sentia algo que ela mesma não sabia definir o que seria. Estava prestes a cair quando se empertigou e disse ao marido: — Que história é esta de você me cortar? (Ora, Dr. Wickland estivera fazendo um estudo de anatomia no colégio e dissecara a perna do cadáver de um homem de uns 60 anos de idade). Respondeu-lhe o médico que não estava a cortar ninguém. O Espírito, revoltado, insistiu: — Como não está? Você está cortando a minha perna. Diante deste pormenor, o médico viu então que estava a conversar com o dono do cadáver! E passou a palestrar com ele. Mas o defunto não queria saber de conversas. Não admitia fossem cortadas as suas carnes. Wickland procurou fazer a mulher sentar-se para ficar mais à vontade. O Espírito comunicante protestou, dizendo que ele, o doutor, não tinha o direito de tocar o seu corpo. Ao que o médico redarguiu: — Bem, mas eu tenho o direito de tocar no corpo de minha mulher.

— Sua mulher? Que é que você disse mesmo? Eu não sou mulher. Eu sou homem!

Foi-lhe esclarecido que ele havia abandonado o corpo físico e no momento estava se servindo de um médium na pessoa da mulher do médico. Que o seu cadáver estava lá no colégio, objeto de estudos anatômicos. Só assim é que ele entendeu a sua nova situação espiritual. E o médico aproveitou para explicar ainda o seguinte:

— Suponha estivesse eu agora cortando o seu corpo, lá no colégio. Isto não poderia matar você. Você está aqui.

— É, respondeu-lhe o defunto, acho que devo estar mesmo naquele estado a que se dá o nome de morto. Então, de nada me vale mais aquele corpo velho. Assim, se for para você útil aprender alguma coisa nele, corte o que desejar.



Prosseguindo no diálogo, o defunto pediu tabaco para mascar, no que não foi atendido; todavia, tal detalhe de identificação do morto serviu para Carl Wickland fazer o controle da experiência de vez que sua esposa detestava qualquer tipo de fumo e, depois, examinando melhor o cadáver, o médico verificou que o homem fora, de fato, inveterado mastigador de fumo! Concluindo seus estudos, o autor declarou que a Humanidade está envolvida pela influência dos pensamentos de milhões de seres desencarnados que ainda não alcançaram a compreensão integral dos objetivos superiores da vida. E o reconhecimento deste fato explica uma porção de pensamentos indesejáveis, emoções esquisitas, estranhos presságios, estados de depressão, irritabilidades inexplicáveis, impulsos e explosões irracionais de temperamento, paixões sem controle, enfim, inúmeras outras manifestações mentais. Ora, tal conclusão de quem lidou com os mortos durante 30 anos é muitíssimo valiosa para o estudo que será feito na segunda parte do nosso presente livrinho.

Convém notar que Wickland não é um exemplo isolado, não! Há outros autores, há mais cientistas que investigaram com carinho e atenção a possibilidade — hoje provada realidade — deste diálogo dos mortos com os vivos. Daremos mais exemplos. A esposa de Joseph Banks Rhine, sua colaboradora de Parapsicologia, na Duke University (EUA) desde 1930, elaborou um valioso livro de título Os Canais Ocultos da Mente, onde admite a intervenção dos desencarnados no mundos dos homens. Na União Soviética também foram feitos estudos neste terreno, como se pode ler no trabalho de Sheilla Ostrander e Lynn Schroeder, da Universidade de Prentice Hall, igualmente Estados Unidos da América, trabalho que recebeu o nome de Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro. Mais recentemente até de gravadores os Espíritos se valem para conversar com os vivos, como se lê no livro Telefone para o Além, publicado na Alemanha em 1967, onde o autor (Jurgenson) chega a afirmar que a prova de que o homem continua a viver depois da morte como unidade consciente é muito mais significativa, bem como o fato de que os chamados mortos podem comunicar-se conosco através do rádio e do gravador de som. Aliás, já em 1964 o mesmo autor lançava o livro The voices from space (As vozes do espaço) e Konstanti Raudive, em 68, lançava o volumoso Unhorbares Wird Horbar (O inaudível torna-se audível) que em inglês recebeu o nome de Breakthrough, discutindo três anos de pesquisas com 72.000 vozes identificadas.

Cabe então perguntar: O que vem a ser mediunidade?

Ora, investigando o tema, nosso companheiro Carlos Toledo Rizzini, no compêndio *Evolução para o Terceiro Milênio*, responde em linhas gerais o seguinte: Mediunidade, no sentido exato e usual da palavra, é a faculdade que certas pessoas têm de entrar ostensivamente em comunicação com os Espíritos e transmitir mensagens destes fora do campo pessoal. Médiun é o indivíduo que percebe, recebe e transmite a outros a influência dos Espíritos. Impõe-se a distinção entre mediunidade natural e mediunidade-tarefa. A primeira é a faculdade que se desenvolveu espontaneamente na pessoa segundo o seu nível evolutivo e reflete sua capacidade de sintonia; é uma conquista pessoal, independente de ulterior desenvolvimento pela prática. Já a mediunidade-tarefa é uma faculdade concedida a Espíritos seriamente endividados como recursos da Misericórdia Divina para ajudá-los a resgatar dívidas e apressar o seu progresso; caracteriza-se por perturbações iniciais e necessidade de desenvolvimento pelo exercício metódico, geralmente difícil; não raro, suas manifestações são violentas.

Esclarece ainda o autor citado que, segundo os clássicos, como Kardec, Denis e Delanne, a mediunidade estaria ligada a propriedades do corpo físico. Diz este último que ela é um estado fisiológico. É natural pensar assim. Não só os médiuns divergem das demais pessoas, como produzem fenômenos físicos, pois antes da encarnação receberam tratamento magnético, certamente o perispírito como que sofreu transformações sutis que se transmitiram ao corpo somático. Não fora assim, como alerta Gabriel Delanne, todo mundo entraria em contacto permanente com os Espíritos.

Emmanuel, por seu turno, em o livro O Consolador, procura distinguir mediunidade de mediunismo, pois este último seria apenas a faculdade bruta, no seu estado natural, sem estar ainda submetida à disciplina conferida pelo estudo e pela prática do Espiritismo. Mas de um modo ou de outro, o certo é que o intercâmbio com os Espíritos muito tem contribuído para o desenvolvimento humano, pois intervêm não poucas vezes no ânimo dos grandes legisladores, dos cientistas, dos inventores, dos beneméritos da raça humana, sem que eles, na maioria das vezes, disto se apercebam. Assim, ressaltou André Luiz no livro escrito pelo médium Chico Xavier de título Mecanismos da Mediunidade que em todos os continentes podemos encontrar milhões de pessoas em tarefas dignas ou menos dignas — mais destacadamente os expositores e os artistas da palavra, na tribuna, como veículos mais constantemente acessíveis ao pensamento — senhoreados por Espíritos desenfaixados do corpo material, atendendo a determinadas obras ou influenciando pessoas para fins superiores ou inferiores, em longos processos de mediunidade ignorada — fatos estes vulgares em todas as épocas da Humanidade.

Ao tempo de Carlos Richet e a sua Metapsíquica, os fatos psíquicos eram conhecidos como supranormais e aí apareciam a criptestesia, a telecinesia, a ectoplasmia, etc... etc... etc... Atualmente, deixando claro ser a mente algo não-físico, capaz de agir por via extrafísica sobre o mundo material, a Parapsicologia os considera paranormais e aí novos nomes aparecem para simplesmente nomear antigos fenômenos, como psi-kap-pa, psigama, PES ou percepção extrasensorial, etc... etc... etc... Kardec em seu O Livro dos Médiuns os catalogou como fenômenos inteligentes e fenômenos físicos, já conhecidos pelo Espiritualismo desde priscas épocas, cabendo, no entanto, justamente ao Espiritismo científico, na segunda metade do século 19, mediante experimentos devidamente controlados, demonstrar a existência do Espírito, sua sobrevivência à crise da morte e do corpo e sua comunicação, quando possível, com os homens através de um médium.

## I - NATUREZA DO ESPÍRITO

A descrença dos Espíritos reside na ignorância a seu respeito. Eles são em geral tidos como seres à parte da Natureza. Como muito bem comenta o Codificador em O Livro dos Médiuns, tal incredulidade baseia-se no fato de muita gente só conhecer os Espíritos das histórias fantasiosas. Casas mal--assombradas. Fantasmas. Almas Penadas. Influências maléficas das almas doutro mundo. Proteção amorosa de anjos com asas. Coisas que, em verdade, não fariam outra coisa senão levar homens sérios ao descrédito, à descrença, ao negativismo. Tanto como levar pessoas ingênuas e crédulas ao temor, à superstição, à credence, a ponto de cair no ridículo. Ora, os Espíritos nada mais são do que os homens sem o corpo material. Assim, os Espíritos de hoje, ontem, foram vivos em carne--e-osso como nós. Um dia nós também seremos habitantes do mundo espiritual. Todos nós, após o derradeiro e definitivo desprendimento, seremos (queiramos ou não) almas doutro mundo!

Os Espíritos não são todos iguais em conhecimento nem em moralidade. Graças a seus esforços pessoais ao longo do tempo, eles diferem ocupando diversos graus evolutivos morais e espirituais. Uns são mais evolvidos, mais adiantados, dotados de maior soma de conhecimentos, de melhores sentimentos. Outros são mais inferiores, têm pouco ou nenhum conhecimento, exibem sentimentos menos dignos. Nem poderia ser de outra maneira. Neste mundo onde vivemos não há homens probos, homens honestos, trabalhadores, inteligentes, ao lado de tantos outros desonestos, levianos, preguiçosos, intrigantes, cheios de malícia e de maldade, de ódio e orgulho, com vícios feios, com dolorosas viciações? Tanto como entre nós, encarnados, variam os Espíritos ao infinito. Ademais, a morte não significa, de jeito algum, passaporte para o céu numa santificação obtida por favoritismo. Nem nos abre as portas do conhecimento integral sobre todas as coisas. Uma única coisa é certa: todos, tanto os homens na Terra como os Espíritos no espaço, estamos submetidos à Lei do Progresso. Destarte, os que hoje estão na categoria de Espíritos impuros, amanhã, por seu esforço, por seu trabalho, poderão perfeitamente galgar as classes de Espíritos bons, atingindo, mais tarde, a condição de Espíritos superiores.

Pois a Lei do Progresso é a todos extensiva, dela ninguém se furta ad aeternum, indefinidamente! Por conseguinte, não há demônio. Não há diabo. Não há satanás. Não existe nenhuma entidade eternamente devotada ao Mal, infernizando a alma do homem na Terra, ou no Além, num inferno sem fim. Não. Inferno ou paraíso é o estado íntimo de cada um de nós, conforme esteja cheio de amor ou cheio de ódio. Em resumo, a morte não torna o Espírito nem pior nem melhor! Ele continua a ser o que fora na vida orgânica. Claro que, no Além, poderá ter novas oportunidades de esclarecer-se. Poderá ajuizar melhor sobre as finalidades da vida corpórea. Entender as suas relações com os seus irmãos. Mas todos estes conhecimentos ele só os tem quando de fato estiver desejoso firmemente de melhorar o seu padrão moral.

## II - NATUREZA DO MÉDIUM

O médium é exatamente aquele indivíduo que tem a possibilidade de propiciar a comunicação dos mortos com os vivos. Não se trata de alguém dotado de poderes milagrosos, não! Nem de alguém atuado pelo demônio! Tampouco alguém que sofra das faculdades mentais. Não; nada disto. Apenas tem a condição de permitir o intercâmbio entre a Humanidade desencarnada e a encarnada. Mediunidade, acima de tudo, é uma ferramenta de trabalho, para consolar os que sofrem, para esclarecer os que se debatem nas trevas, quer sejam encarnados ou desencarnados.

Na acepção mais ampla do termo, todos somos médiuns pois todos estamos sujeitos à influência dos Espíritos. Uns mais, outros menos. No entanto, há pessoas que apresentam esta faculdade em grau mais acentuado; nelas o fenômeno se faz mais patente, mais evidenciado. São aquelas pessoas que veem os Espíritos, ouvem as suas vozes, dando-nos os seus recados e mensagens... Podem fornecer elementos para a sua manifestação por meio de pancadas, de ruídos, inclusive de materialização de objetos. Materialização do próprio Espírito manifestante. Podem fornecer informações espirituais sobre o diagnóstico e tratamento de doenças incuráveis pelos médicos terrenos. Até mesmo operando moléstias graves, com a posterior recuperação total de doentes, outrora desenganados pela Medicina oficial, como podemos Ser' no livro *Extraordinárias Curas Espirituais*, da lavra do jornalista amigo Aureliano Alves Netto. Através de um médium, o Espírito comunicante pode escrever dissertações sobre temas desconhecidos do seu medianeiro, desenvolvendo com profundidade assuntos acima da capacidade intelectual do seu intermediário, falando línguas que lhe são estranhas, enfim — são inúmeras as variedades medi anímica, como ainda veremos neste livrinho.

Mas, afinal, que é o médium? Tentemos responder. Envolvendo o corpo material de cada um de nós existe o chamado halo energético em cuja fisiologia toma parte preponderante o perispírito, que é o laço que une o Espírito ao corpo, laço fluídico este que é capaz de emitir fluidos. Pois bem, esta projeção energética (aura, como já foi por muitos designada) apresenta-se enriquecida e em constante mutação pois o homem continuamente está emitindo pensamentos. Cada pensamento emitido é capaz de exercer uma certa modificação sobre esta aura ou duplo individual. Tais alterações podem ser percebidas pelos Espíritos desencarnados, ou mesmo por médiuns de sensibilidade aguçada. Um pensamento de paz, quando emitido por alguém profundamente compenetrado deste sentimento superior, torna-se expressivamente belo. Já um pensamento colérico, ao contrário, torna-se horrível, repugnante. Tais situações são extremamente importantes na origem, na evolução e na terapia das obsessões, como uma decorrência do processo mediúnicos mal conduzido e, de resto, na compreensão de inúmeras doenças.\* de fundo nervoso ou psicossomático.

André Luiz, escrevendo pelo lápis psicográfico de Chico Xavier o livro *Evolução em Dois Mundos* (Capítulo 17), esclarece ser esta aura, exibindo cores e imagens, refletindo o nosso mundo interior, definindo a nossa personalidade, constituir o ponto de partida para o intercâmbio mediúnicos, pois é através dela que "somos vistos e examinados pelo Espíritos superiores, sentidos e reconhecidos por nossos afins, temidos e hostilizados por nossos possíveis adversários, mas também amados e auxiliados por nossos companheiros fraternos, por nossos amigos do Grande Além. Nada há, pois, de misticismo nestas frases acima. Nem de supersticioso em tais conhecimentos. A própria ciência oficial soviética já admite a existência do corpo Peri spiritual a que deram o nome de corpo bioplásmico, na organização geral do corpo humano. As experiências do casal Kirlian permitiram a fotografia da aura das pessoas. Pelo visto, a Mediunidade deve ser encarada com seriedade e posta a serviço do consolo e da orientação dos homens e dos Espíritos necessitados. Emmanuel, também pelo Chico Xavier, já advertiu que Mediunidade é talento do céu para o serviço da renovação do mundo. E lâmpada que nos cabe acender, aproveitando o óleo da humildade, sendo indispensável nutrir com ela a sublime luz do amor, a irradiar-se em caridade e compreensão, para todos os que nos cercam.



Na verdade, seu desconhecimento, sua prática indevida para fins meramente materiais ou meio de ganhar a vida, fonte de renda financeira ou de prestígio social, como veremos alhures, sem dúvida contribuem muito para os distúrbios do comportamento, no imenso campo das dolorosas obsessões.

Diversos médiuns tem havido nos últimos tempos, no Brasil e pelo Exterior, que se deram a este serviço de consolo e de orientação da Humanidade. De escantilhão poderíamos citar Emmanuel Swedenborg, André Jackson Davis, os Davenport, Amália Dorniques Sóler, W. Krijanoswky, Edgard Cayce, Rosemary Brown, Waldo Vieira, Chico Xavier (muito citado neste livrinho), Zilda Gama, Divaldo Franco, Fernando de Lacerda, José Arigó, etc... etc... etc... Psicografado pela católica Helen Greaves veio à luz recentemente o livro Testemunho de Luz, onde o Espírito Irmã Francês Banks, ex-membro da Associação das Igrejas para Estudos Psíquicos e Espirituais, da Inglaterra, relata como se desenrola a vida depois da sepultura. Como sempre, exemplos existem em farta messe. Por questão de espaço, porém, limitar-nos-emos a estudar, também ligeiramente, o fenômeno Chico Xavier.

### III - CHICO XAVIER

Informa Kardec em O Livro dos Médiuns que de todas as comunicações mediúnicas, a escrita manual é a mais simples, a mais cômoda, sobretudo a que permite de um modo completo estabelecer relações permanentes e regulares com os Espíritos. Assim é que o Evangelho segundo o Espiritismo e diversos números da Revista Espírita, por ele dirigida desde 1858, até sua desencarnação (em 1869) possuem valiosas dissertações mediúnicas de elevado valor moral. Tanto como Ernesto Bozzano chegou a reunir páginas de igual procedência na monografia a que deu nome de Literatura do Além túmulo. Todavia, Francisco Cândido Xavier, popularmente conhecido como Chico Xavier, constitui caso inédito em todo o mundo. O começo de suas atividades deu-se a 8 de julho de 1927 quando psicografou a sua primeira página, no recinto do Centro Espírita Luiz Gonzaga, em Pedro Leopoldo, MG, instado pela Sra. Carmen Perácio. Sua obra de estreia em 1932 foi Parnaso de Além-Túmulo, coletânea de poesias ditadas por diversos poetas já mortos

(desencarnados) do Brasil e de Portugal, como Antero de Quental, Augusto dos Anjos, Auta de Souza, Casimiro Cunha, Cruz e Sousa, João de Deus, Olavo Bilac e outros.

Teve tal livro uma grande repercussão devido a seu valor literário indiscutível e à autenticidade do estilo, comparado assim com os escritos dos mesmos poetas nacionais e lusitanos, quando encarnados. Humberto de Campos, na época Presidente da Academia Brasileira de Letras, a famosa Casa de Machado de Assis, em sua seção literária no Suplemento Literário do Diário Carioca, explanava: "Eu faltaria ao dever que me é então imposto pela consciência, se não confessasse que, fazendo versos pela pena do Sr. Francisco Cândido Xavier, os poetas de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e de expressão que os identificavam neste planeta. Os temas abordados são os que os preocupavam em vida. O gosto é o mesmo e o verso obedece, invariavelmente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueiro, fúnebre e grave em Antero, filosófico e profundo em Augusto dos Anjos".

E sem dúvida, com o passar dos anos, sua fecunda coleção de obras mediúnicas, reafirmando aquela assertiva de Kardec em torno da psicografia, tem um caráter versátil, incluindo romances históricos, contos e fábulas, poesias (como poemas, sonetos, trovas), comentários científicos, dissertações filosóficas, páginas evangélicas, enfim, todos os gêneros literários, num total de mais de 200 livros, alguns já vertidos para outros idiomas, v. g., o inglês, o grego, o francês, o tcheco, o japonês e até mesmo o Esperanto.

Entre os Espíritos que mais assiduamente assinam suas produções mediúnicas (o número deles se soma às centenas), inclusive elevada soma de familiares que voltam a conversar com seus entes queridos após a morte, relatando dados do total desconhecimento do médium e às vezes esquecidos por seus parentes, que só recordam dos lances quando ali os desencarnados a tais fatos aludem — dentre, pois, os Espíritos que mais escrevem pelo Chico, destacamos Emmanuel, seu mentor espiritual desde 1931, além de André Luiz, pseudônimo de determinado médico brasileiro, e também Humberto de Campos ou

Irmão X. Notar que Chico Xavier, repetindo, fenômeno até agora único em todo o mundo, apenas teve de escolaridade os poucos anos de uma escola elementar no interior de seu estado natal, anos estes tirados com enorme sacrifício, dado ter sido ele descendente de família bem pobre.

Mais recentemente, em 62, pronunciando-se sobre o famoso médium mineiro, o festejado teatrólogo e médico Pedro Bloch assim se expressou: "Só quero dizer que muita gente o considera um embusteiro, mas que divino embusteiro não deve ser, para viver toda aquela vida de humildade e de renúncia! Que divino embusteiro não deve ser, para renunciar a toda aquela obra surpreendente, cuja autoria ele nega! Que divino embusteiro não deve ser, para manter-se isolado numa cidadezinha do interior (1) quando a glória e a fortuna o acolheriam de braços abertos! A humanidade para encontrar o caminho da salvação precisaria de alguns milhões de Chico Xavier, mesmo que eles não psicografassem mensagem alguma! Porque Chico Xavier, ele mesmo, já é uma mensagem. E essa, ninguém pode, ninguém tem o direito de discutir".

Muita gente, inobstante tudo isso, não aceita a veracidade dos fatos mediúnicos. Não admite possa o médium ver o Espírito, dando as suas características de quando encarnado para facilitar a devida identificação pelos parentes e amigos. Não reconhece no médium condições para ouvir sua voz, captar sua mensagem por psicofonia ou incorporação, como comumente se diz. E em pensar que existe ainda a xenoglossia!

#### IV - MEDIUNIDADE POLIGLOTA

Na xenoglossia o médium é capaz de falar ou de escrever línguas vivas ou mortas, desconhecidas dele e da assistência. O termo foi criado por Carlos Richet no século 19 e o fato se insere na categoria de fenômenos inteligentes, segundo Kardec. Daremos aos leitores um exemplo dos mais sugestivos a respeito, extraído da obra *Escritores e Fantasmas*, do jornalista Jorge Rizzini.

O escritor patricio Luiz Edmundo, estando em Berlim, por não saber alemão, preferiu hospedar-se em casa de franceses, para poder comunicar-se bem com os demais. Certa noite, sabendo que a dona da pensão onde estava ia a uma sessão mediúmica, manifestou desejo de acompanhá-la, no que foi prontamente atendido. Em lá chegando, percebeu que ali não havia sequer um só seu conhecido. Dando começo aos trabalhos, uma jovem médium, expressando-se no melhor português, disse-lhe:

— Sois o Luiz Edmundo, vindo do Rio de Janeiro, onde vivi há muitos anos. Fomos vizinhos na Rua Riachuelo. Não resides no n.º 13?

— Sim, mas não me recordo quem possa ser o meu ex--vizinho que me fala agora. Quereis dar-me o vosso nome?

Então o Espírito declarou seu nome, acrescentando que fora empregado da Light, a Companhia Hidrelétrica do Eixo Rio-São Paulo. Admirado com o que acontecera, Luiz Edmundo, ao término da sessão, quis agradecer àquela moça o diálogo que mantivera com o ex-vizinho. Mas a mesma jovem que, mediunizada, lhe falara em fluente vernáculo português, correto e claro, não compreendia nada, agora, fora do transe, pois, como as demais pessoas da sessão, só sabia a língua germânica. Mas não para aí o fenômeno: Dé regresso ao Rio de Janeiro, nosso literato foi até à Cia. Light tomar informações e investigar melhor o caso... Soube que, de fato, há anos, naquela repartição trabalhara um alemão residente na Rua Riachuelo, mas que depois, tendo regressado para a Alemanha, não mais dera sinal de vida.

(1) Desde o ano de 1959, o médium passou a residir em Uberaba (MG).

Por conseguinte, eis aí mais uma ocorrência interessante que não pode ser atribuída a uma possível ação telepática. Tampouco produção do subconsciente da médium. A única explicação lógica e racional que se impõe é a da presença do Espírito do alemão que vivera, fazia tempos, no Brasil. Ora, desencarnado, valera-se da médium para dar o seu recado ao ex-vizinho, num idioma dela inteiramente desconhecido. Eis aí a xenoglossia, a mediunidade poliglota, a prova de que a criatura humana tem um Espírito, que sobrevive à crise da morte e pode, se houver condições, confabular com os vivos, dando a estes últimos provas insofismáveis de sua identificação pessoal.

Mas mesmo assim muita gente não admite a veracidade dos fatos mediúnicos de natureza inteligente. Resta, então, a

(segunda categoria de fenômenos, chamados por Allan Kardec de efeitos físicos, dentre os quais se ressaltam os de ectoplasma. Ou seja, o Espírito se apresenta materializado com todas as suas peculiaridades orgânicas do ser humano que viveu entre nós, dirimindo de vez qualquer dúvida que ainda possa existir entre os assistentes. Aliás, já foi feita referência a isto quando se estudou algo sobre Santo Antônio de Pádua. V — MÉDIUNS E PESQUISADORES Além de A. Kardec, muitos foram os pesquisadores psíquicos que investigaram os fenômenos supranormais. Embora não seja o objetivo principal deste livrinho aprofundar tais temas, nem por isto não nos furtamos ao dever de citar, embora de escantilhão, alguns deles para os prezados leitores. Trata-se de uma enorme lista de nomes de sábios de indiscutível porte intelectual e moral de modo que sobre eles não se pode lançar a menor dúvida de credulidade ou ingênua ilusão. Citaremos, então, Léon Denis, Gabriel Delanne, Camille Flammarion, Ernesto Bozzano, Conan Doyle, Alexandre Aksakof, Alfred Wallace, Charles Richet, Paul Gibier, Gustave Geley, Albert August de Rochas, Oliver Lodge, William Barret, James Hyslop, Frederic Meyers, J. Crawford, Robert Dale Owen, George Sexton, Robert Hare, Staiton Moses, William Stead, César de Vesme, Eugène Osty, Cesare Lombroso, Barão de Goldenstubbé, Carl du Prel, Epes Sargent, Barão de Schrenck-Notzing, E. Dupouy, Louis Figuier, Ochorowicz, Louis Jacolliot...

Duas dúzias e meia de nomes foram citados fazendo a lista longa. Bem mais longa poderíamos torná-la se citássemos os modernos pesquisadores nas atuais experiências de Parapsicologia com Rhine e esposa, com Barnejee, com Soai, com Stevenson, etc... etc... etc...

Notar o prezado leitor que, trabalhando com diversos sensitivos, como Eusápia Paladino, Madame d'Esperance, Miss Florence Cook, Sra. Piper, Kluski, Douglas Home, entre outros — muitos destes sábios vieram pesquisar tais fenômenos apenas para desmascarar os médiuns e, assim, arrasar de uma vez por toda com o Espiritismo. Todavia, agindo com toda honestidade intelectual de homens libertos de preconceitos, acabaram rendendo-se ante a realidade dos fatos a que assistiram repetidas vezes, com todo o controle científico possível, manifestando-se favoravelmente. Senão, vejamos:

Geley, médico e diretor do Instituto Metapsíquico de Paris, escrevendo artigo que saiu na Revue Metapsychique de 1922, exclamava alto e bom som: "E' preciso confessar que os espiritistas dispõem de argumentos e de fatos formidáveis".

Zollner, astrônomo de respeito da Universidade de Leipzig, ao término de sua obra Física Transcendental, registrou essa frase lapidar: "Adquiri a prova da existência de um mundo invisível que pode entrar em contato com a Humanidade".

Cesare Lombroso, famoso antropologista italiano, autor da Teoria do Criminoso Nato, adversário ferrenho do Espiritismo e da Metapsíquica, aceitou o desafio de Chiaia para tomar parte numa sessão com a médium Eusápia Paladino; e lá obteve a materialização de sua mãe, a quem pôde, então, depois de morta, abraçar e beijar, consoante relato na revista Luce e Ombra (Luz e Sombra) e no livro Espiritismo e Hipnotismo.

Charles Richet, muitas vezes aqui lembrado, autor da Metapsíquica, um dos maiores fisiologistas de todos os tempos, professor da Faculdade de Medicina de Paris e Prêmio Nobel de 1913, em correspondência particular mantida com Bozzano, dizia-lhe que em suas monografias ele encontrava a verdade imortalista. Tanto como em carta endereçada ao nosso querido Cairbar Schutel, o farmacêutico espírita de Matão, interior de S:Paulo, proclamava ser a morte a porta da vida!

Entre nós, o casal Fígnier, antes de judeus ortodoxos, fez-se espírita quando obtiveram, marido e mulher, a materialização de sua filha Raquel, morta em menina. Materializou-se então pequena, passou ao colo da mãe, abraçou-a, tudo graças à mediunidade de efeitos físicos de Ana Prado, em Belém do Pará em maio de 1921. Ainda recentemente, como anunciou J. Hercula Pires, de tão saudosa memória, no compêndio Mediunidade, na revista "Gente", apareceu reportagem do monsenhor Pisoni, do Vaticano, aceitando a realidade dos fatos mediúnicos. Portanto...

Amigos, o exemplo máximo deixamos para o fim, de propósito. E vamos a ele, agora, pois entra em cena a figura de Crookes, que assim se expressou: "Eu não disse que esses fenômenos eram possíveis. O que eu disse e afirmo é que são verdadeiros". Pois bem, é em torno dos experimentos de Crookes que iremos discorrer nos próximos parágrafos.



## VI - EXPERIMENTOS DE WILLIAM CROOKES

Desnecessária a apresentação de W. Crookes. Físico e químico inglês (1832 - 1919), deve a ciência contemporânea ao seu gênio polivalente estudos sobre a luz polarizada, sobre o espectro solar e o terrestre e ainda sobre a lua. Após oito anos de intensiva pesquisa, descobriu o elemento tálio. Sabe-se que até a Medicina e a Higiene lhe devem importantes contribuições. No entanto — conseguiu definitiva reputação de sábio por seus experimentos famosos acerca da energia radiante (através das ampolas de Crookes), descobrindo assim o quarto estado da matéria ou a matéria irradiante.

Pois muito bem, um homem desta envergadura intelectual, de tal porte científico, respeitado em todo o mundo de então, também se ocupou das ocorrências consideradas supranormais, de 1870 a 1873. Sumariemos os fatos. Em sua residência, ou, melhor dizendo até, em seu laboratório, em presença de seus familiares e de outras testemunhas insuspeitas, mercê da mediunidade de uma jovem de apenas 15 anos de idade, chamada Florence Cook, materializava-se até à luz do dia, para o devido registro fotográfico 44 vezes, o Espírito Katie King. E nesta condição de agênera (nomenclatura de Kardec em O Livro dos Médiuns) o Espírito comunicante caminhava pela sala, de braços com o experimentador, conversava com os presentes, enquanto numa cabine contígua, para fornecer o ectoplasma para propiciar o fato, todos viam a médium devidamente controlada para evitar possibilidade de fraudes ou coisas que invalidassem os experimentos. Todos os assistentes podiam ver claramente a ambas: a médium, na cabine, e, na sala, a figura de Katie King — com todas as características de um ser humano (respiração, pulso, batimentos cardíacos, cabelos longos, etc...)! E mais que isso, todos podiam perceber claramente as enormes diferenças — tanto no aspecto físico, como no psicológico — entre a médium e a entidade presente!

Quando de sua última aparição, o Espírito vai à cabine da sensitiva, desperta-a do sono mediúnico profundo em que estava mergulhada e se despede. A jovem Cook lamenta, chora a partida da amiga. Esta, porém, diz que está a findar sua missão. E desaparece. Desmaterializa-se após sessões durante um período de quatro longos anos, com provas provadas e comprovadas! Experiências registradas, controladas, documentadas, como já dissemos antes, fotografadas inúmeras vezes e anunciadas ao mundo científico da época. Mais detalhes o caro leitor poderá encontrar na obra *Fatos Espíritas*. Aqui limitamo-nos a apresentar o assunto por muito alto, por questão de espaço.

Mas não pense o leitor que somente Crookes testemunhou sessões de ectoplasmia. Não! Investigações do mesmo gênero foram realizadas com pleno êxito pelo francês Paul Gibier, com a médium Madame Salmon; pelo Conselheiro de Estado da Rússia, Alexandre Aksakof, com a mesma sensitiva Florence Cook; pelo italiano Ernesto Bozzano, com Eusápia Paladino; por inúmeros sábios, com a Madame d'Esperance... No Brasil já citamos Ana Prado, em Belém do Pará, no começo dos anos vinte. Porém, há mais exemplos. Vejamos alguns. Em São Paulo Carlos Mirabelli marcou época, tanto como no Rio de Janeiro, então capital da República, e em Macaé, destacou-se a figura de Peixotinho, propiciando a materialização de inúmeras entidades já libertas das teias carnis. Mais recentemente, em Recife (PE) o médium Waldemar Golvin permitiu a ectoplasmia 'do Espírito Dr. Frederick Kempler para realizar operações admiráveis, relatadas pelo confrade Aureliano Alves Netto no livro *Extraordinárias Curas Espirituais*. Em Uberaba (MG) materializou-se um pugilo de entidades amigas, notadamente a Freira Josefa (Irmã Maria José Domini) com o concurso medianeiro da dona Ottilia Diogo. Como o leitor está percebendo — é um nunca-mais-acabar de casos interessantes, documentados, investigados, analisados, comprovando a existência, a sobrevivência e a comunicação dos Espíritos. No livro *Velhas Páginas de Um Diário* o cientista coronel Henry Olcott comenta com detalhes os resultados a que chegou com os médiuns Horácio e Willian Eddy, graças aos quais mais de 400 aparições de fantasmas tiveram lugar com o comparecimento de crianças de colo, guerreiros, índios, senhoras e senhores bem vestidos, etc... etc... etc... Ver o livro *Os Simples e os Sábios*, da lavra de Pedro Granja.

Muito a propósito ainda sobre os experimentos de Crookes, gostaríamos de repetir o que dissera a respeito Charles Richet em A Grande Esperança: "E' fácilimo dizer que se enganaram os sábios e que foram enganados. E' uma objeção que está à altura do primeiro sabichão que aparece. Quando o grande Crookes relata ter visto, em seu laboratório, Katie King, fantasma capaz de mover-se, de respirar ao lado de sua médium, Florence Cook, o dito sabichão pode erguer os ombros e declarar: "E' impossível. O bom-senso faz-me afirmar que Crookes foi vítima de uma ilusão, Crookes é um imbecil". Mas este pobre sabichão não descobriu nem a matéria radiante, nem o tálio, nem as ampolas que transmitem a luz elétrica. E assim, minha escolha está feita. Se o sabichão disser que Crookes é um farsante ou um louco, serei eu quem sacudirá os ombros. E pouco importa que, rebocados pelo sabichão, uma multidão de jornalistas — que nada viram, nem nada aprofundaram, nem nada estudaram — diga que a respeito a opinião de Crookes nada vale. Não me admirarei. Se Crookes ainda estivesse só! Mas não: Há uma nobre plêiade de sábios (grandes sábios) que presenciaram estes fenômenos extraordinários.

E, como o leitor amigo já leu, diversos sábios se renderam ante a realidade de que a morte, como final de tudo, não existe. O princípio espiritual que há no homem sobrevive à morte e pode entrar em contacto ostensivo com a Humanidade dos encarnados.

Forneçamos aos leitores alguns subsídios para melhor compreensão do fenômeno de ectoplasmia. O ectoplasma é uma substância branca, ou acinzentada às vezes, plástica, dotada de grande mobilidade, com que se produzem as materializações das entidades desencarnadas. Em sua História do Espiritismo Conan Doyle a define como sendo um denso vapor semiluminoso que flui do lado ou da boca do médium e que é francamente visível no escuro. Segundo o mesmo autor, este vapor às vezes se solidifica numa substância plástica, de que são feitas várias estruturas na sala da sessão. E é Gustave Geley quem ainda elucida que as moléculas que o perispírito do desencarnado agrupa em seu derredor são tomadas ao próprio corpo de médium, ou, acessoriamente, aos assistentes, de sorte que a aparição depende do corpo do médium por uma espécie de cordão fluídico, como a filho se liga à mãe pelo cordão umbilical, que lhe facilita os elementos necessários à vida. Os leitores interessados poderão Ter, entre outros, os livros Materializações Luminosas, de Rafael Ranieri, e Materializações de Espíritos, de Paul Gibier e Ernesto Bozzano.

## VII - O ASPECTO MORAL

Allan Kardec, examinando fatos mediúnicos com critério — deles extraiu toda uma filosofia espiritualista, de comprovação científica e importantíssimas consequências ético-morais. Tanto que, ao final de O Livro dos Médiuns, o Codificador do Espiritismo insiste: "Que importa crer na existência dos Espíritos, se essa crença não tornar melhor, mais bondoso e mais indulgente para os seus semelhantes, mais humilde e mais paciente na adversidade aquele que a adotou? De que serve ao avarento ser espírita se continuar sempre avarento; ao orgulhoso, se continuar sempre cheio de si; ao invejoso, se permanecer ciumento? Todos os homens poderiam crer nas manifestações e a Humanidade, continuar estacionária".

E é em O Evangelho segundo o Espiritismo que o mestre lionês proclama: "Reconhece-se o verdadeiro espírita por sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar as suas más inclinações".

Quando se fala em reforma moral não se está a pedir de quem quer que seja santificação da noite para o dia, num simples piscar de olhos. Em absoluto não é este o ensino do Espiritismo. Cada um há de viver sua vida com naturalidade, coerente com o seu eu interior, sem a pretensão insólita de ser diferente dos demais. Acima de tudo, que seja mais paciente para com seus companheiros de jornada terrena, notadamente nas horas adversas. Que seja mais irmão de seus semelhantes. Mais amigo de seu próximo em Humanidade. Se não puder fazer-lhe um benefício, pelo menos que lhe não acarrete um mal qualquer. Que veja em cada ser humano, independentemente da cor da pele, da posição na sociedade, da religião que adote, dos bens que tenha ou deixa de ter — um filho do mesmo Deus e que, por isso mesmo, merece ser respeitado em seus direitos, ouvido em suas aspirações, considerado em suas maneiras de ver o mundo e as pessoas.

Reforma moral implica renovação mental. E renovação mental pressupõe alargar horizontes. Descortinar novos panoramas no amplo cenário da vida. Tal atitude consciente leva a. uma visão mais profunda do que seja viver, com a valorização da existência em termos de fraternidade e entendimento, sobretudo no auxílio aos que lutam contra dificuldades bem maiores do que as nossas!

Reforma moral, amigos, é desejo laborioso de adquirir virtudes e conhecimentos sem santarronice ou pretensão salvacionista, mas propósito de ser bom para com todos. E isto — repetindo — por ação persistente natural e serena, combatendo as más paixões, dominando-se, educando-se, enfim, aprimorando-se em todos os sentidos por todos os meios que lhe sejam possíveis.

Ressaltar ainda que não é apenas a mente desencarnada que é capaz de se valer de um médium para dar uma comunicação. Às vezes pode operar o próprio Espírito do médium, e não o de um desencarnado. O médium age como que recolhendo subsídios de sua bagagem mental, ou da assistência que o rodeia, configurando-se o animismo. (Ver o livro *Médium, Quem É, Quem Não É* — de Demétrio Pável Bastos).

## CAPITULO VI VIDAS SUCESSIVAS

O fato de Katie King afirmar ter sido, em vida anterior, uma certa mulher de nome Annie Owen Morgan leva-nos a estudar outro fundamento doutrinário, qual seja — a teoria das vidas sucessivas. Esta doutrina reencarnacionista sempre ocupou lugar de destaque no pensamento religioso da Humanidade. Vejamos rápidos exemplos.

Krishna, um dos principais mentores do Bramanismo, dizia: "Tanto como vós, temos tido vários nascimentos. Os meus, só de mim, são conhecidos, porém, vós nem mesmo os vossos conheceis". Buda, líder cujas ideias são aceitas por mais de um bilhão de pessoas ainda hoje, já proclamava milênios atrás: "Uma vida curta, uma vida longa, um estado mórbido, uma boa saúde, o poder, a fraqueza, a fortuna, a pobreza, a ciência, a ignorância, tudo isto depende de atos cometidos em vidas anteriores". No Egito admitia-se ter o destino do espírito humano duas fases: cativo na matéria e ascensão na luz. As almas são filhas do céu, dizia o hierofante, e a viagem que fazem é uma prova. Na encarnação perdem a reminiscência de sua origem celeste. Na Grécia, Plutarco alegava que os que têm vivido diversas vidas com virtude estão em condições de se elevarem até ao estado de espírito puro. Pitágoras, Heródoto, Sócrates, Platão, Apolônio e Sêneca foram outros gregos ilustres que criam na reencarnação e a ensinavam. Entre os hebreus, os profetas tinham o segredo do contacto com os espíritos dos deuses (mediunidade), admitindo, outrossim, em seus textos tradicionais, como o Zohar, o Kabala, o Talmud, a pluralidade das existências. Comum entre o poyo a confusão entre reencarnação e ressurreição.

Mas Jesus foi bem claro quando, em conversa com Nicodemos, doutor da Lei, lhe disse ser necessário ao homem nascer de novo, se quisesse entrar no Reino dos Céus. Poetas romanos como Virgílio e Ovídio, italianos famosos como Giordano Bruno e Campanella, filósofos germânicos como Schoupenhauer, Lessing, Hegel, Leibnitz, Fichte, o vidente Immanuel Swedemborg, enfim, muitos nomes proeminentes, mesmo fora do ambiente religioso, também aderiam a esta teoria de vidas sucessivas. Sabe-se que até o ano de 553 D.C. a própria Igreja Católica nunca se pronunciou contrariamente a isto. No citado ano reuniu-se o II Concílio de Constantinopla que decidiu combater tais idéias, sem que não nos esqueçamos que Santo Agostinho mostrou-se vivamente propenso a aceitá-las em suas Confissões.

Como retrospectiva histórica — cremos que é o bastante.

Gustave Geley admitia ser a doutrina reencarnacionista:

1° Plenamente satisfatória pelo ponto de vista moral;

2° Absolutamente racional pelo ponto de vista filosófico; e, por fim,

3° Comprovadamente verdadeira pelo ponto de vista científico. E assim é, pelo que veremos em seguida.



## I - PONTO DE VISTA MORAL

Sem a pluralidade das existências corpóreas não sabemos como elucidar a multiplicidade das características humanas... Como justificar, por exemplo, povos civilizados e povos bárbaros? Homens cultos e incultos, a despeito de todo e qualquer processo educacional da comunidade social? Como esclarecer as diferenças individuais? As diferentes aptidões até no seio de uma só família? Os pendores natos para a música, para as letras, para as ciências, para as habilidades manuais? Os gênios precoces, as chamadas crianças-prodígio? E vice-versa — as más inclinações, os maus impulsos para os vícios, à revelia de toda orientação carinhosa da família, dos amigos, da escola, da religião?

Sem a doutrina palingenésica — como encarar, sem revolta, sem descrença, sem derrotismo, as doenças de nascença? Como entender a criança que já nasce paralítica, cega, surda muda? A criança que nasce débil mental? Alegar-se-iam razões genéticas? Alterações cromossomiais? Traumatismos intrauterinos? Infecções congênitas? Ação perniciosa de drogas ingeridas pela gestante? Mas aí, se é uma explicação biológica, não o é do ponto de vista moral, de vez que qual a culpa, então, daquele serzinho que ainda não nasceu indefeso, para sofrer desta maneira, nas mãos de um acaso caprichoso e infeliz? Nas mãos de uma cruel mutação? Ou de um micróbio da sífilis, indesejável, que fere no filho o erro de uma leviandade do pai, ou da sua genitora?

Sem a reencarnação, então, o homem seria mero joguete da matéria. Não lhe caberia nenhuma responsabilidade por seus atos, que poderiam ser explicados, com facilidade, na base de proteínas e enzimas, cromossomos e gens, no corpo cheio de mazelas. Sem a reencarnação — Deus teria preferências, a uns dando do bom e do melhor, e a outros, indiscriminadamente, negar-lhes-ia até as mínimas condições de uma vida regular e feliz. Em suma, sem ela não valeria sequer o esforço de progredir, não valeria a pena o trabalho de viver!

## II — PONTO DE VISTA FILOSÓFICO

A reencarnação tem resposta para todas as nossas perguntas. Tem solução para todos os nossos problemas. Esclarece as nossas dúvidas. Consola as nossas dores. Deus se nos surge maior, porque é Justo e Misericordioso, Sábio e Magnânimo. Tudo se encadeia. Tudo se esclarece. E todos se irmanam diante da lei maior que é a Lei do Progresso e do Amor! Ao nascer, trazemos a intuição daquilo que aprendemos em outras vidas. Quando esta bagagem é exuberante, poderá exhibir-se na condição de genialidade, às vezes desde a mais tenra idade. Somos, portanto, mais ou menos adiantados conforme as preexistentes vivências carnis. Deus não é aquela figura legendária das religiões dogmáticas, que a uns ama e a outros castiga. Um Deus que reserva o Paraíso a seus eleitos e manda para as quintas do Inferno eterno todo o resto da Humanidade que não reza pela mesma cartilha. Não! Jamais!... Ele estabeleceu Leis eternas, sábias, justas... E dentre elas já destacamos a do Progresso individual e coletivo. Assim, o aperfeiçoamento do Espírito, e mesmo da Humanidade, é sempre o fruto de seu próprio esforço, ao longo de inumeráveis vidas materiais. Cada um avança de conformidade com a maior ou menor boa-vontade em progredir na aquisição de atributos que lhe faltam ainda possuir. Cada ser é sempre o que fez por sê-lo no decurso de sua evolução, daí resultando seu cabedal de conhecimentos, seu caráter, seus instintos, suas virtudes, suas faculdades, boas ou más, Todo acervo de suas anteriores experiências como que se agrega ao perispírito evidenciando-se no corpo somático a cada vida corporal; constitui-se, pois, em última análise, sua própria obra. Recordando Ruy Barbosa, podemos dizer que Deus cria a criatura e ela mesma completa a sua criação moral com a dupla alavanca do seu progresso que é o trabalho e a oração. Em síntese, amigos, cada um é que constrói o seu destino! Daí a judiciosa advertência de Kardec: "Não podendo o Espírito adquirir, numa única existência corpórea, todas as qualidades morais e intelectuais necessárias ao seu aperfeiçoamento, ele o consegue através de uma sucessão de existências, em cada uma das quais avança alguns passos no caminho do progresso e se purifica de algumas de suas imperfeições".

Além disto, a reencarnação explica claramente a razão da existência do Bem e do Mal no Universo, assunto que sempre inquietou a mente dos filósofos. Ou então, para tornar o assunto mais achegado a nós, a razão da dor em nossas vidas. Pois se Deus criou a tudo, teria forçosamente criado o Mal também. Com que finalidade? Ora, se Ele é mesmo todo-poderoso, por que deixaria o Mal agir sobre as criaturas? Se é bondoso, por que deixa sofrer a Humanidade tanta dor física, tanta dor moral? Não poderia o Criador distribuir felicidade a todas as suas criaturas? Não teria poderes para tanto? Ou não quererá destruir o Mal que Ele mesmo instituiu?

Tais questões inquietantes se nos assaltam ao entendimento, e ficam sem resposta, se não admitirmos a reencarnação. Para tentar resolver este problema, determinados religiosos alegam: Para salvar o homem do pecado, do sofrimento e de todo o Mal, Deus há vinte séculos enviou à terra o seu Filho Unigênito. Basta crer n'Ele para ser salvo. No entanto, poderíamos sem dúvida contrapor o seguinte: E que dizer das pessoas que sofrem, mesmo crendo piamente na salvação de Jesus Cristo? Das que choram, mesmo orando, com fervor e unção, ao seu Pai e Criador? Que pensar das que vivem, ao contrário, na abastança, ao largo de toda e qualquer pregação moral, de qualquer preceito de justiça e piedade, de amor e ternura, não crendo em Deus, inclusive escarnecendo dos religiosos e dos humildes em geral? Ainda mais, como encarar o sofrimento das criaturas que mais sofreram as perseguições religiosas como, por exemplo, nas lutas da Reforma, da Contra-Reforma, da Inquisição et caterva? Como, amigos,, a tudo isso então assistir, sem descrença, sem derrotismo, sem revolta — fora da reencarnação?

Não... À luz da teoria das vidas sucessivas vemos que o Mal, qualquer que ele seja, não tem, em absoluto, origem na vontade, na impotência ou na imprevidência de Deus. Não e não! Não é bem isto que acontece. O Mal é apenas a medida da inferioridade dos seres terrenos. Bem como dos mundos onde tais seres habitam. Ou uma justa sanção das Leis Morais em decorrência dos erros praticados no passado.

O Espírito é eterno; ocupa, a pouco e pouco, graças a seus esforços pessoais, degraus mais avançados na imensa escalada do progresso moral e espiritual. O Mal não é obra de Deus, mas criação temporária do próprio homem. Exemplificando, cremos esclarecer a questão. O sexo dar-nos-á maiores elucidações. Sua prática sempre esteve dentro do plano divino, a ponto de aparecer nas flores dos vegetais superiores. Através de semelhante recurso, as espécies biológicas se perpetuam no tempo e no espaço. André Luiz, escrevendo pelo médium Chico Xavier, no livro *No Mundo Maior*, esclarece mais o seguinte: "Com bases nas experiências sexuais, a tribo converteu-se na família, a taba metamorfoseou-se no lar, a defesa armada cedeu ao direito, a floresta selvagem transformou-se na lavoura pacífica, a heterogeneidade dos impulsos nas imensas extensões territoriais abriu campo à comunhão dos ideais na pátria progressista, a barbárie ergueu-se em civilização, os processos rudes da atração transubstanciaram-se nos anseios artísticos que dignificam o ser, o grito elevou-se em cântico; e, estimulada pela força criadora do sexo, a coletividade humana avança, vagarosamente embora, para o supremo alvo do divino amor..."

Efetivamente podemos ver que, no seio do lar, o sexo criou a figura augusta da mãe extremosa, do pai zeloso, do filho como repositório de esperanças, emoldurando-nos a vida com o amor materno, a responsabilidade paterna, o sorriso da criança, as delícias da vida em família. E' a lei biológica em consórcio estreito com a lei do amor, nas permutas mais nobres da afeição, do respeito, do carinho, da compreensão.

Mas aí o homem — em sua ignorância — cria a prostituição, Introduz a satisfação carnal na base do comércio. Outras vezes, estimula o aborto criminoso como meio de controlar a natalidade ou de anestesiar consciências intranquilas. Outras vezes ainda alcança as raias do adultério, com rompimento dos laços conjugais, o abandono dos compromissos familiares. Em síntese, o homem se desvia das Leis Morais da Vida. Criou o Mal com as suas próprias mãos. Mas este Mal terá de ser corrigido por tantos quantos tenham contribuído para sua instalação.

Em consequência direta, adversários voltam à lide humana na condição de parentes bem próximos, como maridos despóticos, mulheres irritáveis, pais indiferentes, mães desalmadas, filhos ingratos — de modo que compromissos inadiáveis negligenciados outrora deverão ser novamente reencetados para o seu cabal cumprimento, debaixo de lágrimas redentoras. No entanto, enquanto este reajuste não ocorre, quantas vezes destes desvarios não nascem dolorosos processos de obsessão?

Tudo isto significa que do próprio Mal acaba, depois, nascendo o Bem. Porque acarreta algum sofrimento físico ou moral, o homem termina por ceder, debaixo do acicate da dor; e corrige o Mal que ele mesmo praticou, volvendo-se, mais cedo ou mais tarde, ao caminho do Bem. Neste sentido, em A Gênese, o Codificador do Espiritismo esclareceu: "Todas as paixões têm uma utilidade providencial, visto que, a não ser assim, Deus teria feito coisas inúteis e, até, nocivas. No abuso é que reside o Mal e o homem abusa em virtude de seu livre-arbítrio. Mais tarde, esclarecido pelo seu próprio interesse, livremente escolhe entre o Bem e o Mal".

### III - ESQUECIMENTO DO PASSADO

Há quem possa obter temperar: Seria justo então pagarmos por erros cuja prática não nos lembramos mais? Por que não recordamos de nossas vidas precedentes?

O Espiritismo, pelo Livro dos Espíritos, nos ensina que só nos esquecemos do passado quando mergulhamos em um novo corpo. No espaço entre duas vidas corpóreas — isto é, na chamada erraticidade — o Espírito tem plena consciência de seus atos menos felizes e sente desejo de repará-los em uma nova investidura orgânica, daí escolher, geralmente, o gênero de vida que irá levar na próxima existência material. No livro citado, pergunta n.º 394, encontramos estas ponderações: "Gravíssimos inconvenientes teríamos ao nos lembrarmos das nossas anteriores individualidades. Em certos casos, humilhar-nos -ia sobremaneira. Em outros, nos exaltaria o orgulho, por isso mesmo entravando o nosso livre-arbítrio. Deus nos deu, para nos melhorarmos, justamente o que nos é necessário e suficiente; a voz da consciência e nossas tendências instintivas, tirando-nos aquilo que nos poderia prejudicar". E mais adiante, no n.º 399, aparece valioso esclarecimento a respeito. Vejamos: O esquecimento das faltas cometidas não constitui obstáculo à melhoria do Espírito, porquanto, se é certo que este não se lembra delas com precisão, não menos certo é que a circunstância de as ter conhecido na erraticidade e de haver desejado repará-las, o guia, por intuição, lhe dá a ideia de resistir ao Mal, ideia que é a voz da consciência, tendo a secundá-la os Espíritos superiores que o assistem, se atende às boas inspirações que lhe dão. A natureza das vicissitudes e das provas que sofremos também nos podem esclarecer acerca do que fomos e do que fizemos, do mesmo modo que neste mundo julgamos os atos de um culpado pelo castigo que lhe inflige a lei.

Por fim, Léon Dénis em *Depois da Morte* desta maneira analisou a mesma questão: Em cada renascimento, o organismo cerebral constitui para nós uma espécie de livro novo, sobre o qual se gravam as sensações e as imagens. O esquecimento do passado é a condição indispensável de toda prova e de todo progresso. O nosso passado tem suas manchas e nódoas. Percorrendo a série dos tempos, atravessando as idades de brutalidade, devemos ter cumulado bastantes faltas, bastantes iniquidades. O peso dessas recordações seria acabrunhador para nós. A recordação de nossas vidas anteriores não seria também ligada à dos outros? As inimizades se perpetuariam; as rivalidades, os ódios, as discórdias se agravariam de vida em vida, de século em século. Os nossos inimigos, as nossas vítimas de outrora, nos reconheceriam e nos perseguiriam com sua vingança. Bom é que o véu do esquecimento nos oculte uns aos outros, e que, apagando momentaneamente de nossa memória penosas recordações, nos livre de um remorso incessante.

#### IV - PONTO DE VISTA CIENTÍFICO

Nada obstante, pessoas há que têm como que um vislumbre do que foram antes. Do que fizeram em outras vidas. Tal reminiscência pode dar-se espontaneamente, sobremaneira na infância, ou então mediante a hipnose ou no estado sonambúlico. Vejamos exemplos disto.

A revista Estudos Psíquicos, que se edita em Lisboa, estampou a ocorrência de Joey Verwey. Bela jovem de 22 anos de idade, natural da África do Sul, o caso é que aos 3 anos surpreendeu a seus pais, dizendo que fora escrava numa vida anterior... E' claro que com tão pouca idade não teria condições de consultar livros para assumir tal comportamento, representando-o com grande precisão. Aos 5 anos afirmou que trabalhara, em vida passada, para um rei estrangeiro, o qual tinha por sepultura um grande jazigo de pedra. Desenhou tal túmulo, dando-lhe a forma de uma pirâmide. Certo dia, aos 7 anos, entrou em casa muito nervosa por reconhecer em um supermercado uma senhora de uns 60 anos, em que dizia ver uma de suas filhas da última encarnação.

E assim se sucediam as reminiscências da jovem africana, lembrando-se de suas dez últimas vidas. Os pais, a princípio, não deram crédito a tais relatos... Tudo não passaria de uma fértil imaginação infantil. Porém, com o escoar do tempo, diante de tantos detalhes que Joey ia dando, entenderam haver algo por detrás daquilo tudo. Assim, quando estava a adolescente com 17 anos, resolveram levá-la até Johannesburgo, a fim de ser examinada por uma equipe médica. Entre os vários especialistas que a examinaram estava o Professor Ian Stevenson, da Escola de Medicina da Virgínia (EEUU). Por absoluta falta de tempo, o referido pesquisador limitou-se a averiguar os pormenores de suas últimas três vidas corporais. O estudo criterioso de Stevenson mostrou que Joey Verwey conheceu de perto o Presidente da República do Transvaal, Paul Kruger, desencarnado na Suíça, em 1904. Levada ao Museu Paul Kruger, eh confundiu os cientistas de lá, com suas observações e respostas, citando inclusive dados que eles ignoravam sobre a vida do citado político. Falou ainda de seu casamento, nessa existência anterior, com um jovem de 12 anos de idade, dando ainda informações que foram, depois, devidamente investigadas e — realmente — confirmadas!



Este exemplo da moça sul-africana confirma aquela questão n.º 395 de O Livro dos Espíritos: Podemos ter algumas revelações sobre as nossas existências passadas? Resp: Nem sempre; muitos sabem, entretanto, o que foram e o que fizeram; se lhes fosse permitido dizê-lo abertamente, fariam singulares revelações sobre o passado.

Como se sabe, o mencionado Prof. Ian Stevenson publicou um livro que já foi vertido para o vernáculo, com o título Vinte Casos Sugestivos de Reencarnação, do qual vamos sumariar um exemplo bem interessante, ocorrido no longínquo Alasca.

Viveu neste rincão da América do Norte o pescador William George que, aceitando a teoria reencarnacionista, dizia à nora que desejava reencarnar filho dela. E lhe disse que, se isso realmente sucedesse, ela haveria de reconhecê-lo pelos sinais de nascença que ele apresentava um na altura do ombro esquerdo e o outro perto do cotovelo, no antebraço. No verão de 1949, com 60 anos de idade, o velho pescador deu a seu filho um relógio de ouro, que ganhara da genitora, recomendando-lhe: — Eu voltarei. Guarde este relógio para mim. Eu serei seu filho; e se há mesmo alguma coisa nesta história de reencarnação, eu o farei.

Pouco depois disto, sucumbiu afogado numa de suas costumeiras pescarias. Quanto ao relógio, ficou guardado numa caixa de joias.

Em maio do ano seguinte, sua nora Susan George deu à luz um menino que — notemos bem — exibia as mesmas marcas do falecido avô. O menino, também chamado William George, mal começou a andar, mancava como fazia o pai de seu pai! E o seu hobby preferido para logo se manifestou: pescaria! Desde muito cedo, sem que ninguém lhe desse a menor instrução, entendia de pesca, sabia manejar anzóis, redes, etc... Mas — atenção para isto! — o William George Júnior tinha um medo enorme de água! Dir-se-ia ser daqueles que gostam de pescar sem molhar os pés!

Quando o garoto tinha quase 5 anos de idade, um belo dia a Sra. Susan George resolveu examinar as joias da família. E no exato instante em que olhava aquele relógio do sogro, o menino, que estava a brincar num cômodo contíguo, correu até ela e, reparando naquele objeto, bradou com veemência: — Olhe aí o meu relógio! E de tal modo agarrou-se ao mesmo objeto que foi um custo demovê-lo do propósito de não mais deixar aquela relíquia na caixa de tradições familiares, onde fora colocado, anos antes, por seu avô!

Mais claro do que isso é simplesmente impossível!

Bem, até aqui foram vistas duas citações de recordações espontâneas. Paralelamente, ainda há a regressão de memória, por efeito da hipnose, já obtida com êxito no século anterior pelo Coronel Alberto de Rochas. E é Gabriel Delanne que, no livro *A Reencarnação*, cita o que se deu com o Príncipe Adam Wiszniewski. Em abono de suas assertivas são citados o Príncipe Galitzin, o Marquês de B. e o Conde de Rochas.

Estavam no verão de 1862 em Hamburgo. Certa noite, depois do jantar passeavam pelo parque do cassino quando perceberam uma pobre mulher deitada num banco. Aproximando-se dela, convidaram-na a cear no hotel. A pobre aceitou e, de fato, alimentou-se bem. Sendo magnetizada por Galitzin, adormeceu. E ela, que acordada, só falava um mau dialeto alemão, entrou a expressar-se no mais escorreito francês, revelando que fora punida na presente encarnação nascendo naquelas condições de tanta humilhação, porque no século 18 habitava um castelo na Bretanha, à beira-mar. Nessa ocasião tivera um amante e, para livrar-se do marido, lançou-o ao oceano, do alto de um penhasco. E com grande precisão a criatura chegou a indicar o local do crime.

Os pesquisadores estiveram na Chefatura de Polícia e ali souberam que aquela mulher não era dotada de nenhuma instrução. Só falava um vulgar dialeto germânico e vivia dos mesquinhos recursos de simples mulher de soldados! Procederam também a dois inquéritos nas costas do Norte e vieram a saber, mediante informações de velhos camponeses da região, que, de fato, ali vivera determinada castelã, que fizera o marido perecer, atirando-o às ondas do mar.

Como estamos vendo aí, tal caso se enquadra perfeitamente naquela frase oriental, já citada neste livrinho: Cada existência, feliz ou desgraçada, nada mais é do que a consequência de atos praticados em vidas anteriores. O Espiritismo desde Kardec reafirma: Cada um de nós é que, por suas ações, palavras e pensamentos, constrói o seu destino!

Com a prática do Bem, no entanto, podemos e devemos aos poucos passando uma esponja nas manchas escuras do nosso passado. Assim é que um salva-vidas poderá redimir-se do pretérito delituoso, quando atirou alguém às águas do mar. Um bombeiro poderá resgatar-se de um passado em que lançou alguém ao fogo. Com o Bem podemos e devemos "pagar" nossos débitos anteriores, como diz o Evangelho: "O Amor cobre multidão de pecados"...

## CAPÍTULO VII

### CONCLUSÃO E BIBLIOGRAFIA DA PRIMEIRA PARTE

Ao final da 1.a parte de nosso trabalho, eis que chegamos a estas conclusões: 1.º) O homem não é, apenas, o corpo material. Embora este seja muito importante para a atuação do Espírito sobre o mundo físico, nele existe sobretudo um princípio imaterial onde está radicado o senso moral, onde está implantada a inteligência, como sede do raciocínio, das paixões, das qualidades e dos vícios. 2.º) Em condições excepcionais, o Espírito pode manifestar-se independentemente do equipamento somático. 3.º Ele sobrevive ao fenômeno da morte, quer dizer, a vida não termina no túmulo, ao contrário, o Espírito prossegue vivo por toda a eternidade, com suas aquisições individuais. 4.º) Também pode ele entrar em contacto com os homens, através dos médiuns, realizando efeitos físicos e manifestações inteligentes. 5.º) O número de existências corpóreas necessárias ao aperfeiçoamento do Espírito é indeterminado, depende da sua vontade que pode esforçar-se, ou não, ativamente, por seu aprimoramento moral.

Além dos livros citados ao longo do texto, sugerimos a leitura atenciosa das seguintes obras:

- 1) O Céu e o Inferno — Allan Kardec.
- 2) Sobrevivência e Comunicabilidade dos Espíritos — Hermínio C. Miranda.
- 3) Animismo ou Espiritismo? — Ernesto Bozzano.
- 4) Provas Científicas da Sobrevivência — Zollner.
- 5) Hipnotismo e Espiritismo — César Lombroso.
- 6) Psicologia Espírita — Jorge Andréa dos Santos.
- 7) Comunicação Mediúmica entre Vivos — Ernesto Bozzano.
- 8) Os Espíritos se Comunicam por Gravadores — Peter Bander.
- 9) Animismo e Espiritismo — Alexandre Aksakof.
- 10) A Reencarnação e suas Provas — Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti.

Estamos tão longe de conhecer todos os agentes da Natureza e seus diversos modos de ação que seria pouco filosófico negar a existência de fenômenos, unicamente porque são inexplicáveis no atual estado dos nossos conhecimentos.

Laplace.

## SEGUNDA PARTE

### A LOUCURA À LUZ DO ESPIRITISMO CAPÍTULO I GENERALIDADES

Durante largo tempo da História da Humanidade, o doente das faculdades mentais foi considerado um ser estranho, um selvagem, um endemoniado, possuído por entidades malfazejas, em torno do qual se desenvolvia todo um ritual supersticioso e mágico. Na século 18, por exemplo, houve quem visse nele uma alma transviada pelo pecado, necessitando de purificação (sic!), o que era obtido mediante castigos corporais, capazes de purgá-lo de seus vícios e suas faltas, sendo que os mais agitados eram fortemente trancafiados em casas especiais, enjaulados em cubículos infectos, à prova de evasão!

Foi durante o século seguinte que o médico francês Pinei propugnou uma reforma radical na assistência aos chamados loucos, com a instalação de casas de tratamento e de hospitais, no lugar de masmorras e de prisões. É de notar-se outrossim o norte-americano Clifford W. Beers que, desde 1900, durante três anos sofreu muito em diversos sanatórios. Intacta sua memória, relatou depois tudo quanto padeceu em um livro chamado Um Espírito que se Achou a Si Mesmo, que ganhou na época grande popularidade. A partir daí tem-se intensificado muito o trabalho de prevenção das doenças mentais com a Higiene Mental e mais modernamente com a Medicina Psicossomática, procurando agir não apenas sobre o paciente, sobretudo na infância e na adolescência, mas também sobre o meio (familiar e social) onde ele vive, por ser inegável a influência do ambiente na formação da personalidade de cada um de nós.

O termo loucura é do domínio popular. Tecnicamente a expressão mais adequada é psicose. Em razão desta anomalia, o indivíduo perde a razão e o discernimento, representando um perigo para si e para os outros, impondo-se, às vezes, sua internação em hospitais especializados, o que não significa não haver, forçosamente, cura para o seu mal. Não. Recolhimento a um manicômio não implica sua condenação definitiva. Há formas de psicoses perfeitamente curáveis.

Informa a ciência que, de tal maneira o psicótico está alterado em seu juízo, as elaborações de sua mente se tornam falsas e absurdas, divergentes não só das experiências e das idéias das demais pessoas como também daquelas que o paciente apresentava antes de adoecer. Surgem, assim, idéias desconexas (ele se diz o maior pecador dentre os mortais, apresenta--se como certos vultos da História\* diz-se perseguido, acredita-se oco por dentro, crê tenha mudado de sexo, etc). Outras vezes é vítima de terríveis alucinações. E o que agrava o quadro mórbido da moléstia é que os psicóticos têm inamovível convicção das suas irreais percepções, no que diferem dos neuróticos, que reconhecem perfeitamente o caráter patológico de seus distúrbios e não se dissociam da realidade objetiva que os cerca.

Ao contrário do que muita gente pensa, nem sempre as psicoses determinam um caos mental. Equivale dizer, certas funções como a memória, a inteligência, o cabedal de conhecimentos adquiridos podem manter-se inalterados em algumas psicoses. Mas como tais enfermos perdem mais ou menos a sua capacidade de ajustamento social, eles se veem então incapazes de reger suas pessoas e seus bens, sendo, por isso mesmo, considerados irresponsáveis perante as leis penais.

Os clínicos identificam a psicose maníaco-depressiva e a esquizofrenia. A primeira se caracteriza por uma periodicidade, ou seja, a eclosão de crises separadas por intervalos mais ou menos longos durante os quais pode estabelecer-se uma certa normalidade no comportamento do indivíduo. Quando irrompem as crises, para logo o humor se altera com a alegria ou a cólera em exagero, com grande excitação psíquica e motora ou ainda um estado depressivo, com tristeza, inibição, auto-recriminações, até idéias de suicídio, etc. Já a esquizofrenia constitui uma espécie de fuga do mundo real e desagradável para um mundo de fantasia, isto é, uma regressão a um nível mais infantil, bem distante daquele meio adverso ao qual o paciente se vê incapaz de ajustar-se.

Como causas de tudo isto a ciência médica aponta doenças e lesões no organismo, em decorrência do alcoolismo, das toxicomanias, da arteriosclerose cerebral, da demência senil, da paralisia geral, ou seja, da inflamação crônica e destruidora motivada pelo micróbio causador da sífilis em seu estágio mais avançado e profundo, atacando o tecido nobre do cérebro. A ciência acadêmica aponta ainda as carências de todos os tipos, tanto alimentares como afetivas. Lembra a estrutura somatopsíquica do indivíduo mais ou menos vulnerável em suas bases tornando-se incapaz de sobrepor-se a atmosferas emocionais mais tensas como os conflitos intrafamiliares, os desajustes educativos traumatizantes, etc.

A Psiquiatria lança mão de várias técnicas de tratamento como a convulsoterapia (química e elétrica), a insulino-terapia, a psicocirurgia, o psicodrama, o hipnotismo, a sonoterapia, a hipnoanálise, a narcoanálise, a terapia ocupacional, etc. Nada obstante, nos dias em que vivemos — doloroso afirmá-lo! — as moléstias mentais atingem índices enormes. Bem elevado o contingente de pessoas nas clínicas dos psicanalistas, nos divas dos analistas, necessitando urgentemente de apoio afetivo e de orientação psicológica, até de remédios adequados, para libertar-se de seus temores e fobias, de seus vícios e maus pendores, de suas angústias e conflitos, de seus condicionamentos e limitações... São mazelas que reduzem a qualidade de vida, destruindo em muitos corações a alegria, o encanto de viver, sobretudo no tumulto das grandes cidades, onde a sugestão ao álcool, ao cigarro, ao sexo, mesmo ao tóxico, e a pressão econômica, o corre-corre desenfreado em busca dos bens materiais proporcionados pelo dinheiro se tornam mais aguçados é absorventes.

As doenças mentais — dirá algum leitor — devem ser tratadas pela poderosa Medicina oficial. Para tanto ela dispõe de muitos recursos, haja vista o seu progresso nos últimos anos. No entanto, embora reconheçamos com alegria e satisfação os avanços científicos da atualidade, uma pergunta não podemos deixar de fazer, e que é a seguinte: A Medicina pode resolver mesmo todos os casos que lhe são apresentados? No terreno específico da Psiquiatria, que nos interessa neste livrinho, tem ela condições de atacar e vencer todas as doenças mentais? Carlos Imbassahy no livro *A Mediunidade e a Lei* citou vários depoimentos médicos que podem ser aqui recordados, para responder às nossas indagações acima. Senão, vejamos.

Dr. Miguel Couto, uma das glórias da Medicina nacional, proclamou: "Os erros são contingentes e ninguém está livre de os cometer..."

Dr. Francisco de Castro, outra celebridade da nossa Ciência, esclareceu: "Um médico, destro nas sutilezas de sua arte, afeito a afrontá-la nas suas dificuldades, penetrado de uma forte vocação e concentrado nela, sábio na prática, e, o que não é menos, sábio na teoria, cheio da sagacidade, de finura, de bom-senso, esse médico, apesar da existência de tantos dotes, se apurar a estatística de seus erros, não os encontrará em proporção menor de 20%."

Dr. Floriano de Lemos escreveu: "Não há médico, dotado de larga clínica, que não tenha tido na sua vida profissional duas espécies, de surpresas decepcionantes: ver escapar da morte um seu cliente dado por perdido, assistir ao óbito de outro que tudo dizia ficar rapidamente bom".

Entre as dificuldades na arte de curar, anotava Dr. João Froes a natureza da doença, obscura, complicada, nova, desconhecida, e as falhas do médico, observação insuficiente, interpretação viciada, ignorância, imperícia, negligência, precipitação.

Dr. Jaquet chegou a ser categórico ao afirmar que cada novo ensaio terapêutico tem sido acompanhado de acidentes mais ou menos numerosos e graves. O caminho da moderna terapêutica está juncado de vítimas. Tem-se a impressão de uma Medicina que mata, do que de uma Medicina que cura. E chegou a atribuir a razões pecuniárias ou meramente científicas este estado de coisas.



Dr. Pierre Winter de hospitais de Paris insistiu na mesma tecla, declarando: "Temos denunciado o perigo dessa Medicina de artilheiros, que pica, que injeta as mais diferentes substâncias sem levar em conta as repercussões imediatas ou longínquas que possam ter em nosso organismo".

Com estas palavras não estamos desmerecendo, em absoluto, os méritos da Medicina. Nem ignorando os valores morais e intelectuais de tantos sacerdotes da arte de curar. Impossível desconhecê-los. Eles existem em apreciável messe. Mas nem por isso iremos ignorar as suas limitações, uma vez que levam em conta o homem apenas do ponto de vista material. Não veem nele um princípio imaterial que habita o corpo humano, como foi visto na primeira parte deste nosso livrinho.

No terreno da Psiquiatria a coisa não fica muito diferente, não! Ela se mostra também impotente para resolver todos os problemas que lhe são apresentados. Vejamos, ainda com a obra de Carlos Imbassahy A Mediunidade e a Lei, o depoimento de outros médicos a este respeito.

Dr. Leônidas Ribeiro, escrevendo no jornal carioca O Globo, explicava que os neuróticos ainda constituem um grande problema para a Psiquiatria. A Psicanálise tem tentado resolver os casos de neuroses, porém, na opinião dele, diretor de Casas-de-Saúde, não tem adiantado grande coisa, porque, além de outros fatores, é um tratamento moroso e dispendioso.

Dr. Brown, da Universidade de Kansas (EUA), confessou que ainda estamos no escuro quanto às razões do êxito ou do insucesso do tratamento psiquiátrico. E completa dizendo que em Psiquiatria, com raríssimas exceções, não há terapia específica para tal ou qual doença mental.

Que as citações estão se alongando bem sabemos. Por isso, para encerrá-las, vejamos a opinião de Sigmund Freud, o Pai da Psicanálise, onde ele assim se expressou: "Dentro da Medicina, a Psiquiatria ocupa-se certamente de descrever as perturbações psíquicas por ela observadas e de reuni-las, formando quadros clínicos; mas, em seus momentos de sinceridade, os próprios psiquiatras duvidam de que suas dissertações, puramente descritivas, mereçam realmente o nome de ciência". Cf. Obras Completas, tradução espanhola de Bellesteros y de Torres, 1948, Volume II, pág. 63.

A nós, com pureza d'alma, não causa espanto nada disto. Não causa porque a ciência acadêmica nega-se a admitir as características espirituais do homem; e assim, no estudo do destrambelho psíquico, concentra-se nos efeitos, ao invés de investigar mais a fundo as suas causas. Conclusão, não atinge suas raízes mais profundas. E assim o mal persiste. Sofre o paciente. E, com ele, os seus familiares, os seus amigos, tantos quantos o veem nas malhas dos distúrbios da personalidade. É bem verdade que todo aquele elenco de causas não-propriadamente espirituais não pode ser esquecido, sob pena de se analisar a loucura de um modo unilateral. Mas também a ciência universitária peca se não levar em conta uma possível intervenção espiritual em determinados casos de descontrole das faculdades mentais. É antes a combinação de ambos, fatores espirituais e materiais, em íntima conexão. Além do contexto social do homem encarnado, além de seu equipamento somático mais vulnerável, devemos considerar as entidades desencarnadas que pululam em seu derredor, num clima de vibrações negativas ou positivas, como resultado de aquisições de amor ou de ódio, valores amealhados ao longo das vidas sucessivas. Não atentando para tudo isto, não poderemos entender plenamente muita coisa que ocorre em nós e à nossa volta.

A contribuição do Espiritismo é valiosa nestas horas angustiantes. À luz da Doutrina Espírita o doente mental não pode ser olhado apenas do ponto de vista material, mas sobretudo do ângulo espiritual. Toda obsessão, se não tiver sua origem em vidas passadas, é consequência do mau uso das faculdades mediúnicas, ou é resultado de maus sentimentos da vítima, nisto consistindo, em síntese, a contribuição espírita para a análise do assunto. Mesmo porque, todo aquele rol de precedentes orgânicos ou ambientais apontados pela ciência oficial pode servir de ponto de partida para a insinuação do inimigo do Além. As referidas causas podem funcionar como se foram porta aberta à penetração de fluidos negativos e destruidores do adversário invisível de outras vidas e aí a obsessão se instala como passaremos a examinar nesta segunda parte do nosso livrinho.

## CAPÍTULO II

### INFLUÊNCIA ESPIRITUAL

Os Espíritos exercem decisiva influência sobre os homens. É bem verdade que não chegam a tolher, por isso, o livre-arbítrio da Humanidade encarnada. Assim, cada um é responsável pelo que faz, pelo que diz, pelo que pensa. Cada qual é responsável pelos seus atos; mas de que existe essa influência dos Espíritos sobre os homens não podemos duvidar. Tal fato se dá sobretudo na esfera mental. Nem sempre os pensamentos que temos são realmente nossos em tudo e por tudo. Podem estar sendo sugeridos por um ou mais Espíritos dentre os muitos que nos cercam de modo incessante, onde quer que estejamos. Artistas como os músicos, os pintores, os tribunos, cuja sensibilidade se mostra mais receptiva, estão sujeitos a esta influência. Muitos o reconheceram publicamente. Assim, Mozart dizia: "Desejadas saber qual o meu modo de compor e que método sigo. Não te posso verdadeiramente dizer a este respeito senão o que se segue, porque eu mesmo nada sei e não me posso explicar: Quando estou em boas disposições e inteiramente só, durante o meu passeio, os pensamentos musicais me vêm com abundância. Ignoro donde procedem esses pensamentos e como me chegam; nisso não tem a minha vontade a menor intervenção". De igual modo, o jornalista Paul Adam esclarecia: "A Força que me inspirava tinha tal intensidade física, que obrigava o lápis a subir sozinho pelo declive do papel, que eu inclinava com a mão, contrariamente às leis do peso. Essa Força não somente via o passado, que eu ignorava, como possuía a presciência do futuro. Essas predições eram de surpreendente realização, visto como nada, absolutamente nada, me podia fazer prevê-las". Heine contava que às vezes escrevia sem interrupção e sem fazer emendas, parecendo ouvir por cima de sua cabeça como que o ruflar de asas. Zola confessou que, ao escrever um dado romance, deixava que ele se fizesse por si mesmo, quer dizer, esperava que as cenas e os personagens surgissem encaixando-se naturalmente. O mesmo ocorreu, em linhas gerais, com Dostoievsky ao elaborar Os Irmãos Karamazovi. Com Dante

Alighieri e a Divina Comédia. Com Goethe e O Fausto. Com o nosso patrício Guimarães Rosa e seus romances. Impossível, pois, negar a influência dos Espíritos sobre os encarnados.

Assim como o mel atrai as moscas, os nossos pensamentos, bons ou malsãos, atraem, respectivamente, entidades superiores ou inferiores que, então, encontrando ambiente propício em nosso panorama psíquico, como que nos sopram as suas sugestões. Quem leu com atenção o livro Sexo e Destino, de André Luiz, deve estar lembrado de como dois Espíritos inferiores sugerem ao encarnado Cláudio Nogueira a vontade de beber alcoólicos. E efetivamente os dois desencarnados "bebem" pela goela daquele homem invigilante. Não estava ele, absolutamente, submetido a qualquer constrangimento impeditivo de sua vontade; ele aceitava de bom grado a hospedagem dos Espíritos por deliberação própria, embora não tivesse plena consciência disto! É o que se dá com a esmagadora maioria dos viciados por aí. Tudo vai depender do panorama mental, da formação moral, dos anseios íntimos de cada um que, por seu turno, se vê cercado de entidades em iguais condições vibratórias.

Desnecessário dizer que os bons Espíritos não nos sugerem senão pensamentos bons, nobres, puros, superiores. Nem poderia ser de outro modo: cada um dá do que tem. Espíritos bons não impõem coisa alguma a quem quer que seja. Nem se irritam quando, por nossa obstinação, fazemos ouvidos moucos às suas amorosas advertências. Antes, lamentam a nossa persistência na descrença ou nos maus propósitos. Aguardam, porém, que o tempo passe. E com o passar do tempo surge o amadurecimento que, não raro, é trazido pela dor. Mas de qualquer forma estão sempre dispostos a auxiliar-nos a vencer nossas imperfeições e a avançar na senda da Caridade, da Justiça e do Amor.

Já os Espíritos inferiores, estes não só nos incitam à prática do Mal, açulando-nos os pendores negativos, como também servem de prova, experimentando até onde vai a nossa fé em Deus. Até onde chega a nossa perseverança no caminho do Bem comum. Cabe-nos, pois, decidir entre esta ou aquela modalidade de companhia espiritual.

Vale frisar também que contamos com a assistência de nosso amigo espiritual, que foi chamado, pelas religiões tradicionais, de anjo-da-guarda. Com efeito, cada um de nós tem o seu Espírito protetor. Cabe a este abnegado companheiro guiar o seu tutelado amorosamente, sobretudo nas horas quando o encarnado deve

enfrentar uma determinada dificuldade. Neste sentido podemos dizer que não estamos órfãos da proteção do Alto. Não estamos perdidos no espaço como pensam muitos em suas aflições. Atuando ao nosso lado, embora no plano invisível, este amigo nos sugere idéias mostrando-nos o melhor caminho a seguir. Mas se o protegido teimosamente insiste em errar, então deixa-o sofrer as consequências de seu desatino para que ele aprenda por experiência própria os efeitos de sua irreflexão. Quando, mais tarde, arrepende-se de seu engano, e manifesta vontade de acertar, ei-lo que de novo, com uma paciência infinita, envolve seu protegido em vibrações fraternas de encorajamento e de ternura. Mas sempre sem violar-lhe o livre-arbítrio, de sorte possa ao encarnado caber a total responsabilidade de seus atos.

Todos estes conhecimentos fornecidos pelo Espiritismo são importantes para o entendimento da gênese e da terapia da obsessão.

Cumpra, por outro lado, atentar para o fato de que nem sempre os males que nos atingem são, a rigor, resultado de uma influência espiritual inferior. Às vezes decorrem de nossa própria insensatez. Muito cômodo seria, então, invocar razões estranhas a nós mesmos. Numa palavra, ocorre uma autoflagelação a lesar a economia do perispírito e do corpo somático como bem adverte Dias da Cruz no livro *Vozes do Grande Além*, onde lemos: "O vício do fumo, da bebida alcoólica, da alimentação condimentada, as crises da maledicência, da revolta, da desesperação, da crueldade criam sobre o nosso veículo perispiritual verdadeiras tempestades magnéticas, desorganizando o nosso veículo de manifestação com doenças de diagnose complexa, que vão desde a cefalalgia à meningite, da melancolia à loucura inabordável".

Caros leitores: Enfermidade é sinônimo de desequilíbrio, quer dizer, desarmonia. Um homem equilibrado goza saúde. Se sua mente está em perfeita harmonia com a Bondade, automaticamente o seu organismo funciona bem. Não se sente achacado de moléstias e mal-estar. Naturalmente, o organismo não é de todo invulnerável. A constituição orgânica sofre, é claro, a falta de alimento, a ação do frio, dos micróbios, da marcha inexorável dos anos. Tudo isso é verdadeiro e não estamos a ignorar tais fatos. No entanto, a esmagadora maioria das doenças não resultam da ação dos germes nem mesmo da degenerescência da velhice. A maior parte das moléstias são decorrentes da influência espiritual do próprio Espírito sobre o seu corpo material. É no Espírito que mora a preguiça e a preguiça desencadeia as disfunções do reumatismo. É no Espírito que reside a gula e a gula descontrola o funcionamento dos órgãos digestivos. É no Espírito que demora o ódio e o ódio envenena o sangue alterando o funcionamento das glândulas de secreção interna. É no Espírito que deitam raízes os ímpetos sensuais e são os ímpetos sensuais que destrambelham a fisiologia da reprodução. É no Espírito que se escondem os impulsos da violência e são os impulsos da violência que nos atingem os membros, retendo-nos ao leito ou à cadeira-de-rodas. É no Espírito que se aninham os desvarios da maledicência e são os desvarios da maledicência que nos impõem a mudez, a surdez, a gagueira.

Como estamos observando, cada um de nós mora em Espírito onde projeta o pensamento. Respiramos o Bem ou o Mal, temos a assistência de bons ou maus Espíritos de acordo com as nossas preferências pessoais; mas antes de atribuir a outrem a razão de nossa dor, olhemo-nos no espelho da nossa própria consciência. A este respeito aprendemos em O Evangelho Segundo o Espiritismo, capítulo 5.º combinado com o 27.º, que, remontando à origem dos males terrenos, o homem poderá reconhecer que muitos são consequência natural do caráter e do proceder daquele que os suporta. Quantos homens não caem por conta própria! Quantos são vítimas de sua imprevidência, de seu orgulho, de sua ambição! Quantos se arruinam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não terem sabido limitar seus desejos! Quantas uniões desgraçadas, porque resultaram de um cálculo de interesse ou de vaidade e nas quais o coração não tomou parte alguma! Quantas dissensões funestas se teriam evitado com um pouco de moderação e menos susceptibilidade! Quantas doenças e enfermidades decorrem da intemperança e dos excessos de todo gênero! Interroguemos friamente as nossas consciências se fomos feridos em nossos corações pelas vicissitudes e decepções da vida! Remontemos passo a passo à origem dos males que nos torturam e verifiquemos se não são muitas vezes resultado de nossos atos, de nossas palavras, de nossos pensamentos. Se não poderíamos exclamar: Se eu tivesse feito ou deixado de fazer tal coisa, não estaria agora nesta situação.

Todas estas misérias resultam das nossas infrações às Leis de Deus pois, se as observássemos com maior cuidado, seríamos inteiramente felizes agora. Se não ultrapassássemos o limite do necessário, não apanharíamos as enfermidades decorrentes dos excessos. Se puséssemos freio à nossa ambição, não teríamos que temer a ruína. Se praticássemos a Lei da Caridade, não seríamos maldizentes, nem invejosos, nem egoístas, e teríamos evitado disputas, dissensões, nem teríamos de temer vinganças contra nós.

Pela prece, obtém o homem o concurso dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe idéias sadias e edificantes. Ela adquire, deste modo, a força moral necessária para vencer as dificuldades e volver ao caminho do Bem, caso dele tenha se afastado. Pela oração sincera, o . homem angaria a assistência espiritual para desviar de si os males que atrairia por suas faltas.

Sim, a influência espiritual existe. Ela é inegável, tanto a positiva de nossos amigos como a negativa, de entidades perturbadas e perturbadoras. Mas antes de atribuir a estas últimas a razão de nossos sofrimentos, investiguemos com cuidado se não somos nós mesmos os autores da maior parte de nossas aflições, às quais nos pouparíamos se agíssemos com sabedoria e prudência, dentro do ensinamento de Jesus: Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.



## CAPÍTULO III A OBSESSÃO SEGUNDO KARDEC

Certos Espíritos maus podem assumir o domínio sobre algumas criaturas com o objetivo de escravizá-las, submetê-las à vontade deles, pelo prazer que experimentam em fazer o mal. Segundo as obras do Codificador (O Livro dos Médiuns, A Gênese, o Evangelho seg. o Espiritismo), esta influência perniciosa se classifica em três categorias, a saber: Obsessão simples, Fascinação e Subjugação (moral e corporal). Vejamos cada categoria de per si.

### I - OBSESSÃO

Quase sempre, a obsessão exprime a vingança que o Espírito exerce sobre o obsidiado e que, com frequência, se radica nas relações que este último manteve com o obsessor em precedente existência corporal. Para caracterizar a obsessão, vejamos alguns casos típicos.

Na primeira parte de nosso livrinho, passando em revista os fundamentos do Espiritismo, fizemos ligeira referência ao trabalho do Dr. Wickland (livro Trinta Anos entre os Mortos); os leitores devem estar lembrados disso. Pois bem, este pesquisador cita um fato que se enquadra neste conceito de Kardec. Diz ele:

Caso estranho foi o do sr. M. O, homem de negócios em Chicago, cuja família, do ponto de vista social, é uma das mais elevadas dos EEUU. Este senhor começou subitamente a agir de modo muito estranho. Evitava encontrar-se com a família. Lá, um belo dia, preparou as malas e abandonou os familiares, indo morar num pequeno aposento do quarteirão mais ínfimo e muito mal afamado da cidade. Não vi mais este homem, mas uma parenta sua, tendo ouvido falar de minha clínica, veio a mim e pediu que tratasse do sr. M. C, que tinha enlouquecido repentinamente. Fiz o que ela pediu, e logo se manifestou uma entidade espiritual que, depois de certa relutância, deu o nome, confessando ter sido a sua primeira mulher. E narrou sua história com o Sr. M. C. Uma vez morta, tornou em Espírito à casa do ex-marido e, encontrando-o feliz com a nova esposa e o filho, foi tomada de grande irritação e propósito de vingança, e o influenciou de modo a induzi-lo a abandonar os parentes para viver no quarteirão da cidade onde ela mesma vivera e sentira--se à vontade. Insisti longamente (informa Wickland) para fazê-la compreender toda a enorme culpabilidade de sua conduta. Ela pareceu render-se quando lhe disse que, se se arrependesse e desistisse de perseguir o sr. M. C, poderia progredir, elevar-se no mundo espiritual, onde agora se encontrava. Prometeu, então, deixar sua vítima em paz.

E o pesquisador arremata seu relato afirmando: Quando revi a parenta do sr. M.C. contei-lhe a narrativa do Espírito. Com grande satisfação vim a saber que o relato correspondia em tudo à realidade dos fatos. Que os nomes eram certos. Que o referido cavalheiro se casara realmente com aquela senhora, em primeiras núpcias, foi um matrimônio infeliz, o que a família escondia e ninguém a isso aludia.

Vale relembrar aqui também o que sucedeu ao General H.C. Fix, consoante seu depoimento em 1901, na *Revue Scientifique et Moral du Spiritisme*. A senhorita Reyners, muito aflita, procurou-o em casa para dizer-lhe que seu pai tinha sido atacado, repentinamente, de alienação mental. Já estava, inclusive, recolhido a um sanatório especializado. Acreditando tratar-se de um caso de obsessão, o General Fix invocou, por intermédio da própria filha do paciente, que era médium, o Espírito obsessor, a fim de moralizá-lo. O obsessor manifestou-se informando que agia por vingança contra Reyners, que o havia condenado à prisão. Nove dias depois, após grandes esforços, conseguiram convencer o Espírito que ele estava causando muito mal ao outro e a si mesmo. Tendo caído em si e compreendido a situação, arrependeu-se e prometeu deixar em paz o seu antigo codificador. E, de fato, foi fiel à sua palavra — Reyners saiu do hospital inteiramente curado.

Dr. Inácio Ferreira, abnegado médico psiquiatra do interior mineiro, dedicou-se a casos dolorosos de obsessão, tendo publicado diversos livros relatando o resultado de suas pesquisas médicas. Sumariemos um deles. Diz o confrade:

Há um ano, pouco mais ou menos, aqui em Uberaba (MG), por questões de somenos importância, um rapaz de família importante no lugar matou um operário que se chamava S.M. O nosso doente, em companhia de um de seus irmãos, foi testemunha do crime, depondo, durante o sumário de culpa, a favor do assassino. S.M., isto é, o operário assassinado, após sua desencarnação, ainda inconsciente, julgando-se vivo entre os homens, assistiu a alguns depoimentos e foi possuído de grande revolta, contra as testemunhas que haviam deposto contra ele. E esta revolta se tornou em ódio acirrado, após a absolvição do assassino. O enfermo, internado no sanatório, estava sofrendo as consequências da perseguição deste operário, enquanto esperávamos uma oportunidade para atraí-lo a alguma sessão.

Sobre o estado do paciente, Dr. Ferreira diz que ele estava completamente inconsciente do lugar, do tempo e do espaço onde se encontrava. Sem memória e sem raciocínio. Pouco dormia e pouco se alimentava. Vivia num desespero que confrangeu o Espírito de todos nós, apesar do costume e do convívio com o sofrimento. Rasgava tudo o que podia e que estivesse a seu alcance. Gritando e falando, dia e noite, palavras desconexas, frases sem sentido. Ora demonstrando medo, ora em atitudes de brigas e discussões, ia, assim, sofrendo as consequências da atuação de uma Entidade invisível e inteligente.

Foram feitas reuniões mediúnicas para o caso. Por fim, como informa o médico psiquiatra espírita, o paciente foi melhorando sensivelmente e, após vinte dias, já estava melhor, conversando bem, dormindo e se alimentando regularmente. Enfim, em 19/12/1938, por ocasião de uma das sessões experimentais, conseguiu-se falar com o obsessor. A certa altura, ouviu-se o Espírito, através do médium, entre outras coisas, declarar o seguinte: Sofri e tenho sofrido muito. Mas sinto ligeira satisfação quando vejo esse indivíduo sofrer as consequências de sua maldade. (...) Convenientemente doutrinado, chorou, demonstrando arrependimento, e prometeu não mais continuar no caminho do erro.

Como estamos vendo, a obsessão resulta da prática de uma vingança contra a pessoa que magoou o Espírito em sua vida corporal ou mesmo em outras existências anteriores.

Não se pense, no entanto, seja apenas a obsessão a única forma de expiar os delitos do passado. Ela se estabelece quando a nossa vítima de outras vidas não nos perdoou as ofensas. E vem cobrá-las com o mais vivo rancor. Quando, por outro lado, ela não nos vota ódio, prosseguindo em sua trajetória já dotada de melhores sentimentos morais (e a prova está em que nos perdoou de coração o malefício que lhe fizemos), outras hão de ser as formas de expiarmos os nossos desatinos. É quando entram em ação outros mecanismos corretivos da Lei de Deus, na forma de doenças de nascença, de acidentes dolorosos que nos ceifam a vida física no vigor dos anos, de dificuldades financeiras que nos impõem uma existência de inauditos sacrifícios, etc.

Quando um navio soçobra em alto-mar ou um avião aterrissa em chamas, vitimando tripulantes e passageiros — quem poderia negar não estarem ali reunidos, por força da Lei de Causa e Efeito, Espíritos que no passado foram piratas saqueadores em pleno oceano de embarcações indefesas? Humberto de Campos (Irmão X), numa de suas reportagens do Além, já explicou porque num circo em Niterói (RJ), no ano de 1961, pereceram dezenas de crianças em pavoroso incêndio que enlutou a nação. Em outra ocasião aqueles mesmos Espíritos agora ali reunidos numa expiação coletiva simplesmente puseram dentro de um circo romano cristãos indefesos e, tendo soltado alguns cavalos cegos no ambiente, atearam fogo ao conjunto. O leitor já pode adivinhar o terrível suplício daqueles mártires do Cristianismo! O mesmo amigo espiritual elucidou também o porquê de terem reencarnado em corpos aleijados tantos Espíritos em diversos países da atualidade, por causa do remédio talidomida que suas mães tomaram durante a gestação. Tratavam-se de Espíritos que, na última II Grande Guerra Mundial na qualidade de soldados alemães, quando de assalto a uma cidade, iam além do que determinavam seus superiores. Não se limitavam a cumprir ordens, praticavam atos de torpe crueldade por conta própria. Conclusão: não sofreram obsessão. Mas regressaram ao cenário do mundo jungidos a corpos disformes.

Como sempre, aquela verdade reencarnacionista: Cada existência, feliz ou desgraçada, é o resultado de atos praticados em vidas anteriores como já vimos em outra parte de nossos apontamentos.

Além da vingança de um Espírito que quer fazer justiça com as próprias mãos, outras causas há, segundo Kardec, para desencadear uma obsessão. Vejamos:

A - Desejo de fazer o Mal, pois, como sofre, o obsessor deseja estender a terceiros o seu padecimento, sentindo um certo prazer em humilhar o obsidiado. Neste caso, quanto mais a vítima se mostra irritada, tanto mais teimosamente o Espírito persiste em seu intento, daí o melhor que se tem a fazer será mostrar-se paciente, compreensivo, pois tal comportamento amoroso acabará por afastá-lo.

B - Sentimento de inveja de vez que o malfeitor não consegue ficar indiferente à prosperidade de um dado encarnado, aqui na Terra, prosperidade esta que o referido homem desfruta, não raro, em decorrência de seu esforço pessoal. E como o progresso alheio lhe desperta inveja, o Espírito passa a hostilizar a vítima, valendo-se de um momento de fraqueza desta última.

C - Invigilância do encarnado que, por seus atos, por suas palavras, sobretudo por seus pensamentos frívolos (ver o capítulo sobre as brechas psíquicas da obsessão), como que atrai entidades sofredoras para gozar satisfações sensoriais menos dignas tal como vinham fazendo quando na carne. Neste terreno se situam os que bebem, os que fumam, os que praticam o sexo sem responsabilidade, os que jogam inverteradamente, pensando que agem sozinhos, mas que, na verdade, podem estar debaixo da influência perniciosa de Espíritos inferiores que, às vezes, nem sabem que já desencarnaram. Judiciosamente advertiu J. Herculano Pires no seu livro *Mediunidade* que o simples fato de morrer não modifica ninguém. E dá exemplos ilustrativos: O sensual continua sensual, depois da morte. O alcoólatra não perde o seu vício. O bandido permanece bandido. E, como vínhamos dizendo antes, o encarnado in vigilante acaba sendo manobrado, por conivência ou acomodação, mediante hipnose (sugestão mental), pelas referidas entidades que dos homens se servem, repetimos, para satisfações menos dignas.

D — Obsessão decorrente da eclosão das faculdades mediúnicas e o médium, por razões pessoais, se nega a aceitar o fato que se impõe. Não procura um centro adequado, onde haja segura orientação doutrinária, para educar as suas faculdades medianímicas. Não educando o seu mediunismo, não sabendo como controlá-lo, como canalizá-lo para o Bem comum, acaba o médium inexperiente nas malhas das influências negativas de entidades malfazejas. A mediunidade, não raro, constitui oportunidade de resgatar velhas dívidas, recurso oferecido pela Misericórdia de Deus para que a criatura faça o Bem ao semelhante, quitando-se de débitos anteriores. Uma vez na carne, as promessas são olvidadas, o homem nega-se ao exercício cristão da mediunidade. Ficam, então, sofrendo distúrbios da conduta, por inferência de entidades perturbadas e perturbadoras.

E - Obsessão decorrente do mau emprego das faculdades supranormais da parte daqueles médiuns que, por falta de orientação doutrinária, fazem de seus recursos medianeiros simples fonte de renda, um meio de vida, ou um modo qualquer de auferir outros proveitos pessoais na comunidade, com isso abrindo as portas de seu psiquismo à penetração de entidades trevosas e infelizes.

Duas ponderações devemos aqui fazer baseando-se no resultado da experiência mediúnica. A primeira diz respeito ao fato de que a influência malévola temporária do plano Espiritual sobre um certo indivíduo não quer dizer que, forçosamente, uma vez afastado o obsessor, o ex-perturbado seja candidato ao exercício regular da mediunidade. É bem verdade que muitos companheiros, hoje ativamente integrados aos quadros mediúnicos de nossos centros espíritas, até estes grupos foram conduzidos pelas mãos de um processo deste gênero. Afastada a indução nociva, conscientizaram-se das finalidades da vida, conheceram e aceitaram os postulados doutrinários da 3a Revelação e se fizeram abnegados seareiros da mediunidade. Isto, no entanto, não quer dizer que todos os que sofrem uma perturbação espiritual se tornarão médiuns atuantes. Não; uma vez curado o processo obsessivo, deve a criatura procurar encaminhar-se num sentido mais elevado de viver, sem ser, repetimos, forçosamente, um médium na estrita acepção do termo.

A outra ponderação refere-se à alegação de que o Espiritismo levaria a criatura à loucura. Encarando aprioristicamente desta maneira, conceituados psiquiatras brasileiros (Silva Melo, Henrique Roxo e outros) alegavam serem os médiuns alienados mentais, sujeitos ao que chamavam de "delírio espírita episódico", quer dizer, o Espiritismo transformado em fábrica de loucos (sic!). Ora, raciocinar desta maneira sem examinar criteriosamente a verdade dos fatos — é ignorar o que, de fato, acontece! Primeiro porque o Espiritismo não inventou os Espíritos nem os médiuns. A Doutrina Espírita teve início exatamente em 1857, quando em Paris Kardec, com o lançamento da 1ª edição de O Livro dos Espíritos, dava começo à sua codificação. E os Espíritos e os médiuns, eles sempre existiram no mundo, desde quando apareceu a Humanidade na Terra. Assim, desde os tempos mais imemoriais houve as obsessões. Além disto, graças aos conhecimentos proporcionados pela compreensão espírita é que o homem passou a compreender a origem destas perturbações e sobretudo a eficácia de seu método terapêutico como fórmula de orientação e consolo, tanto de obsessores como de obsidiados. Não analisar assim é torcer a realidade dos fatos porque se está com idéias preconcebidas de preconceitos de caráter religioso ou científico, atitudes nada abonadoras em quem deseja conhecer a Verdade.



## II - FASCINAÇÃO

Além do processo obsessivo, em suas obras Kardec faz um estudo exaustivo em torno da fascinação. Consiste na ilusão produzida por ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium de tal maneira que este último tem como que paralisado o raciocínio não percebendo a mistificação que lhe é imposta. Equivale dizer, uma entidade ardilosa, esperta, hipócrita lhe sugere os mais grotescos absurdos, comunica-lhe as mais evidentes inverdades, embora use a máscara da Bondade, da Humildade, do Amor. Qualquer pessoa de bom-senso reconhece o erro, percebe com facilidade o engodo; só o médium, estando fascinado, se nega teimoso a reconhecer o embuste; e ainda se ofende quando tais farsas são criticadas para desmascarar o impostor.

Há casos em que o espírito não está agindo por maldade, mas por orgulho. Partiu para a Espiritualidade com idéias errôneas profundamente arraigadas em seu modo de pensar. E quer, agora, a todo custo, impô-las a terceiros, para tanto fascinando o referido médium incauto. Para melhor impor-se, não raro o Espírito enfeita suas dissertações com linguagem empolada, rebuscada, cheia de nomes técnicos difíceis, de expressões bombásticas, mas que, no fundo, se forem examinadas com isenção de ânimo, vê-se que não dizem nada, chegando a ser contraditórias, entrando em choque com os postulados doutrinários, com a experiência e com o bom-senso.

Kardec exorta os médiuns quanto ao cuidado que se deve ter neste terreno escorregadio da mediunidade. Em O Livro dos Médiuns aparece aquela famosa advertência de Erasto declarando textualmente ser preferível rejeitar 99 verdades a admitir uma só mentira! Quando uma verdade nova tem de ser anunciada à Humanidade, ela o será através de diversos médiuns sob a inspiração de diferentes Espíritos em diferentes pontos do Globo. Em certa altura de O Evangelho seg. o Espiritismo está estabelecido aquele critério do Codificador: Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância que haja entre as revelações que eles façam espontaneamente servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.

Quando o Espírito fascinador percebe que no ambiente onde atua o médium aparece a crítica construtiva, examinando a sério o conteúdo de suas comunicações, na tentativa de abrir os olhos do medianeiro fascinado, de imediato a entidade sugere ao seu intérprete (ordena até, em certos casos) que se afaste daquele grupo. E' quando o companheiro, inadvertidamente, se aborrece com as sensatas ponderações que lhe são feitas e se isola do grupo. A fascinação alcançou o seu objetivo supremo: o Espírito mimoseia seu intermediário de elogios, para alisar-lhe a vaidade pessoal, e deita a transmitir, através dele, revelações absurdas e ridículas, assinando-as com nomes de famosos vultos históricos, no afã de impô-las aos homens em geral.

Todo cuidado é pouco pois é assim que surgem, às vezes, em nosso movimento, teorias extravagantes, livros de conteúdo medíocre ou discutível, que não resistem a meio palmo de exame mais profundo, mas que são capazes de arrastar pessoas menos avisadas e não esclarecidas quanto aos fundamentos do Espiritismo. O médium deve acautelar-se rogando a assistência dos bons Espíritos, suplicando o amparo de seu amigo espiritual, estudando as obras básicas da Codificação, ouvindo com reflexão as ponderações de confrades mais experientes nas sutilezas do exercício mediúnico e — sobretudo — negando-se terminantemente a fazer-se porta-voz de semelhantes falsos profetas da Espiritualidade.

Como estamos vendo, a fascinação relaciona-se com a mistificação, através da qual o Espírito comunicante falseia a verdade, diz-se o que não é, pretendendo enganar o médium e o grupo. Assim é que, não raro, comparece dizendo-se caboclo, índio, indu, africano, preto-velho, etc... Não estamos desconhecendo a possibilidade de ele ser, efetivamente, tudo isso, ou, por outra, ter sido assim em sua última passagem pela Terra e ainda conserva, na erraticidade, semelhantes características em seu perispírito para melhor identificação. Existe, sim, esta possibilidade, de que nos dá prova a xenoglossia, ou seja, o Espírito comunicar-se através de um médium estranho em sua língua anterior. Todavia, não poucas vezes se dá apenas um caso de mistificação. O médium se deixa fascinar, o ambiente é de criaturas excessivamente crédulas e o Espírito se vale de tudo isso para dizer-se uma coisa que não é.

O meio mais simples de evitar tal situação é não pedir à prática mediúnica, em relação com os Espíritos, o que ela, positivamente, não nos pode oferecer, qual seja, a transgressão às Leis de Deus, o atendimento de interesses terrenos, mesquinhos, egoísticos. A verdadeira finalidade do intercâmbio mediúnico é o melhoramento moral da Humanidade.

Ocorrendo estes incidentes desagradáveis, o grupo não deve culpar o médium de vez que o ambiente terá concorrido para o engano sofrido. O médium, se reconhece o erro, deve emendar-se para evitar novas mistificações e mesmo um processo doloroso de fascinação. Se é um médium sincero em seu trabalho, não deve abater-se porque o ocorrido será apenas um teste de sua humildade e de sua perseverança.

Também com relação a possíveis contradições nas mensagens mediúnicas temos a dizer que, em se tratando de Espíritos de pouca elevação, isto se dá porque nem sempre as suas idéias são corretas. Morte não é passaporte para o céu. Tampouco pleno conhecimento de todas as coisas. Mas relativamente a Espíritos bons não perder de vista o fato de o médium nem sempre ser um intérprete fiel da mensagem recebida. Tanto ele como o meio-ambiente podem desfigurar a resposta dada pelo Alto. Ademais, o Espírito pode estar dosando o conhecimento conforme as pessoas que o ouvem, evitando ferir bruscamente certos preconceitos, para continuar a merecer a aceitação do grupo a que cabe instruir.

### III - SUBJUGAÇÃO

A subjugação é o caso mais extremo da obsessão, chegando ao ponto de determinar verdadeira aberração das faculdades mentais do obsidiado. Corresponde às possessões de que nos falam os relatos bíblicos. Se o Espírito, dono do corpo, não tiver resistência moral suficiente para opor-lhe barreira ao assédio, a entidade perturbadora se apossa de seu organismo e procura de todos os modos possíveis prejudicá-lo seriamente, a ponto de provocar-lhe graves perturbações patológicas. Os seus fluidos são tão perniciosos, tão destrutivos, que se impõe a sua pronta retirada e a correspondente substituição por fluidos balsâmicos, medicamentosos, curadores. Mas antes de tudo é preciso remover os do adversário. Debalde a Medicina oficial tentará corrigir as alterações orgânicas e psicológicas se a causa psíquica primitiva persistir. Depois de sua remoção, urge socorrer a vítima no estado lamentável em que se encontra, socorro este feito em termos de passes magnéticos, de água fluidificada, de esclarecimento evangélico, de conscientização doutrinária, de apoio psicológico, até mesmo — se for o caso — de administração de remédios prescritos por médico competente, para atuar no plano físico também.

Mas para a melhor compreensão dos mecanismos da obsessão e da subjugação, tanto moral como corporal, é preciso que saibamos mais alguma coisa a respeito do perispírito.

## CAPÍTULO IV PAPEL DO PERISPÍRITO

Como estivemos estudando até aqui, o homem é constituído de três elementos básicos, a saber:

1 — O corpo material, análogo ao organismo dos animais superiores;

2 — O Espírito, onde se radica a vontade; a inteligência nele tem sede, aí também reside o senso moral; e por fim

3 — O perispírito, que constitui o corpo fluídico ou espiritual do Espírito.

Graças aos livros de Kardec e de André Luiz, sabemos que

O corpo material é utilizado pelo Espírito apenas durante a encarnação corpórea; assim, e diferente em cada encarnação, sendo decomposto na desencarnação com o fenômeno da morte que outra coisa não é senão a separação definitiva entre o Espírito e a sua carcaça material. Já o perispírito, que durante a vida terrena se acha impregnado também de fluido vital, serve permanentemente ao Espírito, mesmo após a desencarnação, depurando-se mais e mais até que dele não mais necessite quando estiver na condição de Espírito muito evolvido moralmente.

Bem, para que o leitor possa compreender melhor o papel do perispírito, mister se faz analisar, conquanto ligeiramente, alguma coisa sobre o corpo material, sobretudo no terreno do sistema nervoso. Vejamos.

## 1 - CORRELAÇÃO DAS FUNÇÕES

Os estudos fisiológicos, analisando o homem do ponto de vista estritamente biológico, admitem haver uma estreita e complexa coordenação exercida pelo sistema nervoso — e também pelas glândulas endócrinas ou de secreção interna — correlacionando com justeza as funções de todos os nossos órgãos corporais. Quer dizer, sistema nervoso e glândulas internas trabalham para que haja correspondência e harmonia no funcionamento de todo o nosso organismo.

As glândulas são inúmeras. Por exemplo, epífise, hipófise ou pituitária, tiróide, paratiróides, timo, supra-renais, pâncreas, fígado, as glândulas sexuais... Elas produzem e lançam continuamente na corrente sanguínea substâncias químicas especiais a que se dá o nome de hormônios, os quais atuam sobre órgãos distantes, controlando o crescimento corporal, o desenvolvimento dos aparelhos, o metabolismo dos alimentos minerais, a manutenção dos caracteres sexuais do indivíduo, etc... etc... etc... Tais glândulas garantem uma coordenação lenta e de natureza química — é a coordenação humoral.

Contrariamente, o sistema nervoso especializou-se em realizar uma coordenação mais rápida graças à emissão de estímulos nervosos que se propagam através dos nervos até todos os órgãos corporais. Afora isso, ele também coloca o indivíduo em contacto com o meio exterior, permitindo-o sentir frio, dor, pressão, ver as cores e os movimentos, ouvir os sons, perceber os cheiros, etc... etc... etc...

Assim, do ponto de vista da Anatomia, o homem exhibe então duas vidas, uma vida de relação com o ambiente e outra vegetativa (de nutrição). A Psicologia, trazendo à baila os fatos psíquicos, como a memória, as idéias e sua associação, o juízo, o raciocínio, a vontade, a imaginação, etc... etc... etc... — cita uma terceira vida que é a vida mental.

## VIDA DE RELAÇÃO

A vida de relação permite o relacionamento do corpo com o meio externo. Tal vida é comandada pelo sistema nervoso cérebro-espinhal, dotado de diversos órgãos como o cérebro, o cerebelo, o bulbo, a medula, alojada na coluna vertebral e os nervos sensitivos, motores e mistos que partem não só do encéfalo como também da medula espinal. Tais nervos recolhem informações do meio ou então trazem mensagens dos centros nervosos para os órgãos que estão sob seu controle, daí a contração ou o relaxamento dos músculos voluntários, a produção da voz,

O ritmo respiratório, etc... etc... etc...

## VIDA VEGETATIVA

A vida vegetativa se restringe aos órgãos cujo funcionamento não está na dependência direta de nossa consciência. Isto é, órgãos que funcionam independentemente de nossa vontade, como o estômago, os intestinos, as glândulas internas, já citadas, os vasos sanguíneos... Tais órgãos são regidos pelo chamado sistema nervoso autônomo, do qual há duas subdivisões, o simpático e o parassimpático. Na opinião do sábio italiano Nicola Pende, o sistema nervoso autônomo funciona como se fora um verdadeiro relógio controlador da vida, de vez que é ele que controla as funções mais importantes, reguladoras da vitalidade.

Basicamente o sistema autônomo se constitui de dois cordões, um direito e outro esquerdo, situados ao lado da coluna vertebral, desde a região dorsal até a lombar, cordões estes que, de espaço em espaço, se interrompem para exibir pequenas dilatações ovóides chamadas gânglios. Destes gânglios partem muitas fibras que se ramificam e se entrelaçam na proximidade ou mesmo na intimidade dos diversos órgãos sobre os quais atuam, constituindo os plexos.

O corpo apresenta diversos plexos, como os seguintes:

- 1 — carotídeo — na caixa craniana;
- 2 — laríngeo — na região cervical (pescoço);
- 3 — cardíaco — na região precordial;
- 4 — solear — na região epigástrica;
- 5 — mesentérico — na região do umbigo;
- 6 — hipogástrico — na região do baixo ventre; e, por fim,
- 7 — sacrococcígeo — na base da coluna vertebral.

Há quem diga seja incorreta a designação de autônomo para este sistema. Tais estruturas estão relacionadas com o sistema nervoso cérebro-espinhal. Este último também controla de certa forma o funcionamento das glândulas de vez que, por meio do hipotálamo, ele controla a glândula hipófise e esta, por sua vez, através de alguns de seus hormônios, controla a fisiologia de outras glândulas como o trabalho da tiróide, do pâncreas, das supra-renais, das glândulas sexuais...



## II - IMPORTÂNCIA DO PERISPÍRITO

Como é o perispírito que serve de base para a organização do corpo bem como a sua manutenção durante a vida, a despeito do fluxo contínuo da assimilação e da desassimilação do organismo — é de admitir-se tenha ele também como que verdadeiros órgãos etéricos ou zonas especialíssimas que controlariam o funcionamento de seus respectivos órgãos materiais. Assim, uma lesão violenta nos órgãos terrenos, em casos, por exemplo, de suicídio, poderá alterar os órgãos correspondentes da área perispiritual, explicando-se desta maneira as inúmeras doenças de nascença decorrentes de desvarios cármicos de vidas anteriores. É comum vermos nas sessões mediúnicas outrossim a penosa presença de entidades desencarnadas exibindo todos os sintomas de suas moléstias corporais da última vestimenta terrena. As referidas entidades sofredoras se sentem de fato sob o peso de suas velhas dores físicas porque o Espírito ainda não se reequilibrou, não se esclareceu, sua mente fixa ainda os quadros mórbidos do passado e por isso sofrem e sofrem muito mais do que possamos calcular! Aproximando-se de um irmão encarnado, podem inclusive lhes transmitir estes fluidos doentios chegando, em alguns casos, a lhes causar alterações no organismo material. Os médicos da Espiritualidade bondosamente curam tais desconfortos mediante passes adequados de acordo com a pauta cármica de cada um.

Opostamente, como aliás já foi comentado neste livrinho, pode o Espírito, por emitir pensamentos inferiores, por nutrir sentimentos malsãos, por persistir em propósitos infelizes, acalentando em seu íntimo o orgulho, o egoísmo, o rancor e tantas paixões descontroladas, pode ele desarranjar a harmonia de seu próprio perispírito e este destrambelhamento, mais cedo ou mais tarde, fatalmente irá atingir em cheio o corpo material, determinando moléstias de etiologia ignorada e tratamento difícil, segundo o conhecimento do médico da Terra.

Graças ao perispírito, o Espírito consegue libertar-se parcialmente do corpo nos momentos de sono, pondo-se em contacto com os demais Espíritos, destes contactos restando, às vezes, recordações mais ou menos perfeitas ou nítidas, constituindo o que se chama sonho. Pode, não raro, como já estudamos na primeira parte deste livrinho, adquirir diversos conhecimentos independentemente das vias sensoriais habituais! Maior desprendimento se dá no sonambulismo e nos desdobramentos, estudados noutros trechos de nosso presente compêndio doutrinário.

Com a desencarnação, dá-se a libertação definitiva. E o Espírito, de volta ao plano espiritual, leva consigo o seu perispírito que irá constituir-se em seu corpo fluídico, que funcionará à maneira de seu cartão de identificação, pois este último conserva todas as suas aquisições ao longo de suas vidas sucessivas! Numa palavra, o perispírito, dotado de propriedades eletromagnéticas, é o arquivo do Espírito, garantindo o seu progresso no infinito do Amor de Deus!

Cumpra não perder de vista que o perispírito não é em absoluto a cópia do corpo material. Não! O que se dá é justo o contrário: o corpo é que se forma e se organiza obedecendo-lhe as sugestões. O código genético hereditário, de que nos fala a moderna Biologia Molecular, pode explicar, à luz da Bioquímica celular, como se formam as células embrionárias com estes ou aqueles genes, dentro do padrão fixado pelos cromossomos legados pelos pais, de comum acordo com as possíveis influências do meio. No entanto, a correta arrumação destas células, na organização dos órgãos, aparelhos e sistemas, a sua manutenção ao longo da encarnação, tudo isto deve obedecer a uma ideia diretriz, de que já suspeitava o grande sábio francês Claude Bernard. E quem fornece semelhante planejamento básico é exatamente o perispírito!

### III - ÓRGÃOS OU CENTROS DO PERISPÍRITO

O perispírito tem uma natureza semimaterial. Na sua constituição entram elementos do fluido cósmico universal e da atmosfera planetária do mundo onde o Espírito está encarnado. É dotado de propriedades vibratórias, mais quintessenciadas à medida que se aproximam do Espírito e mais densificadas à proporção que se achegam ao corpo material, de onde como que transbordam, irradiando para a periferia sob a forma do que se chamou de aura e que já foi, inclusive, devidamente fotografado pelos soviéticos (casal Kirlian) dando-lhe a designação de corpo bioplásmico.

Esta aura é tanto mais atraente, luminosa, expressiva, quanto mais evolvido for o Espírito em moralidade, correspondendo às antigas auréolas que a Igreja Católica, por tradição, colocava sobre a cabeça de seus santos.

A vontade de agir parte sempre do Espírito. Tal desejo é transmitido ao perispírito, que o leva até o corpo onde a ação se manifesta no mundo físico onde vivemos. Contrariamente, qualquer estímulo que atinja o corpo material é transmitido ao Espírito atravessando a via perispiritual. Experiências bem conduzidas por Alberto de Rochas demonstraram de sobejo estar a sensibilidade radicada no perispírito pois quando o Espírito se afasta do corpo, por sugestão hipnótica (sonambulismo magnético, letargia, catalepsia), levando o seu corpo fluídico consigo, o organismo denso de nada se ressentido, não exhibe qualquer reação a pancadas, cortes e mesmo fogo, sentindo, porém, dores, quando o Espírito regressa a seu presídio material, acordando do sono magnético.

Na organização íntima deste corpo fluídico da alma humana, como nos leciona André Luiz em suas obras, em particular *Evolução em Dois Mundos*, encontram-se os recursos automáticos reguladores das células corporais. Aí se localizam centros responsáveis pela atividade funcional dos órgãos em geral, como se fossem, conforme expusemos antes, verdadeiros órgãos etéreos. Podemos enumerá-los da seguinte maneira.

#### 1) Centro coronário

Instalado na parte central do cérebro, sede da mente, ele orienta as formas, os movimentos, a vitalidade, o metabolismo orgânico bem como a vida consciencial da alma encarnada e desencarnada.

## 2) Centro cerebral

Contíguo ao anterior, ele sustenta os sentidos, administrando não apenas o sistema nervoso mas também as famosas glândulas internas, dentre elas destacando-se a epífise ou pineal, tão pouco ainda conhecida pela ciência acadêmica, mas que é de fundamental importância nas relações corpo-espírito via perispírito.

## 3) Centro laríngeo

Controla a respiração e a fonação (produção da voz).

## 4) Centro cardíaco

Dirige a emotividade e a circulação.

## 5) Centro esplênico

Determina as atividades do sistema sanguíneo.

## 6) Centro gástrico Responsabiliza-se pela digestão.

## 7) Centro genésico

Guia a modelagem de novas formas físicas (reprodução biológica) entre os encarnados e estabelecendo estímulos para o trabalho superior, entre os desencarnados.

Resumindo o que se leu até aqui, podemos dizer que, em linhas gerais, os plexos se situam no corpo físico. Já os mencionados centros de força espiritual ou fluídica se distribuem pelo perispírito, constituindo-se verdadeiros campos de eletromagnetismo, utilizados pela mente ou Espírito, cada um destes centros citados acima relacionando-se intimamente com os plexos estudados um pouco antes. Cremos ter dado ao leitor uma ideia de como o Espírito, valendo-se do perispírito, pode então pôr-se em contacto com a matéria.

Para terminar este capítulo, examinemos em seguida as repercussões de tais conhecimentos no terreno da mediunidade e sobretudo na área específica das obsessões dolorosas.

#### IV - PERISPÍRITO E MEDIUNIDADE

O intercâmbio entre os Espíritos e os encarnados processa--se graças às propriedades deste corpo fluídico. É ele que permite ao Espírito, como foi estudado, sentir ou, melhor dizendo, receber as sensações do mundo exterior e, também, serve de condutor de seu pensamento e da sua vontade. Nas entidades mais adiantadas, as sensações estão localizadas em todo o corpo perispirítico. Nos inferiores, ao contrário, os fluidos são tão materializados que lhes podem dar até a sensação de frio, de dor, de fome, etc... Nas manifestações de efeitos físicos (materializações, transporte de objetos e outros) o Espírito combina uma parte do fluido universal (que de si mesmo desprende) com o fluido adequado fornecido pelo médium. Com semelhante combinação pode animar objetos, pode compor formas que depois, por efeito de sua vontade, movimentam. Para a ectoplasmia o médium fornece inclusive, como já vimos alhures, uma substância especial — o ectoplasma — capaz de modelar formas com todas as características do ser humano. Notar que nestes casos são mais aptos os Espíritos ainda inferiores porque estão mais afinados com a matéria deste mundo onde vivemos.

Para os efeitos inteligentes (psicografia, psicofonia e outros) o Espírito comunicante como que adere, o seu perispírito ao do médium e, por ação fluídica, emite o seu pensamento que, posteriormente, captado, também por via perispiritual, pelo médium, este é capaz de retransmitir a mensagem, por meio de seus órgãos corporais, externando o que o Espírito deseja externar.

Se a entidade é elevada, os fluidos que se desprendem de seu perispírito são agradáveis, são suaves, proporcionam um bem-estar ao médium. Mas se é ainda involuída, cheia de maus sentimentos e imperfeições, então emite fluidos grosseiros que podem trazer ao médium momentâneo desconforto. No caso específico da perturbação obsessiva, que nos interessa mais de perto neste livrinho, tais fluidos carregados de vibrações de ódio, de rancor, de ardente desejo de fazer justiça com as próprias mãos (o que, na verdade, é apenas anseio de vingança), a entidade perturbada e perturbadora atuando sobre os centros perispirituais de sua presa — por seus fluidos negativos — irá por fim atuar sobre os plexos orgânicos do encarnado, causando-lhe lesões no plano material.

Eis porque, mesmo afastado o obsessor, a vítima deverá receber passes para corrigir o distúrbio deixado no perispírito e, às vezes, até remédios materiais para recuperar possíveis lesões na esfera do corpo denso.

## CAPÍTULO V

### BRECHAS PSÍQUICAS PARA A OBSESSÃO

Assim como a falta de higiene e a precariedade do saneamento básico propiciam a instalação das moléstias infecto--contagiosas, do mesmo modo que as carências alimentares determinam os quadros variados das avitaminoses (escorbuto, raquitismo, xeroftalmia, etc.) — há, também, determinados comportamentos que facilitam o aparecimento das obsessões dolorosas. Em O Evangelho seg. o Espiritismo Allan Kardec foi categórico ao asseverar que a obsessão sempre é o resultado de uma imperfeição moral dando acesso a um Espírito mau sobre o encarnado. Ora, por imperfeição moral, entendemos, acima de tudo, o orgulho e o egoísmo, gerando toda uma enorme lista de atitudes altamente negativas, inferiores, deprimentes, que nos algemam a alma ao sofrimento, como a impiedade, a avareza, o ciúme, o sensualismo, o ódio, o rancor, a cobiça, a calúnia, a maledicência, et cetera, os quais se manifestam por meio de palavras, de gestos, de resoluções, de atos, até mesmo por meio dos pensamentos mais secretos.

Determinada entidade que durante a II Grande Guerra Mundial fora enfermeira alemã, e que agora escreve também pelo lápis psicográfico de Chico Xavier com o nome de Scheilla, legou-nos uma página onde estes aspectos todos foram bem esclarecidos. Leiamos com a devida atenção: Intitula-se Sinais de Alarme, e diz assim:

Há dez sinais vermelhos, no caminho da experiência, indicando queda provável na obsessão:

1.º) quando estamos na faixa da impaciência; 2.º) quando acreditamos que a nossa dor é a maior; 3.º) quando passamos a ver ingratidão nos amigos; 4.º) quando imaginamos maldade nas atitudes dos companheiros;

5.º) quando comentamos o lado menos feliz dessa ou daquela pessoa;

6.º) quando reclamamos apreço e reconhecimento;

7.º) quando supomos que o nosso trabalho está sendo excessivo;

8.º) quando passamos o dia a exigir o sacrifício alheio, sem prestar o mais leve serviço;

9.º) quando pretendemos fugir de nós mesmos através do álcool ou do entorpecente;

10.º) quando julgamos que o dever é apenas dos outros.

Scheilla termina sua página aconselhando carinhosamente: "Toda vez que um desses sinais venha a surgir no trânsito de nossas idéias, a Lei Divina está presente, recomendando-nos a prudência de amparar-nos no socorro da prece ou da luz do discernimento".

Sim, amigos, a fim de nos vacinarmos contra os germes insidiosos da perturbação espiritual de um obsessor que se afine conosco, aprofundemos nossos apontamentos sobre tais brechas psíquicas para a obsessão. Como sabemos, o homem é dotado da faculdade do livre-arbítrio pois, sendo capaz de raciocinar, deve conduzir-se a si próprio por si mesmo, com uma certa liberdade e independência. Ressaltamos certa porque em virtude desta liberdade e desta independência, ele acaba gerando fatos e situações que irão, depois, forçosamente, determinar sua posterior participação em outros lances e acontecimentos da vida. Queremos dizer o seguinte: valendo-se da liberdade e da independência que lhe faculta o livre-arbítrio, o homem pratica, por exemplo, uma boa ação a seu semelhante. Como resultado direto desta boa ação ele colhe felicidade. Contrariamente, pratica uma ação indigna, maldosa, injusta, mesquinha mesmo. De igual maneira, colherá a infelicidade. Neste delicado entrelaçamento de ação e reação reside o determinismo a que está a criatura sujeita em decorrência, como se viu, da referida liberdade e independência de ação.



Ainda em virtude de seu livre-arbítrio, o homem que não se esclareceu quanto às Leis Morais do Universo, equivale dizer, que ainda não compreendeu as mais altas finalidades da existência terrena, não raro acaba desta faculdade fazendo mau uso. Não educa sua vontade, não tem o mínimo domínio sobre si mesmo, deixa-se levar pelos impulsos, deixa-se arrastar pelas inclinações sensualistas, vê-se presa de uma ambição desmedida desejando coisas impossíveis, conquistar situações ou bens que estão bem acima de sua atual capacidade de desfrutar, daí uma irritação constante, um mau-humor crônico, chegando ao ponto de proferir blasfêmias, queixas e palavrões; daí ainda um corre-corre desenfreado em busca dos bens materiais tentando obtê-los por meios lícitos e ilícitos, atirando até mesmo espuma de água e sabão aos olhos do semelhante se, com isso, vier a conseguir vantagens pessoais. Está visto claramente que tal criatura está pensando tão apenas em si e em sua ilustre pessoa. Está atacada pelos vírus do orgulho e pelos bacilos do egoísmo. Quanto mais tem, mais quer. Então, não vê no próximo em Humanidade um seu irmão cujos direitos devem ser respeitados. Não é isto que se lhe importa; muito ao contrário. Caso se sinta prejudicado pelo próximo, vota-lhe ódio, planeja vingar-se. Se o vê vencendo na vida (ah! como é difícil aplaudir com sinceridade a vitória do nosso vizinho!) — dele passa a ter a mais viva inveja. Ademais, semelhante criatura, inteiramente desavisada dos exemplos admiráveis de Jesus, procura dar vazão a seus instintos sexuais, entrega-se de corpo e alma aos vícios, no afã de gozar a não mais poder todos possíveis prazeres e todas alegrias que a vida frívola pode conferir.

O sexo se apresenta, não raro, como porta aberta às obsessões. Por isto, dedicaremos a ele breve trecho de nosso livrinho.

Durante séculos sofreu dura repressão. Durante décadas foi considerado coisa suja. Tema imoral. Assunto que não poderia, de modo algum, ser discutido senão às furtadelas, longe das crianças e das moças casadoiras. O sexo foi, neste longo período da História, encarado como a fonte de todas as perdições humanas. E a mulher seria a razão de tudo isto, pois foi ela quem caiu na artimanha da serpente, lá no Paraíso. Pitágoras já dizia haver na verdade dois princípios: um princípio bom, que criou a ordem, a luz, o homem; e o outro, princípio mau, criador do caos, das trevas e... como não poderia deixar de ser... criador também da mulher! Quer dizer, o sexo reprimido e a mulher ocupando lugar subalterno, posição bem inferior ao homem, no contexto social.

Hoje, o que se vê é exatamente o contrário. Dir-se-ia que os diques se romperam e as águas jorraram violentas! De um lado, a emancipação da mulher que passou a ser companheira do homem em todas as formas de viciações; doutra parte, o sexo livre, o sexo liberado, no cinema, no livro, no jornal, na revista, na tevê, enfim, em todos os escalões da sociedade. Legaliza-se o aborto. Introduce-se o divórcio na legislação de povos tradicionais. Os meios contraceptivos favorecem as ligações fora da família e até mesmo os encontros mais íntimos antes do casamento!

Não resta a menor dúvida de que tal estado de coisa é excelente brecha para as obsessões, a tudo isso somando-se os desajustes conjugais, os conflitos familiares, os reencontros de velhos algozes no reduto do lar.

Mais uma vez o homem é considerado apenas do ponto de vista material, ou seja, um corpo com nervos e hormônios, ossos e músculos. E a vida se resume então numa busca de prazeres sensuais e nada mais que isso. Negligencia-se a natureza espiritual do homem. Olvidam-se os valores morais e o patrimônio da alma. Instala-se o materialismo não mais como filosófico refinamento intelectual mas como declarado estilo de vida. O resultado não poderia ser outro senão o desencanto da vida, a descrença, a desilusão, o desalento, o desânimo — porta aberta às obsessões mais cruéis.

Dois autores norte-americanos publicaram um livro de título Quando Você se Casar onde estamparam o resultado de uma interessante pesquisa junto a 400 jovens esposas, indagando-lhes por que se casaram.

Obtiveram, então, as seguintes respostas: A maioria declarou ter-se casado para ter uma companhia. Um segundo grupo afirmou que foi para ter um lar. Muitas estavam cansadas do trabalho no escritório ou no magistério. Algumas estavam ansiosas por libertar-se de sua mãe, considerada dominadora. Algumas poucas desejavam vida sexual. Outras ansiavam por segurança; outras tantas para fugir à solidão. Um grupo reduzido queria ter filhos. Por outro lado, muitas se casaram só porque na ocasião viam suas amigas se casarem e não desejavam ficar para titia... Apenas um grupo reduziíssimo afirmou que se consorciara por amor mesmo!

Dura realidade! Quando, se formos pensar direitinho, o casamento deveria fundar-se exclusivamente no amor! Se o consórcio tomar outra base, estabelecer outro fundamento, não causará espanto se, depois, erigido sobre falsos alicerces, vier a soçobrar o navio da vida conjugai quando o vento da dificuldade soprar um pouco mais rijo! Afinal, a vida doméstica, sendo inserida no contexto da existência humana, é cheia de dificuldades naturais... Doenças, canseiras, apreensões, preocupações, renúncias, responsabilidade, dedicação, tudo isto aparece no lar, principalmente quando se tem filhos. E se não houver amor, equivale dizer, se não existirem os sentimentos de tolerância, de compreensão, de respeito, de ternura da parte do marido e da mulher — aí a chispa do ódio se alastra desastrosamente, avassalando a tudo com o incêndio da discórdia, enchendo de angústia e de frustração todos os corações... Na terrível sensaboria doméstica se instalam as brigas por dá cá aquela palha, desavenças periódicas deprimentes, o marido procurando aventuras lá fora, a mulher no diva dos psicanalistas, os filhos criados num ambiente adverso. O desquite, o divórcio, o abandono do lar, o desfecho inevitável com o rompimento dos laços afetivos precocemente completam o quadro desolador.

Nestas horas, nunca seria demasiado recordar André Luiz que, no admirável livro Sinal Verde, adverte com muita razão: "A paisagem social da Terra se transformaria imediatamente para melhor se todos nós, quando encarnados, nos tratássemos dentro do lar, pelo menos com a cortesia que dispensamos aos nossos amigos".

Ah! Como evitaríamos cair nas malhas das obsessões!...

Emmanuel em *Vida e Sexo*, escrevendo pelo Chico Xavier, alerta para qual seria a posição sensata do homem evangelizado diante desta problemática que se lhe apresenta:

"Em torno do tema sexual, para não nos alongarmos em considerações desnecessárias, será justo sintetizarmos todas as digressões nas seguintes normas:

1° Não proibição, mas educação;

2° Não abstinência imposta, mas emprego digno, com o devido respeito aos outros e a si mesmo;

3° Não indisciplina, mas controle;

4° Não impulso livre, mas responsabilidade. Fora disso — conclui Emmanuel — é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência."

Em *Missionários da Luz* (Cap. 18), escrevendo pelo mesmo médium, André Luiz observa que entre os casais mais espiritualizados, o carinho e a confiança, a dedicação e o entendimento recíproco permanecem muito acima da união física, reduzida, entre eles, à realização transitória. E lembra que a permuta magnética é o fator que estabelece o ritmo necessário à manutenção da harmonia de tantos grupos e pares de almas afins.

E, à guisa de alertamento contra posteriores resgates cármicos, o mesmo amigo espiritual em *Sinal Verde* adverte: "Jamais desprezemos a importância das relações sexuais com respeito aos compromissos assumidos. Não armemos ciladas para ninguém, notadamente nos caminhos do afeto, porque você se precipitará dentro delas. Não queira sua felicidade ao preço do alheio sofrimento, porque todo desequilíbrio da afeição desvairada será corrigido, à custa da afeição torturada, através da reencarnação".

Outra brecha à obsessão que está tomando vulto nos últimos anos é o uso abusivo das drogas. Por isso, embora rapidamente, iremos analisá-la. Desnecessário dizer que todas as medidas higiênicas proscvem substâncias cujo emprego poderá levar aquele indivíduo que delas se utilizar a um estado de dependência, fazendo-o viver, praticamente, em função do vício, empenhado em alimentá-lo, até mesmo chegando aos mais terríveis desatinos, quando lhe falte o dinheiro para adquirir o produto.

Ocorrem três fases:

1° O indivíduo se acostuma com a droga de forma que quantidades cada vez maiores terão de ser consumidas para causar o efeito desejado (fase da tolerância)

2° Instala-se a necessidade fisiológica e emocional da droga (fase do hábito),

3° A necessidade de fisiológica passa a ser física, com severas manifestações orgânicas, quando o indivíduo se vê privado do tóxico (fase de dependência). (

Há um velho adágio que diz que mais vale prevenir do que remediar. Ele tem pleno cabimento no caso presente. É muito mais sadio evitar-se o primeiro contacto com o produto nocivo do que todo o tratamento posterior, por melhor que este seja, para do vício se livrar.

O contacto inicial com qualquer viciação é sempre desagradável. O cigarro ou o copo de vinho de estreia leva o indivíduo a fazer, no mínimo, a careta típica de repugnância. É como se o organismo num instinto de defesa e de conservação desse um brado de alerta contra semelhante violência contra a economia da Vida! E sem dúvida alguma é o começo de um lento suicídio físico e moral. Mas o indivíduo insiste por inúmeras razões como as carências afetivas, os conflitos familiares, as angústias existenciais, o contágio pernicioso de amigos viciados, a falta de segura orientação moral, etc. O indivíduo insiste e quando vai dar acordo de si — ei-lo nas malhas de uma dependência que vai desde o aparentemente inofensivo cigarro (inalando substâncias altamente cancerígenas como o alcatrão, o benzopirene, a nicotina), passando logo pelo álcool dos aperitivos, dos drinques e coquetéis, culminando com as drogas sedativas como o ópio, a morfina, a heroína, as drogas excitantes como a cocaína, a perventina, sobretudo as drogas alucinógenas do gênero do ácido lisérgico ou LSD, da maconha, da mescalina et caterva...

Como resultado, teremos:

1° lesões orgânicas e distúrbios psicológicos;

2° alterações no perispírito, de demorado tratamento curativo, podendo determinar alterações no corpo da futura encarnação; e

3° abertura de vigorosas brechas à penetração insidiosa de fluidos perniciosos de muitas entidades desencarnadas que aproveitam o encarnado invigilante para também gozar satisfações carnis, como faziam quando estavam entre nós, como homens viciados.

Ora, para fazer barreira a tudo isso, recordemos André Luiz que, em oportuna mensagem, já alertava, médico que fora aqui no mundo material na última encarnação.

Para garantir a saúde e o equilíbrio, prometa a você mesmo:

1 \_ Colocar-se sob os desígnios de Deus, cada dia, através da oração, e sustentar a consciência tranquila, preservando-se contra as idéias de culpa;

2 — Dar o melhor de si mesmo ao que esteja fazendo;

3 — Manter o coração e a mente, atitude e palavra, atos e modos na inspiração constante do Bem;

4 — Servir desinteressadamente aos semelhantes, quanto esteja ao alcance de suas forças;

5 — Regozijar-se com a felicidade do próximo;

6 — Esquecer conversações e opiniões de caráter negativo que haja lido ou escutado;

7 — Acrescentar pelo menos um pouco mais de alegria e de esperança em toda pessoa com quem estiver em contacto;

8 - Admirar as qualidades nobres daqueles com quem conviva, estimulando-os a desenvolvê-las;

9 - Olvidar motivos de queixa, sejam quais forem;

10 — Viver trabalhando e estudando, agindo e construindo, no próprio burilamento e na própria corrigenda, de tal modo que não se veja capaz de encontrar as falhas prováveis e os erros possíveis dos outros.

## CAPÍTULO VI

### COMPLEMENTAÇÃO DE ANDRÉ LUIZ

A Codificação de Kardec viu-se muito ampliada com a contribuição de diversos Espíritos através de vários médiuns, trazendo novos subsídios para melhor compreensão dos mecanismos mediúnicos e, em consequência, de toda esta problemática relativa à obsessão, em sua origem e em sua terapêutica. Assim é que através de Divaldo Franco, Chico Xavier, Waldo Vieira, Yvonne Pereira e outros, entidades como André Luiz, Bezerra de Menezes, Emmanuel, Dias da Cruz, Manoel Philomeno de Miranda, Joanna de Angelis, etc. deram-nos importantes lições cujo exame resumido tentaremos fazer neste capítulo.

A ciência biológica ensina ser a simbiose a associação íntima entre duas espécies, resultando em benefício de ambas tal relacionamento. Pode dar-se a simbiose, então, entre animais, entre vegetais e ainda entre um animal e uma planta. O exemplo mais citado é o do líquen, formado da associação harmônica entre a alga e o cogumelo, e que foi evidenciado, pela primeira vez, por Schwendener (1867). Como o leitor deve estar lembrado, a alga possui o pigmento verde das plantas em geral (clorofila), daí ser capaz de sintetizar alimentos orgânicos a partir de gás carbônico, água e luz solar. Já o cogumelo é destituído deste pigmento. Para nutrir-se depende de alimentos elaborados pelos vegetais verdes. Quando eles se associam, a alga recolhe do cogumelo, em seu proveito, água, sais minerais e o gás carbônico, de que ela necessita para realizar a fotossíntese; em contrapartida, fornece ao seu companheiro substâncias nutritivas de que ele carece para viver. Como se vê, estabelece-se uma troca de favores. Resulta desta simbiose útil o líquen, capaz de viver em ambientes onde, isoladamente, não seriam capazes de sobreviver nem a alga nem o cogumelo. Muito embora, ressalte-se, há inúmeras espécies de algas que vivem separadamente de outras espécies de cogumelos durante toda a vida.

Outro exemplo muito citado é o que se estabelece entre as orquídeas e certos cogumelos, como descobriu Noel Bernard. Sabe-se que a germinação das sementes dessas flores só ocorre se estiverem infestadas pelo cogumelo simbiote em seu embrião. O que é mais interessante é que não raro o cogumelo termina por prejudicar a semente da orquídea, descambando aí a simbiose, de uma relação harmônica, para um relacionamento onde só ele leva vantagem, com grave prejuízo para o outro parceiro.

Idêntico processo se verifica entre o mundo material e o espiritual. Muitos homens vivem a sua vida material sem cuidar de sequer pensar em como seria a vida além da morte. Vivem como se jamais tivessem de deixar o corpo e regressar à Pátria da Verdade. Iludem-se com as aquisições terrenas. Procuram gozar a vida à tripa forra olvidando os valores da alma. Lá um belo dia desencarnam. Ei-los então a tatear, aflitos e desorientados, na vida de além-túmulo. Muitos nem sabem direito o que foi que lhes sucedeu. Temerosos diante do que lhes é desconhecido, tais entidades podem aderir-se aos entes que ficaram na Terra a lhes prantear chorosamente a ausência, demorando-se na esfera mental e afetiva daqueles a quem tanto amam.

Da mesma forma que o cogumelo se nutre do metabolismo da alga, também a mente desencarnada emite emanções de seu próprio perispírito para dentro do equipamento fisiopsicossomático do encarnado, mantendo-se deste modo uma verdadeira troca viva de forças, o que pode perdurar por longo tempo. Explica-se assim a existência de pensamentos estranhos que invadem a mente do homem comum, o qual nem desconfia que se trata da sugestão de desencarnados aderidos ao seu mundo mental por afinidade vibratória, às vezes transmitindo-lhe sintomas das moléstias que vitimaram, outrora, o seu estranho hóspede de romagem terrena.



Por isso é que, escrevendo pelo Chico Xavier no livro Instruções Psicofônicas, Dias da Cruz adverte: "Entidades sofredoras justapõem-se à aura das criaturas que lhes oferecem passividade, sugando-lhes as energias, senhoreiam-lhe as zonas motoras e sensoriais, inclusive os centros cerebrais em que o Espírito conserva as suas conquistas de linguagem e sensibilidade, memória e percepção, dominando-as à maneira do artista que controla as teclas de um piano, criando, assim, no instrumento corpóreo, as doenças-fantasmas de todos os tipos que, em se alongando no tempo, operam a degenerescência dos tecidos orgânicos estabelecendo o império de moléstias reais que persistem até à morte".

Diz mais Dias da Cruz:

"Eis porque, respeitando o concurso do médico, através da cirurgia e da clínica, em todas as circunstâncias, é imprescindível nos detenhamos no valor da prece e da conversação evangélica, como recursos psicoterápicos de primeira ordem, no tratamento da obsessão, em nossas atividades espíritas".

No mesmo livro, Lourenço Prado anotou: "O pensamento reside na base de todas as nossas manifestações. Evoluímos no curso das correntes mentais assim como os peixes se desenvolvem nas correntes marinhas. Refletimos, por isso, todas as inteligências que se afinam conosco no mesmo tom. Na alegria ou na dor, no equilíbrio ou no desequilíbrio, agimos com todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, que, em nossa vizinhança, se agregam ao modo de sentir e de ser".

"Saúde — adianta o amigo espiritual — é pensamento em harmonia com a Lei de Deus. Doença é processo de retificá-lo, corrigindo os erros e os abusos perpetrados por nós mesmos, ontem ou hoje, .diante dela. Obsessão é a ideia fixa em situações deprimentes, provocando, em nosso desfavor, os eflúvios enfermícios das almas que se fixaram nas mesmas situações. Tentação é força viciada que exteriorizamos, atraindo a escura influência que nos inclina aos desfiladeiros do Mal, porque toda sintonia com a ignorância, ou com a perversidade, começa invariavelmente da perversidade ou da ignorância que acalentamos em nós mesmos".

André Luiz nos mostra ainda quão delicada é a questão da vampirização a atormentar os obsidiados por invigilância. Para melhor compreensão do tema, o citado autor espiritual no livro *Evolução em Dois Mundos* faz uma digressão de novo na ciência biológica e chama-nos a atenção para a relação desarmônica entre dois seres vivos, conhecida por parasitismo. Neste relacionamento vamos encontrar um indivíduo agressor e favorecido — o parasito — vivendo às expensas de outro que se vê ofendido e prejudicado — o hospedeiro — a pouco e pouco definhando-se diante do processo espoliativo de suas forças por ação insidiosa do parasito indesejável. Neste quadro geral podemos citar os micróbios infecciosos como as bactérias, os vírus, os protozoários, certos fungos patogênicos, tanto quanto os vermes intestinais, os insetos hematófagos (sugadores do sangue de outros animais, inclusive do homem como os mosquitos, as pulgas, os piolhos, et cetera), podendo ser identificadas neste caso também algumas espécies vegetais como o cipó-chumbo, que sempre vive às custas da seiva das árvores e arbustos sobre os quais se desenvolve.

No anseio de livrar-se do assédio parasitário, a vítima lança mão de uma série de recursos como por exemplo a produção de anticorpos, no caso específico de muitas invasões microbianas. Tanto como o invasor, pode exibir adaptações a esta modalidade de vida, atrofiando o aparelho digestivo, e desenvolvendo ao máximo sua capacidade reprodutiva e seus órgãos de fixação a fim de melhor aderirem-se no corpo do hospedeiro.

Semelhantes associações mórbidas também se verificam entre Espíritos inferiores. As vítimas se acomodam, por tempo indeterminado até, à pressão externa de seus verdugos; em determinadas situações cármicas, sofrem-lhes a intromissão direta no recesso de seus tecidos perispirituais em ocupação intermitente, podendo degenerar em conflito destruidor. Conclusão: o obsessor passa a viver no clima pessoal da vítima, em perfeita associação mórbida, absorvendo-lhe as forças psíquicas, podendo ocorrências desta ordem prolongar-se mesmo após a desencarnação do perseguido, pois ambos os parceiros se equiparam mais ou menos na mesma gama de sentimentos e de pensamentos infelizes, criando, como diz André Luiz, além da sepultura, os dolorosos painéis infernais, até que se rendam ao imperativo maior da Lei do Amor e do Perdão!

Cumpramos ressaltar que através deste mediunismo embruteado e selvagem entidades profundamente inferiores, ligadas às paixões terrenas, se valem dos encarnados para auferir satisfações grotescas levando encarnados incautos à ingestão de bebidas alcoólicas, ao uso de drogas estupefacientes e sobretudo aos desvãos abjetos do homossexualismo mais constrangedor. Por detrás do obsidiado está a manobra solerte de Espíritos corroidos pelo desejo de gozos materiais. E em razão deste triste processo de vampirização, o homem invigilante se torna capaz de praticar as maiores torpezas, terríveis delitos contra a pessoa e a propriedade, contra o decoro e a moral, numa certa dose de conivência às sugestões que recebe, sutilmente, do plano espiritual inferior.

Em determinado trecho do livro Instruções Psicofônicas, obra por nós já citada aqui diversas vezes, discorrendo sobre a parasitose mental, Dias da Cruz comenta: No vampirismo, devemos considerar igualmente os fatores externos e internos, compreendendo, porém, que, na esfera da alma, os primeiros dependem dos segundos, porquanto não há influência exterior deprimente para a criatura, quando a própria criatura não se deprime.

"É que pelo ímã do pensamento doentio e descontrolado, o homem provoca sobre si a contaminação fluídica de entidades em desequilíbrio, capazes de conduzi-lo à escabiose e à ulceração, à dipsomania e à loucura, à cirrose e aos tumores malignos ou benignos de variada procedência, tanto quanto aos vícios que corroem a vida moral, e, através do próprio pensamento desgovernado, pode fabricar para si mesmo as mais graves eclosões de alienação mental, como sejam as psicoses de angústia e de ódio, de vaidade e de orgulho, de usura e delinquência, desânimo e egocentrismo, impondo ao veículo orgânico processos patogênicos indefiníveis, que lhe favorecem a derrocada ou a morte".

Diz mais Dias da Cruz, explicando que toda forma de vampirismo está vinculada à mente deficitária, ociosa e inerte, que se rende, desajustada, às sugestões inferiores que a exploram sem defensiva.

Amigos, o vampirismo cessa no momento em que o obsidiado se dispõe a reajustar-se emocionalmente, no pleno domínio de sua personalidade não aceitando de bom grado as sugestões de uma entidade intrusa ao seu mundo individual.

Para tanto, recomenda Dias da Cruz: Usemos, deste modo, na garantia de nossa higiene mento-psíquica, os antissépticos do Evangelho. Bondade para com todos, trabalho incansável no Bem, otimismo operante, dever irrepreensivelmente cumprido, sinceridade, boa vontade, esquecimento integral das ofensas recebidas, fraternidade simples e pura — constituem sustentáculo de nossa saúde espiritual.

Em verdade, há casos em que o assenhoreamento é tão grande, tão complexo e profundo, que desencadeia na vítima, por razões cármicas anteriores, as sequelas de moléstias como a epilepsia, para cujo tratamento será necessário mobilizar tanto medicamentos que irão atuar no plano orgânico como recursos perispirituais, com ação sobre o corpo etéreo do paciente e sobretudo a conscientização de ambos os Espíritos no que diz respeito à valorização da vida.

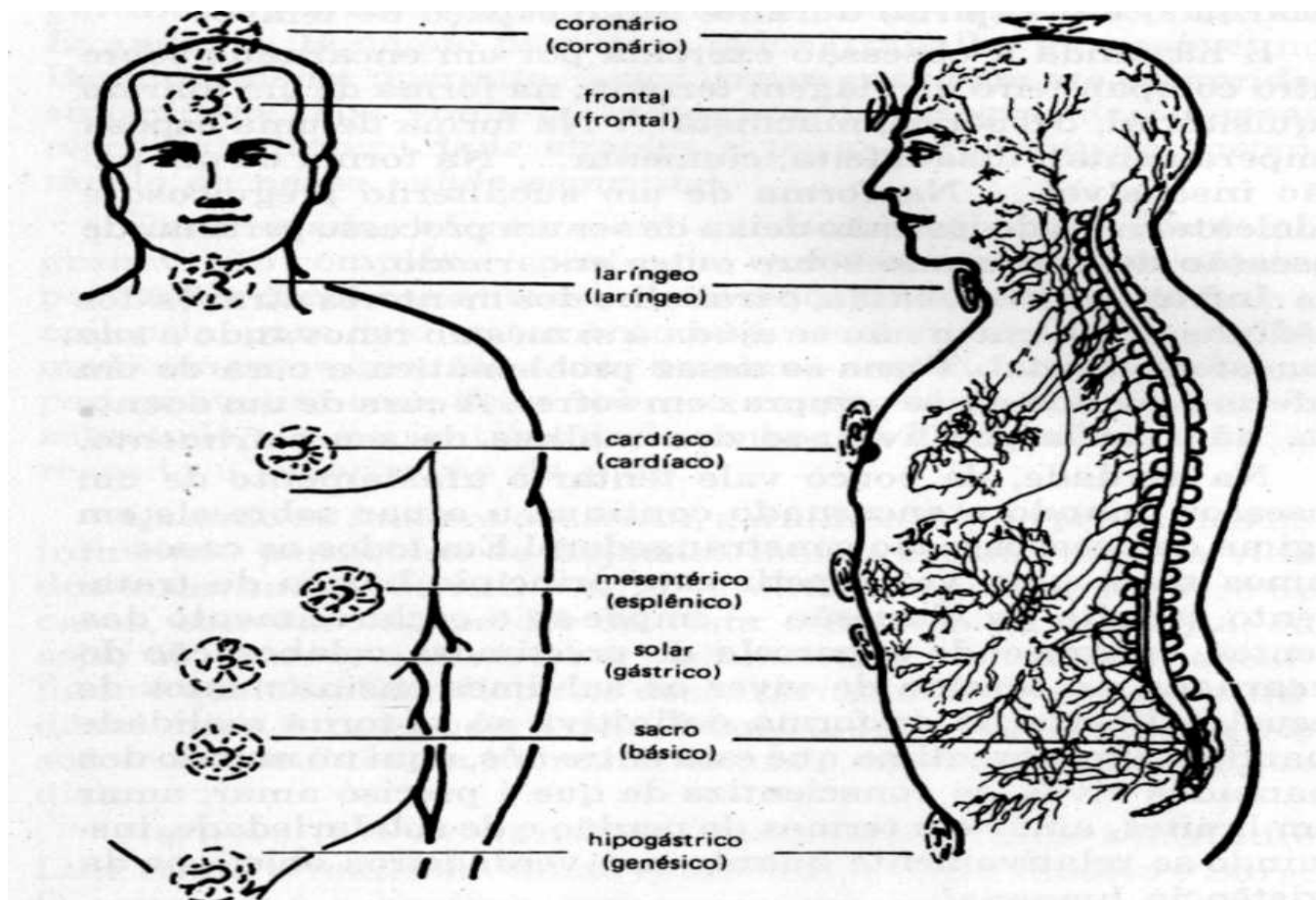
Quando se fala em obsessão, geralmente logo pensamos na influência perniciosa de Espíritos menos esclarecidos na vida dos encarnados. Se isto é uma verdade em grande número de casos, convém não perder de vista o reverso da medalha, ou seja, às vezes o que se dá é justamente o contrário: o encarnado é que obsidia o Espírito desencarnado! Pode parecer paradoxal mas é uma ocorrência lamentável esta de Espíritos sofrendo a influência humana, lutando, mesmo, por libertar-se disto.

No livro *Nos Domínios da Mediunidade* (Cap. 14), André Luiz relata o relacionamento estabelecido entre Libório e Sara. O primeiro é o Espírito perseguido por esta última criatura ainda encarnada a quem se ligou, em vida terrena, por descontrolada paixão. A enferma — Sara — vinha sendo socorrida por um grupo mediúnico. No entanto, ao invés de esforçar-se por desatar os laços mentais que a mantinham jungida ao Espírito, mais e mais os estreitava em dolorosa imantação obsessiva. Quer dizer, embora ela desejasse curar-se, não cooperava com o Alto de maneira eficiente. Prova disto é que, estando o corpo a dormir, no plano material, em Espírito vai em inquieta procura de Libório, recolhido a um posto assistencial de emergência, no espaço. Mesmo acordada, Sara continuamente obsidia o companheiro, com a emissão de solicitações constantes através do pensamento. Como resultado, instala-se uma opressiva atmosfera de disposição mental dolorosa dentro da qual sofrem o encarnado e o Espírito durante largo espaço de tempo.

E há ainda a obsessão exercida por um encarnado sobre outro companheiro de viagem terrena, na forma de um marido inquisitorial, despótico, machista... Na forma de uma esposa temperamental, insatisfeita, ciumenta... Na forma de um patrão insensível... Na forma de um subalterno preguiçoso é indolente... Tudo isso não deixa de ser um processo pertinaz de obsessão de encarnado sobre outro encarnado.

Infrutífero será, então, o trabalho dos mentores através dos médiuns se o homem não se ajuda a si mesmo renovando a sua atmosfera mental. Torna-se assaz problemática a cura de um enfermo quando ele se compraz em sofrer. A cura de um doente que não porfie por livrar-se das malhas de seu sofrimento.

Na verdade, de pouco vale tentar o afastamento de um obsessor quando o encarnado continua a atuar sobre ele em regime de desesperação constrangedora! Em todos os casos — vamos mais uma vez repetir este princípio básico do tratamento espírita da obsessão — impõe-se o esclarecimento das mentes, encarecendo a parcela de prestimosa colaboração do encarnado no sentido de viver os sublimes ensinamentos de Jesus! A libertação de forma definitiva só se torna realidade quando a suposta vítima que está entre nós, aqui no mundo dos chamados vivos, se conscientiza de que é preciso amar, amar sem limites, amar em termos de perdão e de solidariedade, instruindo-se relativamente quanto aos verdadeiros objetivos da existência humana!



Os Centros Vitais regem o funcionamento dos órgãos do corpo humano. São fulcros energéticos entrelaçados no perispírito e no corpo físico por redes plexiformes; através deles escoam as energias sutis vitalizadoras do nosso organismo. Fonte: Trabalho apresentado pelo Confrade Ney Prieto Peres ao VII Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, no Rio de Janeiro, em novembro de 1979.

## CAPITULO VII MECANISMO DA OBSESSÃO

Os Espíritos que complementaram a Codificação de Kardec, escrevendo através de médiuns como Francisco Cândido Xavier, Divaldo Franco e outros, são concordes em afirmar que o mecanismo da obsessão envolve um processo de hipnose. Quer dizer, de acordo com a atmosfera mental do encarnado, que lhe caracteriza a situação moral em que se encontra, o obsessivo como que lhe sugere idéias, absorvidas por meio do perispírito e manifestadas no plano físico através de atitudes que, ao homem comum, parecem paradoxais, incongruentes, ilógicas, corporificando as anomalias da mente, de etiologia indefinível segundo a ciência oficial materialista. Por isso, seria de bom alvitre passarmos em revista, embora rapidamente, o tema hipnose, para melhor compreensão do mecanismo intrínseco das obsessões.

Falar em hipnose é falar em Hipnotismo. A fim de entendê-lo, temos de remontar ao Magnetismo, que lhe é anterior e mais abrangente. Vejamos.

Em 1765, o médico alemão Franz Anton Mesmer lançou a obra *De Planetarum Influxu* (Sobre a Influência dos Planetas) na qual sustentava que os planetas exerceriam nos corpos vivos uma ação direta através de um fluido imponderável. Tiveram início, desde aí, estudos científicos acerca de um tema que, embora já fosse conhecido desde a mais alta Antiguidade e por toda a Idade Média, inclusive por médicos e sacerdotes ilustres, para aliviar o alheio sofrimento, até esta ocasião era considerado coisas de magia, de feitiçaria, de bruxaria, coisas assim...

Mais ou menos nesta época de Mesmer, Helmont declarava de maneira incisiva o seguinte:

O que denomino 'espírito do magnetismo não são Espíritos que nos venham do céu é muito menos do inferno, mas provenientes de um princípio inerente à criatura humana, tal como a faísca que da pedra se desprende. Graças à vontade, o organismo também pode desprender uma pequena parcela de espírito, que reveste forma determinada, transformando-se em 'ser ideal'. Esse 'espírito vital' se forma como que coisa intermediária entre o ser corpóreo e os seres incorpóreos, podendo se locomover à vontade, não mais submisso às limitações de tempo e de espaço. Não se veja em tudo isso, porém, a consequência de poderes demoníacos, pois apenas se trata de uma faculdade espiritual do homem, a ele estreitamente ligada.

Helmont terminava asseverando: "Até aqui, hesitei no revelar ao mundo este grande mistério, graças ao qual fica o homem sabendo que tem ao alcance da mão uma energia obediente à vontade, ligada ao seu potencial imaginativo, capaz de atuar exteriormente e influir sobre pessoas distantes, muito distantes mesmo":

O referido Helmont e o jesuíta Hell chamavam a atenção para o fato de que era possível curar doentes (até animais) mediante a aplicação de ímãs. Mesmer foi mais longe ao declarar que, à maneira do ímã, as mãos e o próprio olhar de determinados indivíduos podiam irradiar um fluido especial, emanado do próprio corpo, e que era capaz de influir sobre alheio organismo. Na sua opinião, a moléstia não seria senão o resultado da falta ou da desigual distribuição do fluido magnético no corpo do doente, distúrbios estes possíveis de cura por ação de um eficiente magnetizador.



Combatido em Viena, em 1778 Mesmer transferiu-se para Paris onde, de início, foi bem aceito, tendo no ano seguinte publicado a famosa memória sobre o Magnetismo Animal. Outra vez perseguido e desacreditado na França, Mesmer em 1785 passa a residir na Inglaterra. Tal vida cheia de atribulações não nos deve causar surpresa: Todos os grandes vultos da Humanidade — e o exemplo máximo foi dado pelo Cristo — sempre sofreram tenaz oposição de seus contemporâneos, que não conseguiam entender a magnitude de suas idéias. Mesmer, convenhamos, não iria erguer-se em exceção à regra geral, não é mesmo? Ocorre que, a estas alturas, já outros pesquisadores como o Marquês de Puységur, o Barão de Potet, Carlos Lafontaine, -Pététin, Chardel, Deleuze, Charcot e outros intensificaram os estudos, ampliaram as pesquisas, alargaram os conhecimentos sobre o Magnetismo. E em 1845 James Braid, levando em conta todo este acervo amalhado em torno do assunto, lançou as bases modernas do chamado Hipnotismo, de modo que, sob esta nova designação, o velho Magnetismo, antes repudiado, teve, afinal, acesso às rodas científicas da época.

Desde as práticas mais antigas de que nos fala a própria História da Medicina, os magnetizadores sempre tiveram em mira o alívio dos sofrimentos, a cura das moléstias, mediante aplicação de passes, imposição das mãos, sopros, etc. Não havia, entre eles, qualquer preocupação prioritária com a produção do sono magnético. Este decorria algumas vezes espontaneamente. A maior preocupação — repetimos — girou em torno da influência física e moral do magnetizador na tentativa de proporcionar socorro aos sofredores. Exemplo máximo disto temos em Mary Baker Eddy que obteve curas prodigiosas no século passado.

Os hipnotizadores de um modo geral passaram a empregar os mesmos métodos dos antigos magnetizadores. A rigor o que houve foi somente a mudança de nomenclatura. Novas taças mas o vinho era o mesmo, o antigo Magnetismo de Mesmer, e até de antes dele. De tal modo que Alphonse Bué no livro Magnetismo Curativo denunciou: quem se acredita magnetizador — hipnotiza; e quem se julga hipnotizador — na realidade magnetiza!

O estudo atencioso das obras de Allan Kardec, complementado com a leitura das páginas de André Luiz, leva-nos a saber que a ação magnética (ou hipnótica) se torna possível pela existência de fluidos perispirituais. Assim, a referida ação é propiciada por ação de três fatores essenciais, a saber:

1.º) Pela movimentação dos fluidos do Espírito comunicante, originados diretamente do fluido cósmico universal (conforme a nomenclatura de o Livro dos Espíritos), constituindo o que é o magnetismo espiritual;

2.º)

Pela mobilização dos fluidos do magnetizador (médium) que, sendo um Espírito encarnado, contribui para a referida ação magnética com o seu magnetismo humano, fluido animalizado como se lê em O Livro dos Médiuns; e por fim

3.º) Pela combinação adequada dos fluidos espirituais com os humanos, constituindo-se assim o magnetismo humano-espiritual.

Como o leitor já percebeu, a ação do Magnetismo se relaciona muito com as comunicações mediúnicas. Podemos observar que há como que um paralelo entre ambos os temas. Num e noutro caso, a intimidade do fenômeno está na dependência do maior ou menor grau de afinidade (sintonia) entre os fluidos de encarnados e desencarnados. Dizendo melhor, depende da quantidade' de fluidos emitidos pelo médium bem como da possibilidade de seus fluidos se combinarem com os do Espírito comunicante para que a vontade deste último passe, através do perispírito, até o organismo do encarnado e o fenômeno se concretize objetivamente! No caso específico da hipnose, vai depender dos fluidos desprendidos pelo paciente e dos emitidos por seu magnetizador (ou hipnotizador, que dá no mesmo). Tanto que há pessoas refratárias a qualquer sugestão hipnótica. Elas não oferecem passividade. Noutras, o processo só se estabelece depois de um certo esforço com a repetição dos experimentos adequados. E outras ainda permitem a ocorrência com grande espontaneidade. A Psiquiatria acredita que apenas 10% dos pacientes atingem o transe sonambúlico, que é justamente o estágio mais profundo da hipnose. E que cerca de 12% não são hipnotizáveis — mesmo lançando-se mão dos mais modernos recursos técnicos.

Embora o perispírito exerça capital influência nesta ação de desprendimento provocado, a vontade de hipnotizar ou de deixar-se hipnotizar sempre provém do Espírito. Por isso, a rigor, não existe a hetero-hipnose. Mas sempre uma auto-hipnose. Dizendo mais claro, ninguém é hipnotizado por outrem se não quiser sê-lo, se não quiser deixar-se influir pelo hipnotizador. Tem de existir uma pré-aceitação do paciente, se bem que o aumento do número de experimentos ou tentativas favoreça o fenômeno pois estabelece melhor sintonia entre o agente e o sujeito (pessoa hipnotizada), sintonia esta tecnicamente conhecida como rapport.

Conforme a intensidade do rapport, o sujeito pode ser levado a variáveis estágios de hipnose, a saber:

1.º) etapa superficial ou leve ou ainda hipnoidal;

2.º) estágio médio; e por fim

3.º) transe sonambúlico. Em transe hipnótico, o paciente sujeito parece comportar-se qual um autômato, obedecendo às ordens da pessoa que induziu o transe, ordens estas cumpridas durante ou depois do sono, com absoluta precisão. Daremos em seguida exemplos para esclarecer.

Albert de Rochas, já citado por nós por suas experiências de regressão de memória, fez diversos experimentos deste gênero. Tendo como sujet um jovem de 18 anos de idade, funcionário público, de nome Benoit, sugeriu-lhe, em sono hipnótico, que 3 mais 2 fazem 4 e não 5. Uma vez desperto, foi-lhe pedido que somasse 35.142 com 29.473. O rapaz prontamente fez os cálculos e achou 64.614. Percebe o leitor que ele somava 3 mais 2 igual a 4, e não 5, como lhe fora indicado. A seguir, Rochas pediu-lhe dividisse a quantia de 500 francos entre duas pessoas, de modo que uma viesse a receber 100 francos a mais do que a outra. Benoit calculou e respondeu: Uma terá de receber 300 e a outra 200 francos. Pedida, porém, a demonstração, o moço escreveu: 300 mais 200 é igual a 400. Indicaram-lhe o erro. Ele refez o cálculo e embarçou-se. Vendo que o sujet não chegava a uma conclusão lógica, o experimentador fez notar que 3 e 2 fazem 5 e não 4. Todavia, o rapaz não admitiu a advertência. Continuou a insistir que 3 e 2 fazem 4, como lhe fora insinuado em hipnose, sem que ele, uma vez desperto, da ordem tivesse clara consciência. Rochas o adormeceu de novo a fim de apagar aquele absurdo de sua memória. Nada obstante, no dia imediato Benoit no trabalho cometeu diversos enganos nos seus cálculos, ainda em decorrência do que lhe fora sugerido. Só depois de mais uma vez adormecido para varrer para sempre aquela absurdidade de sua mente, é que o paciente se libertou daquele impasse.

A uma outra paciente Alphonse Teste sugeriu, durante a hipnose profunda, que o braço esquerdo do magnetizador seria invisível. Quando a jovem senhora despertou, espantou-se logo:

— Vosso braço! Vosso braço esquerdo! Que é feito dele? Só tendes um único braço!

Para tranquilizá-la, Teste explicou-lhe:

— Acalmai-vos, senhora! Graças a Deus eu tenho todos os meus membros. Vereis que eu vos apresento a minha mão esquerda.

A sonâmbula replicou de imediato:

— Não, não! Vós não a tendes mais.

— Pois então, ides tocá-la. Foi a resposta que Teste lhe deu tocando-lhe a mão esquerda com a sua mão esquerda também. Foi quando a sonâmbula mostrou-se fortemente perturbada, a exclamar:

— Oh! Sim!... Eu sinto a vossa mão esquerda. Mas não a vejo. Deixai-me, tenho medo, muito mesmo. E caiu de novo em sonambulismo, durante o qual dizia que não estava vendo, ainda, o braço esquerdo do seu agente, mas apenas uma certa nuvem esbranquiçada em seu lugar.

Conta Charles Richet que, certa vez, hipnotizara um rapaz e lhe disse: — Eis que estás transformado em papagaio, meu pobre amigo. Após um momento de hesitação, respondeu este: — Devo comer a semente que está na gaiola?

De outra vez, uma dama a quem persuadiram que era uma cabra trepou com agilidade num canapé e fez todos os esforços para subir numa estante. Mas o que há de mais notável é a sugestão por ordem devendo realizar-se em tempo determinado. A mais simples a produzir-se é a ordem de sono.

— Amanhã dormirás às 15 horas.

No dia imediato, o paciente dorme quando soam as três da tarde! Pouco importa o lugar onde se ache, o caso é que dorme às horas sugeridas.

Há provas mais interessantes ainda: A. está adormecida. Richet lhe diz: quando acordar, pegue este livro, que está na mesa, leia o título e o coloque em minha biblioteca. A. acorda, esfrega os olhos, olha em derredor, espantada, põe o chapéu para sair, depois lança a vista sobre a mesa, vê o livro, apanha-o, lê o título:

— Oh! disse ela. — Então você lê Montaigne? Vou colocá-lo em seu lugar. E o coloca realmente na biblioteca.

Foi-lhe indagado porque agiu assim. Ela declara, admirada: — Não podia eu olhar o livro?

Outro caso: B. está adormecida (sugestão hipnótica). Quando acordar — ordena Richet — tirarás o abajur desta lâmpada. Acordam-na. E ela logo diz: — Não está escuro? E para clarear o recinto — retira o abajur da lâmpada!

Mais um outro caso: A paciente está adormecida. Dão-lhe a ordem de que virá em tal dia, a tantas horas. Acordada, esquece tudo e pergunta:

— Quando quer que eu regresse?

— Quando puder, em próximo dia da semana.

— A quantas horas? (quer saber).

— Quando quiser — informam. Pois bem, com uma pontualidade surpreendente, a sujet comparece exatamente no dia e na hora indicados. Determinada ocasião, A. chegou debaixo do maior temporal. — Não sei realmente porque vim com este tempo horrível. Tinha tanta gente lá em casa. Corri pra cá mas não tenho tempo de ficar. É um absurdo, não acha? Nem sei porque vim.

Binet também dedicou-se a tais fatos. E relata, segundo Ernesto Bozzano no livrinho *Pensamento e Vontade*: Quando, em sono hipnótico, sugiro à enferma que sobre a mesa de cor escura, diante dela colocada, está um retrato de perfil, ela assim o vê quando desperta. Depois, colocando-lhe, sem prevenir, um prisma diante dos olhos, para logo se mostra admirada em divisar dois perfis. É que a imagem fictícia se localiza, infalivelmente, de acordo com as leis físicas. Assim, se a base do prisma estiver voltada para cima, as duas imagens se localizarão superpostas; se estiver de lado, a 'visão será lateral. Utilizando-se um binóculo, a imagem alucinatória aproxima-se ou afasta-se, quer se coloque diante dos olhos da enferma a ocular ou a objetiva. Se lhe dermos igualmente um espelho, ela aí verá refletida a imagem da sua alucinação. Assim, por exemplo: sugiro a existência de um objeto qualquer no canto da mesa. Coloco, depois, um espelho por detrás do referido canto. A paciente aí percebe imediatamente dois objetos análogos, parecendo-lhe o objeto refletido no espelho tão real como o alucinatório.

Creemos bastarem os exemplos supracitados. No entanto, cabe agora uma oportuna observação e que é a seguinte: o sujeito pode, em contrapartida, relutar e mesmo negar-se com determinação a obedecer ordens que entrem em conflito com seus arraigados padrões morais. Houve inúmeros pacientes que, de pronto, acordaram do mais profundo sono hipnótico quando os agentes lhes sugeriam qualquer ordem que fosse contrária a seus preceitos éticos. Isso mostra que a força magnética da sugestão é inferior ao condicionamento psicológico (inegavelmente um patrimônio do Espírito) trazido e mantido há anos de observância a determinados posicionamentos de conduta moral. Este pormenor agora apresentado é de imensa importância na compreensão da obsessão. O obsessor, no afã de prejudicar seu algoz encarnado, pode valer-se da hipnose para melhor comandá-lo, fazê-lo marionete em suas mãos, subjugando-o moral e até corporalmente, como já tivemos ocasião de estudar páginas atrás. No entanto, se o encarnado souber opor-lhe resistência, sobretudo através da oração sincera, da elevação moral de seus pensamentos mais secretos, do esforço sadio na construção do Bem, no amparo ao semelhante, na seara do Amor, da Caridade e da Justiça, poderá pôr-se a salvo de muitas investidas de um possível adversário da Espiritualidade.

Cada um é tentado de acordo com os seus íntimos pendores pessoais... Se a um cavalo faminto, por exemplo, você oferece uma joia de raro valor, ele não lhe entenderá o gesto. Mas se voltará irrequieto, caso você lhe exiba um balde cheio de milho. O contrário se dá com relação a um homem cobiçoso: um prato de comida, por mais saboroso, ser-lhe-á indiferente, ao passo que a simples contemplação de uma pedra preciosa despertará seus pensamentos de ambição de tê-la, de roubá-la até! É certo que, em tese, entidades em situações aflitivas podem atuar sobre os encarnados por meio de um intenso processo de hipnose, durante o sono, sugerindo-lhes idéias estranhas, ordenando-lhes atitudes absurdas, propondo-lhes planos maquiavélicos. Está, porém, na dependência de cada um de nós dizer sim ou dizer não. Velho adágio oriental já advertia: "Não podemos evitar que as aves voem pelo azul dos céus; mas não vamos deixar, por isso, que venham fazer ninho em nossos cabelos!" Nunca será demais enfatizar a urgente necessidade de movimentar a mente e as mãos, os braços e as pernas, o coração e o sentimento a serviço do Bem, da Caridade e da Justiça. A prece e o trabalho constituem o melhor escudo contra a possível influência obsessiva de algum adversário invisível. E, quanto a ele mesmo, jamais perder de vista ser um enfermo. E nenhum enfermo merece senão tratamento adequado a fim de curar as suas mazelas. Oremos por ele para que se conscientize e se console com o conhecimento e a correta vivência dos ensinamentos de Jesus. Neste sentido, aconselha Emmanuel com toda razão: "Aprendamos a perdoar, conquistando a liberdade de servir. É imprescindível esquecer o Mal para que o Bem se efetue. Onde estiveres e onde fores, lembra-te do perdão incondicional, para que o auxílio dos outros te assegure paz à vida. É indispensável que a compreensão reine entre nós, para que amanhã não estejamos encarcerados na rede das trevas".



## CAPITULO VIII

### CONCLUSÃO E BIBLIOGRAFIA DA SEGUNDA PARTE

Chegados ao final da 2.a parte de nosso livrinho, podemos sumariar as causas das doenças mentais em grupos bem distintos: a) causas materiais como lesões microbianas, alterações senis, distúrbios circulatórios, carências alimentares, etc; b) fatores emocionais como conflitos em família, traumatismo da infância, sentimento de culpa, complexo de inferioridade; c) ação perniciosa de substâncias tóxicas como o álcool, as drogas, os entorpecentes; d) desequilíbrios do pensamento determinando, como diz Joaquim Murtinho no livro *Falando à Terra* (médiun Chico Xavier), o aborto, a encefalite letárgica, a esplenite, a apoplexia cerebral, a loucura, a nevralgia, a tuberculose, a Coréia, a epilepsia, as afecções do coração, as úlceras pépticas, a cirrose, a icterícia, a histeria e todas as formas cancerosas; e por fim e) obsessão propriamente dita, que se inicia por uma simples influência maléfica de um inimigo desencarnado passando pela fascinação e culminando nas formas terríveis da subjugação.

Não levando em conta a ação do mundo espiritual, não considerando o papel do perispírito no mecanismo de instalação de tais alterações, não atentando para a influência da mente do homem invigilante — a Medicina se sente incapaz de solucionar tais casos tão dolorosos. Seus métodos de tratamento apenas combatem os efeitos sem remover as causas; quer dizer, não aliviam os males de tantas e tantas criaturas. O médico

escocês Ronald David Laing, em entrevista recente à revista VEJA, declarou que a esquizofrenia é uma doença inventada pelos psiquiatras para agrupar uma série de sintomas que eles não sabem explicar!

Mesmo aquele rol de precedentes orgânicos ou ambientais pode ser o ponto de partida para a insinuação de um inimigo invisível na eclosão de um processo cármico e obsessivo, tanto como a permanência demorada dos fluidos de um algoz desencarnado pode também determinar lesões no cérebro físico, agravando o estado do paciente.

Mais detalhes, além dos livros já mencionados, são dignas de consulta as obras abaixo:

- 1) Ciência Metapsíquica — Carlos Imbassahy.
- 2) Tratamento da Obsessão — Roque Jacintho.
- 3) Devassando o Invisível — Yvonne A. Pereira.
- 4) Novos Rumos à Medicina — Inácio Ferreira.
- 5) Vacine-se contra a Loucura — Erly Bon Cosendey.
- 6) Ciência Espírita — J. Herculano Pires.
- 7) Nos Domínios da Mediunidade — André Luiz (médiun Chico Xavier).
- 8) Evolução em Dois Mundos — André Luiz (médiuns Chico Xavier e Waldo Vieira).
- 9) Grilhões Partidos — Manoel Philomeno de Miranda (médiun Divaldo Pereira Franco).
- 10) Dramas da Obsessão — Bezerra de Menezes ( médiun Yvonne Pereira).

## TERCEIRA PARTE SUGESTÕES PARA O TRATAMENTO DA OBSESSÃO

### CAPÍTULO I

#### GENERALIDADES

Já sabemos ser o perispírito o liame entre o Espírito e o organismo material. O Espírito quer, o corpo fluídico transmite e o corpo físico obedece executando uma ordem que parte do ser inteligente que o habita. A vontade de fazer algo nasce do Espírito e é determinada ao perispírito, órgão sensitivo da alma, seu corpo semimaterial que a envolve e funciona de intermediário em suas manifestações. O perispírito age no duplo sentido, isto é, receber do exterior e transmitir ao Espírito as mais diversas sensações e receber deste último as ordens a serem executadas externamente. A execução final é feita por meio do corpo material, que inclusive emite os fluidos do perispírito.

Alterações do estado psicológico ou emocional do Espírito determinam desorganização vibratória no perispírito, distúrbio este que, mais cedo ou mais tarde, sem dúvida alguma alcança o corpo material no quadro das chamadas doenças de fundo nervoso. Como exemplo bem corriqueiro sempre citado temos as úlceras pépticas. Debalde se mobilizará todo o enorme arsenal de que a Medicina dispõe para cicatrizá-la. Infrutífera se faz a cirurgia de emergência se a mente do paciente continua destrambelhada. O desajuste espiritual descontrola os mecanismos perispiríticos com repercussões na área orgânica. Tanto como através do perispírito desarticulado o Espírito irá sentir o sofrimento em decorrência do organismo material lesado.

Em reunião da noite de 15 de julho de 1954, valendo-se do médium Chico Xavier, na intimidade do CE. Luiz Gonzaga, em Pedro Leopoldo (MG), o Espírito que na Terra fora Dr. Francisco de Menezes Dias da Cruz nos legava importantes lições sobre isto (ver o livro Instruções Psicofônicas, capítulo 19). Entre outras coisas, aprendemos o seguinte:

A palavra alergia foi criada, neste século, pelo médico vienense Von Pirquet, significando a reação modificada nas ocorrências da hipersensibilidade humana. Semelhante alteração pode ser provocada no campo orgânico por diversos agentes, como os alimentos, a poeira doméstica, os pólenes das plantas, os parasitas da pele, dos intestinos, do ar, tanto como as bactérias que se multiplicam em núcleos infecciosos. As drogas largamente usadas, quando em associação com fatores psíquicos, podem suscitar, igualmente, a constituição de alérgenos alarmantes.

A Medicina moderna, analisando a engrenagem do fenômeno, admite a ação do anticorpo sobre o antígeno, na intimidade da célula, liberando uma substância semelhante à histamina, vulgarmente chamada substância H, a qual, agindo sobre os vasos capilares, sobre as fibras e sobre o sangue, atua desastrosamente, ocasionando variados desequilíbrios, a se expressarem, de modo particular, na dermatite atípica, na dermatite de contacto, na coriza espasmódica, na asma, no edema, na urticária, na enxaqueca, na alergia sérica, digestiva, nervosa e cardiovascular.

Evitando, porém, qualquer preciosismo de técnica científica e relegando à Medicina habitual o dever de assegurar os processos imunológicos da integridade física, Dr. Dias da Cruz recorda-nos que as radiações mentais podem ser classificadas assim em agentes R, na maioria das vezes se apresentando na base da formação da substância H, com importante papel em quase todas as perturbações neuropsíquicas, utilizando o cérebro como órgão de choque. Acentua bem o irmão orientador que todos os nossos pensamentos definidos por vibrações, palavras e atos, arrojam de nós raios específicos. Assim sendo, é indispensável curar nossas atitudes, na autodefesa e no amparo aos semelhantes, porquanto a cólera e a irritação, a leviandade e a maledicência, a crueldade e a calúnia, a irreflexão e a brutalidade, a tristeza e o desânimo, produzem elevada percentagem dos agentes R, de natureza destrutiva, em nós e em torno de nós, suscetíveis de fixar-nos, por tempo indeterminado, em deploráveis labirintos de desarmonia mental.

Em certo trecho Dias da Cruz afirma claramente: "Para sanar a obsessão nos outros ou em nós mesmos, é preciso cogitar dos agentes R que estamos emitindo. Respeitemos, assim, a dieta do Evangelho, procurando erguer um santuário de princípios morais respeitáveis para as nossas manifestações de cada dia."

Amigos, o oposto também se dá, isto é, uma lesão que dilacera com violência os tecidos orgânicos, por suicídio, desorganiza as áreas correspondentes do perispírito de tal maneira que a alteração irá surgir no equipamento físico na futura existência corpórea. Explicam-se assim as doenças de nascença, forma expiatória para o Espírito infrator das Leis de Deus!

Há como estamos a ver, um intercâmbio energético entre o corpo e o perispírito, devendo ser ainda acrescentado o suicídio lento tantas vezes causado pelas formas malélicas do cigarro, do álcool, das vibrações grotescas da sensualidade exacerbada, enfim, dos abusos e excessos que solapam a economia do corpo material e do corpo perispirítico. O Dr. Dias da Cruz deu-nos a descrição da obsessão que causamos a nós mesmos por nossa invigilância e intemperança. Vejamos a seguir a obsessão desencadeada por um adversário de outras vidas.

Quando encarnado entre nós, Dr. Bezerra de Menezes escreveu diversos livros doutrinários; entre eles destacamos A Loucura sob um Novo Prisma do qual extraímos um trecho expressivo. Ei-lo:

Suponhamos que, em remota existência, abusamos do poder, fazendo nossas vítimas quantos incorreram em nosso desagrado; que esmagamos o coração de um infeliz, separando-o da esposa amada, dos tenros filhinhos que acabaram na miséria, e ele na fúria do maior desespero. Esta vítima de nossa perversidade expirou jurando vingança, e, Espírito atrasado, que não compreendia a sublimidade do destino humano, a que ninguém pode chegar senão pelo amor a Deus e ao próximo, mal teve a consciência de seu estado de Espírito livre, e a memória de sua extinta vida corpórea continuou a respirar somente vingança. Fareja, procura descobrir onde paira seu cruel verdugo; vê, lá no Espaço, seu desprendimento do corpo; acompanha-o na erraticidade; assiste com satânico prazer à sua reencarnação, e segue-o nesta nova existência, com a solicitude de seu ódio, esperando o momento suspirado para cair sobre ele.

Suponhamos que o reencarnado, por obra de um sincero arrependimento, tenha vindo sinceramente resoluto a reparar as suas maldades. Neste caso, seus pensamentos, sentimentos e ações se modelarão pelas normas essenciais à sua missão reparadora, e não permitirão a aproximação de maus Espíritos. Mas suponhamos que se dê aí um desfalecimento: lá está a brecha por onde penetrar, a satisfazer as quase extintas esperanças de vingar-se. O Espírito maléfico acende-se em satânicas alegrias, sentindo que se abala a atmosfera isoladora daquele que fora seu verdugo. Sutilmente, insinua-se disfarçado em amigo, e, quando se acha senhor de sua confiança, dá o assalto à fortaleza: subjuga a vontade de sua vítima, até fazer dela instrumento passivo da sua. Para chegar a este resultado procura perturbar-lhe a razão, o que consegue por mil modos: ora aproveitando as afecções orgânicas, ora jogando com as afecções morais. Chegado a este ponto de ter completamente hipnotizado sua presa, fá-la passar por qualquer dessas inúmeras variedades de perversão moral, que se dão em espetáculo entre os alienados.

E Bezerra arremata: A este estado a ciência chama loucura; e o é. Mas a esta loucura o Espiritismo chama obsessão.

Amigos leitores: estando num estado mental vingativo, sedento por fazer justiça com as próprias mãos, o obsessivo traz o perispírito carregado de vibrações deletérias de apreciável poder destrutivo. Como encontra uma certa afinidade com o encarnado, acaba por transmitir-lhe tais eflúvios tóxicos. E fá-lo de tal modo e em tal intensidade que o corpo do perseguido termina recebendo toda uma carga pesada alterando-lhe a fisiologia e as estruturas no plano orgânico e mesmo psicológico, de preferência no sistema nervoso. Tal estrago se acentua mais diante da debilidade geral e da fraqueza de vontade do encarnado. Não é difícil concluirmos que a terapia, para ser completa, terá de agir sobre ambas as partes, quer dizer, sobre o Espírito obsessivo que se vale de sua condição de invisível para agir na surdina, como sobre o encarnado que terá de mudar de modo de vida, num esforço de sua reforma moral.

O obsidiado há de lutar por melhorar o seu padrão vibratório mediante a leitura edificante, a meditação serena acerca dos ensinamentos e exemplos de Jesus, a ação vigorosa da prece, a recepção de passes magnético-espirituais e acima de tudo por meio de sua edificação espiritual em termos de combate às más inclinações e maus pendores, de exercício da calma, da paciência, da tolerância, do perdão, do desprendimento aos bens terrenos e maior valorização dos bens do Espírito.

Querer tratar a obsessão fora destas diretrizes básicas, fundamentadas em Jesus, é trabalhar improdutivamente — prolongando o sofrimento de tantos quantos estejam envolvidos nos grilhões deste doloroso reajuste cármico.

Semelhante programa de ação não poderá ser desenvolvido precipitadamente, naquele afã exclusivista de livrar-se o mais depressa possível de um incômodo em nossa vida! Ao contrário, é todo um programa de vida que pede o concurso do tempo, que exige perseverança pois é, afinal, um programa de viver de alguém que quer melhorar-se moralmente, em benefício de si mesmo e do seu próximo em Humanidade.

Sem dúvida, e a experiência nos leva a esta conclusão gratificante, a cura se faz mais rápida quando ambos (verdugo e perseguido) se conscientizam da necessidade de observarem as Leis do Criador. E nada acelera mais tudo isto do que a existência de alta dose de amor e de bondade, de fé e esperança, no ânimo das criaturas que tratam do obsidiado. E isto se exterioriza mediante:

1 — Doutrinação bondosa e enérgica do desencarnado, vendo-se nele um enfermo digno de tratamento convenientemente evangélico;

II — Reparação das lesões perispiríticas do obsidiado mediante passes e água fluidificada.

III — Evangelização deste último, socorrendo-o, se for o caso, com o tratamento farmacológico (para corrigir possíveis lesões cerebrais que a presença do inimigo desencadeou) e apoio psicológico adequado.

E precisamente o que veremos no decorrer desta parte de nosso livrinho.

## CAPÍTULO II

### A PRECE, O PASSE E A ÁGUA FLUIDIFICADA

Nunca será demais enfatizar a grandiosa importância de uma prece sincera, de uma oração brotada do fundo d'alma, numa demonstração eloquente de fé, de humildade e de esperança. Como início de sugestões para o tratamento da obsessão, vejamos a eficácia comprovada destes recursos altamente valiosos e ao alcance de nossas atividades espíritas.

Com relação à prece, lembraríamos Jesus que nos ensinou: Tudo aquilo que pedirdes a Deus, crede que vos será concedido. Nada é impossível ao homem que crê. A fé remove montanhas.

Amigos, se a oração não remove as pedras da estrada, danos forças para que possamos, nós mesmos, removê-las. Se não arranca os espinhos da jornada, dá-nos alento para que possamos passar por eles sem rasgarmos a intimidade do coração. A prece é tão necessária à saúde do Espírito quanto o é o pão material para o sustento do corpo. Tão importante para a vitalidade espiritual como o oxigênio, para o perfeito funcionamento dos pulmões.

Se tivermos fé, poderemos tropeçar nos calhaus da vida. Poderemos rasgar a túnica nos acúleos da existência. Mas não cairemos na poeira da derrota. Não patinaremos na lama do desânimo. Não marcaremos passo na areia movediça da desilusão e do desencanto. Poderemos sofrer e chorar. Mas não nos sentiremos aniquilados nem órfãos do amparo de Deus. Se tivermos fé, venceremos a inveja e a calúnia, o cansaço e a indiferença, as investidas dos adversários e os maus pendores de nós mesmos. A energia emitida por uma pessoa em oração já foi medida com um sensível aparelho eletrônico pelo cientista J. Stowell, revelando-se superior à emitida por uma das mais poderosas emissoras de rádio dos Estados Unidos. Razão não faltou ao Dr. Carrel, no livro *L'Homme, Cet Inconnu* (O Homem, Este Desconhecido), quando declarou ser a prece a mais poderosa forma de energia que podemos gerar. Como médico ele diz ter visto homens, depois de fracassadas todas as terapias convencionais, libertarem-se de seus sofrimentos em forma de doença, melancolia e sofrimento, pelo esforço sereno da prece. E não pensou duas vezes para afirmar claramente: a prece é uma força tão real como a gravidade da Terra.



Em O Livro dos Espíritos lemos que possuímos em nós mesmos, pelo pensamento e pela vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites da esfera corpórea. Se a prece for sincera e ardente, pode chamar em nosso socorro o auxílio de Espíritos que nos dão bons pensamentos e a força necessária para o corpo e para a alma. Benefícios que podem ser carreados em favor de nós ou em termos de amparo a terceiros.

Ainda neste mesmo livro aprendemos que o essencial não é orar muito, mas orar bem. Aquele que pede a Deus o perdão de suas faltas não o obtém se não mudar de conduta. As boas ações valem mais do que as palavras. E é em O Evangelho Segundo o Espiritismo que lemos: "A forma nada vale, o espírito é tudo. Ore, pois, cada um de acordo com suas convicções e da maneira que mais o toque. Um bom pensamento vale mais do que um grande número de palavras com as quais nada tenha o coração".

Quando a influência negativa do obsessor é leve, nem se tornou crônica, com o auxílio da prece, além da mudança do estilo de vida, o encarnado consegue curar-se relativamente ao cabo de pouco tempo, mesmo porque, aos seus pedidos de auxílio, acorrem Espíritos amigos que solucionam o problema da maneira mais silenciosa e segura pela doutrinação do obsessor em pleno Plano Espiritual.

Às vezes uma certa perturbação pode atingir crianças não devido à perseguição cármica anterior, mas em decorrência apenas da desarmonia reinante no lar. Devido à sua imaturidade, as crianças sentem o desequilíbrio, pois este favorece a insinuação de entidades sofredoras no recinto, presença esta que se faz ressentir sobre os pequenos. Tais ocorrências chegam a ser consideradas mediunidade espontânea e precoce, quando na realidade não é bem isso que ocorre. Basta o lar se reequilibre e tais efeitos cessam.

Mas voltando ao estudo da perturbação em adultos (eventualmente em crianças), quando tal indução perniciosa se faz mais intensa e persistente, então a ajuda de terceiros se impõe, além da terapêutica sempre valiosa da prece e da vivência do Evangelho no lar. Mesmo porque pode, em casos avançados, o obsessor não dar ao obsidiado condições de ele mesmo tentar melhorar sua situação por meio da prece, da leitura edificante, da meditação mais nobre, da retificação de modo de vida, enfim. .. O auxílio alheio se faz necessário. Nestas circunstâncias, cooperarão com o paciente, mediante o esclarecimento doutrinário do seu algoz, não apenas os amigos da Espiritualidade, mas também uma equipe de médiuns esclarecidos e devotados, o presidente do centro ou o dirigente da sessão de desobsessão que se faça em favor do doente; e também os seus entes familiares. ,

Bem, nesta altura o passe comparece como meio de grande valia, visto ser verdadeira transfusão de energias revigorantes que não se pode jamais dispensar.

Moléstias, tristezas, mágoas, sentimentos de culpa, de amargura, resíduos deprimentes deste gênero, são em geral remanescentes de nossas imperfeições, de nossos excessos, de nossos enganos. Nesta hora, o passe se converte em instrumento da Bondade Divina para que recebamos assistência e\* remédio, capazes de asserenar-nos o Espírito atormentado, de restaurar o perispírito em desarmonia vibratória, reorganizando, inclusive, as estruturas orgânicas, as estruturas do psiquismo também, valendo-se ainda do veículo de fluidos revitalizantes representado pela água fluidificada.

Sim, a água consegue captar dos nossos amigos da Espiritualidade eflúvios balsâmicos para os nossos males orgânicos e perispirituais.

Ninguém deita alimento nutritivo em vasos impuros. Antes de guardar o leite para o dia seguinte, a dona-de-casa lava com sabão ou detergente a leiteira a fim de expurgá-la de germens que poderiam azedar o alimento vital. Ora, como já recordou Emmanuel, se pretendemos guardar as vantagens do passe que é, em substância, ato sublime de fraternidade cristã, purifiquemos o sentimento e o raciocínio, o coração e o cérebro. Se não o fizermos, pouco ou nenhum será o resultado ou benefício real advindo ao nosso interior, por mais que desejemos socorro do Alto, por mais se esforcem médium e Espírito amigo. Numa sessão mediúnic a que o autor deste livrinho compareceu em Nova Iguaçu (RJ), ao tempo de sua mocidade, um Espírito dizia, em admirável comparação, que muita gente vai aflita beber água mas coloca o copo, junto à biquinha do filtro, de boca para baixo! Não precisa dizer-se tais pessoas jamais dessedentarão sua sede, por mais pura seja a água do recipiente. É preciso, portanto, tanto relativamente ao passe, como à água fluidificada, que nos coloquemos na posição correta para receber o auxílio carregado pelos amigos invisíveis do Plano Maior.

O passe é transmissão de fluidos, conjugando o magnetismo humano do médium com o espiritual do Grande Além. Por isso, deve ser administrado em silêncio, sem necessidade de estalos de dedos, respiração ofegante ou gestos violentos. É dispensável o contacto manual; a transmissão se dá de aura a aura de sorte que os fluidos se desprendem do corpo perispiritual do medianeiro e podem agir à distância sobre o perispírito do paciente. Este último detalhe é muito importante. Há casos em que o obsidiado está em condições tão penosas, inclusive internado em hospitais especializados, e não pode comparecer ao centro espírita. Nem por isso, no entanto, deixará de receber o auxílio do Alto onde quer que se encontre. O passe, convém repetir, pode ter efeito à distância; nos Evangelhos de Jesus são relatados casos assim: cura de um servo de um centurião romano (Mateus, Capítulo 8, e Lucas, Capítulo 7), bem como a de um filho de um oficial do rei (João, Capítulo 4).

Além disto, durante sua aplicação não é de bom alvitre a manifestação dos mentores da Espiritualidade exortando ou aconselhando quem quer que seja. Tal psicofonia quebra a tranquilidade do ambiente despertando uma possível curiosidade, desfazendo a necessária concentração que todos devemos manter através da prece e dos pensamentos elevados. Caso haja razão de um esclarecimento do Plano Espiritual, com relação ao modo de agir neste ou naquele tratamento de um doente, tal orientação poderá ser dada em reuniões especiais para tal fim.

Desnecessário se torna declarar que nenhum valor têm para os Espíritos os gestos cabalísticos, as práticas de exorcismo, os rituais mágicos, as encenações de cerimônias estranhas e extravagantes. Sem dúvida, Espíritos ainda agarrados às idéias materiais que alimentavam quando na vida corpórea poderão, por ignorância, aferrar-se a tais pormenores. No entanto, o que importa, acima de tudo, é a conscientização de encarnados e de desencarnados. É o seu esclarecimento relativamente às Leis Divinas, cuja desobediência implica sempre sofrimento físico e espiritual! Esclarecimento quanto ao amor, à justiça, à caridade, à humildade, ao perdão! Isto é de fundamental importância para os homens e para os Espíritos!

A pureza de sentimentos e de pensamentos é que pesa na hora da doutrinação dos obsessores. A este respeito, Atos, um dos livros de O Novo Testamento, relata um caso ilustrativo, no Capítulo 19: Filhos de um sumo sacerdote chamado Ceva resolveram curar possessos de Espíritos malignos dizendo-lhes: Eu vos esconjuro por Jesus a quem Paulo prega. Mas a entidade perturbadora respondeu: Conheço a Jesus e sei quem é Paulo; mas vós, quem sois vós? E o possesso do espírito maligno saltou sobre eles subjugando a todos, e de tal modo prevaleceu contra eles que, desnudos e feridos, fugiram daquela casa. Quer dizer, aos pretensos doutrinadores faltava ascendência moral. Pior a emenda do que o soneto! Para estes casos, já dizia Jesus ser necessário jejum e oração. Quanto mais valor moral exhibe o médium — e de resto todos os demais componentes da casa espírita — maior será o efeito do passe sobre o obsidiado e sobre a regeneração do obsessor.

Ainda assim, não se pode prometer pronta recuperação a quem quer que seja. A Revista Espírita relativa a Setembro de 1865 (Ano VIII n.º 9) relaciona alguns dos princípios fundamentais que a experiência consagrou no que tange à prática da mediunidade curadora pela imposição das mãos. Dentre estes princípios, lembramos aos caros leitores o seguinte: Porque obteve resultados satisfatórios não se vá pensar que se tenha, por isso, poder sobre todos os males. Um médium curador pode curar uma pessoa X e não curar outra pessoa Z. Pode ter curado uma mesma pessoa de um mal e não ter conseguido o mesmo efeito para outra moléstia. Pode-se ter a faculdade hoje e não tê-la amanhã, podendo recuperá-la mais tarde, conforme as afinidades e as condições fluídicas em que se ache. Este final da ponderação de Kardec leva-nos a considerar a influência do meio. Por meio, aqui, queremos entender o conjunto de pessoas que estão presentes numa dada sessão mediúnica. No caso que se estuda neste livro se estende até à esfera familiar do obsidiado. Tais pessoas não são objetos inertes. Ao contrário, são Espíritos, estão emitindo pensamentos, mantendo ideais, nutrindo aspirações, atraindo outras entidades afins, numa constante emissão de forças vivas de simpatia ou de antipatia. Por conseguinte, se o conjunto for viciado, indisciplinado, discordante, mal intencionado, querendo milagres (como se eles existissem!), aguardando pronto atendimento com um passe de mágica, não se poderá esperar bons resultados em favor de obsessores e de obsidiados. Ainda que o médium, num esforço sacrificial de boa vontade ofereça possibilidades, o resultado não será satisfatório, porque, em geral, os bons Espíritos não lançam sementes boas sobre pedras e espinhos. Como ensinava Jesus, -seria atirar pérolas a porcos... As Entidades superiores abandonam o ambiente e o campo se abre aos Espíritos que se afinem com tal grupo invigilante.

Por tudo isso se vê que não se recomenda a administração de passe (ou qualquer outra prática mediúnica) fora do centro espírita. Um paciente que necessite de cirurgia, o médico não irá operá-lo em sua residência; antes, deslocá-lo-á a um hospital onde haja recursos mínimos para assegurar o tratamento devido. O mesmo se dá com o passe mediúnico, especialmente no trato da desobsessão. Quando uma equipe dedicada a este serviço cristão for solicitada ao contacto com o enfermo retido no lar ou num hospital, poderá fazer-lhe a visita, de preferência, em comissão, mas recomenda-se a abstenção da ação mediúnica diante dele no que diz respeito à doutrinação dos Espíritos sofredores que o assediam. Tal tarefa de amor e de caridade — anotados o nome e o endereço do paciente — será desenvolvida no centro espírita em sessão para tanto realizada.

Concluindo, vemos que o tratamento da obsessão pede compromisso moral dos que lhe integram a equipe socorrista no sentido de não comprometerem, por sua vigilância mental, o andamento do socorro que se pretende dispensar a tantos quantos sofrem no processo obsessivo.

Como exemplo de cura através do passe, citaremos um caso ocorrido assim, segundo o relato do confrade Edynardo Weyne, no jornal O Povo, de Fortaleza (Ceará):

No sítio Monte Real, em Solópolis, moram o agricultor José Teobaldo e sua esposa Maria Zilma Nogueira. Estão preocupados. Seu filho, de 9 anos, Francisco José Nildo Nogueira, depois de uma pequena queda em novembro de 1973, começou a ter convulsões. Ficava como morto, sem pulso, sem fala, músculos tetanizados, dentes cerrados... Doutras vezes saía correndo, internava-se na mata e esta corrida terminava com um acesso. Em certas ocasiões caía no chão gritando, contorcendo--se. Como se fosse um pequeno cãozinho mordida os que dele se aproximavam.

O genitor levou-o ao Dr. Ozanan Guedes, no posto de saúde local. Os medicamentos clássicos para suspeita de epilepsia foram corretamente indicados, mas lamentavelmente falharam. O garoto foi então levado para o Hospital de Saúde Mental de Messejana. Fizeram um eletroencefalograma que acusou disritmia cerebral. Todavia, os remédios receitados também não surtiram efeito. E assim, durante mais de dois anos, Francisco José por quatro vezes retornou ao mesmo Hospital, sem resultado apreciável. Cinco médicos diferentes, nesse lapso de tempo, medicaram a criança. Mas a moléstia não cedia. Em março de 1976, o agricultor Teobaldo, a conselho de um amigo, levou o doente a um centro espírita, justamente ao Amor ao Próximo, em Messejana. O pai contou sua longa odisseia, informando ao confrade Edynardo Weyne que os ataques do menino prosseguiam cada vez mais violentos. Mas, graças a Deus, com três sessões de efluvioterapia (passes), o doente recuperou a normalidade orgânica. Há dias o pai trouxe-o para esta comprovação: estava forte, corado, sobretudo mentalmente sadio, o que foi constatado por mais de uma centena de pessoas presentes ao Núcleo de Prece.

Vale recordar uma lição de Emmanuel, através do Chico Xavier; esta lição foi fornecida quando se lhe perguntou se há alguma relação entre disritmia cerebral e obsessão; e o mentor espiritual assim se expressou: "Sim. A chamada disritmia cerebral, na maioria dos casos, funciona como sendo um implemto de fixação de onda do Espírito perturbador. Entendemos que o problema obsessivo está presente em todos os fenômenos considerados epileptóides, embora o próprio traumatismo da criatura, no campo emocional, possa gerar determinadas manifestações epileptóides sem a presença (obrigatória) do Espírito obsidente".

Como derradeira ponderação é bom se diga que as algemas que unem dolorosamente algoz e vítima não se desfazem senão com a passagem de algum tempo. As vezes o entrelaçamento cármico entre um e outro é tão intrincado, envolve um drama tão complexo, que durante longo espaço de tempo pode persistir o aprisionamento mútuo. Pode ocorrer a desencarnação da vítima atual e a perseguição prosseguir, em pleno Plano Espiritual, cruel e dolorosa! Só Deus, que é Amor e Justiça, e que conhece cada um de seus filhos por dentro e por fora, só mesmo Ele é que pode dizer até onde X feriu Z. Até que ponto A invadiu a intimidade afetiva de B em seus desatinos de outras vidas corpóreas. Mergulhados na carne, apenas vemos um lado da medalha. Não nos é dado conhecer o seu reverso. Não temos condições para analisar a causa em sua totalidade. Desnecessário se me parece afirmar que não nos cabe, sob nenhum pretexto, julgar quem quer que seja. Jesus, o maior Espírito que já passou pela Terra, quando lhe apresentaram a pecadora, simplesmente enunciou a mais famosa sentença de toda a História do Judiciário de todos os tempos: — "Quem estiver sem pecado atire a primeira pedra..."

O que nos resta fazer, nestas circunstâncias confrangedoras, é, em nome do amor cristão, contribuir para a melhoria da aflição de ambos. Neste particular, o pensamento positivo, o passe à distância, a oração sincera e sentida exercem — mais uma vez repetimos — um papel de relevância indiscutível. A solução definitiva está nas mãos de Deus!

Como o nosso desejo de auxiliar a todos não deve conhecer limites nem impor condições, sob pena de não ser cristã a nossa atitude, o tratamento da obsessão pode encontrar remédio complementar de inestimável valor nas reuniões de desobsessão, como veremos no capítulo que se segue.



## CAPÍTULO III

### REUNIÃO DE DESOBSESSÃO

Antes de ser uma casa de oração, o centro espírita se erige por oficina de trabalho abençoado. Do bom andamento de suas atividades administrativas, mediúnicas, doutrinárias e assistenciais resulta a pujança do movimento espírita nacional. Espiritismo, como já declarou André Luiz no livro *Cartas do Coração* — não está circunscrito ao santuário da esperança reconfortante. É esfera de serviço ativo da nossa redenção individual no supremo Bem. Relativamente ao tema deste nosso livrinho, ainda André Luiz ressalta que cada templo espírita deve e precisa possuir a sua equipe de servidores da desobsessão quando não seja destinada a socorrer as vítimas da desorientação espiritual que lhe rondam as portas, pelo menos para defesa de si mesma.

A tarefa de desobsessão desenvolvida por um centro espírita significa uma das maiores colaborações fraternas que o movimento spiritista pode oferecer em nome do Bem comum à Humanidade sofredora. Por isso dedicaremos este capítulo ao seu estudo, baseando-se nossos apontamentos na excelente obra de André Luiz intitulada *Desobsessão*, escrita pelos médiuns Waldo Vieira e Chico Xavier.

#### A — Composição da mesa de trabalhos

Os componentes da reunião não devem exceder de 14 companheiros abnegados, com funções específicas, como por ex.: 2 a 4 médiuns esclarecedores (incluindo-se neste número o próprio dirigente dos trabalhos); 2 a 4 médiuns passistas; e 4 a 6 médiuns de incorporação ou psicofônicos.

Todos os referidos componentes devem reunir condições evangélicas e morais para o melhor desempenho de suas atividades. No dia marcado para os trabalhos, deverão cultivar atitude mental digna desde cedo, procurarão fazer uma dieta leve, farão um horário possível em seus quefazeres profissionais para o refazimento orgânico e espiritual, recolhendo-se à prece e à meditação elevada um pouco antes do início da sessão. Semelhantes cuidados como que predisõem os médiuns ao melhor exercício de suas faculdades medianeiras neste tão importante trabalho de amor cristão.

## B — Preparação do ambiente

A fim de preparar o ambiente, poderão ser lidas obras como: 1.º) O Livro dos Espíritos; 2.º) O Evangelho Segundo o Espiritismo; e 3.º) Um livro de mensagens como Pão Nosso, Vinha de Luz, Fonte Viva, Palavras de Vida Eterna, Sinal Verde, Agenda Cristã, etc., que encerram os princípios kardecianos à luz dos ensinamentos eternos do Cristo. Tal leitura não deve exceder 15 minutos, não sendo necessário o comentário em redor dos itens expostos.

## C — Prece inicial

Lida a última página, a iluminação poderá ser diminuída e o dirigente fará a prece de abertura das atividades programadas, prece sentida, demonstrando fé, confiança em Deus e amor para com os irmãos encarnados e desencarnados que poderão ser beneficiados naquela oportunidade.

## D — Desenrolar dos trabalhos da sessão

Inicialmente pode dar-se a manifestação psicofônica do mentor espiritual do grupo ou do centro, para transmitir algum aviso ou instrução edificante, podendo, neste caso, o dirigente pedir-lhe sugestões sobre como agir num ou noutro problema que tenha surgido para atender a um determinado paciente.

Segue-se então a parte reservada às manifestações dos enfermos espirituais, quer dizer, dos Espíritos que provocam as obsessões sobre os encarnados que buscam aquela casa de serviços espirituais. Está bem visto ser esta parte da sessão da mais alta importância e exige da equipe mediúnica suficiente conhecimento doutrinário, perfeito domínio das faculdades medianímicas e, sobretudo imensa dose de amor e de bondade no coração para com o trato dos sofredores. Algumas recomendações não podem deixar de ser feitas neste particular e para elas chamamos a atenção dos nossos prezados leitores, como por ex.:

1) É desaconselhável se verifique o esclarecimento simultâneo de mais de duas entidades carecentes de auxílio; se houver ao mesmo tempo duas manifestações, o dirigente, enquanto conversa com um dos desencarnados, designará um médium esclarecedor para dialogar com o outro comunicante; se por ventura um terceiro médium de incorporação vier a ser pressionado por outra entidade em aflição, ele não deverá oferecer passividade, para que não haja tumulto nem quebra da ordem dos trabalhos da sessão.

2) É dever inadiável impedir que manifestantes exaltados subvertam a tranqüilidade do recinto com pancadas, com ruídos, batendo com as mãos sobre a mesa ou os pés no chão, com palavras obscenas, pois os médiuns psicofônicos experientes podem perfeitamente frustrar tais tentativas da parte de entidades agitadas.

3) É aconselhável cada médium permita até duas passividades por sessão a fim de evitar o excessivo dispêndio de energias.

4) Não é necessária a presença obrigatória do obsidiado no recinto, para receber o auxílio dos benfeitores da Espiritualidade (como já estudamos antes, o passe tem efeito também à distância). Caso estejam presentes os obsidiados na sessão, receberão passes e ficarão sentados com seus acompanhantes em cadeiras colocadas à retaguarda da mesa e será evitada a doutrinação dos seus algozes mediante a citação de nomes, a recordação de incidentes passados, pois tudo isso apenas servirá para avivar velhos antagonismos e nada de bom poderá ser obtido em termos de cura do processo obsessivo.

5) A doutrinação do obsessor deverá ser baseada na dignidade e no amor, feita com energia e doçura pois os obsessos bem como seus obsessores não passam de doentes e é nestas condições que devem ser tratados, no desejo de curá-los com o remédio sublime do perdão.

6) Não há cabimento para que o dirigente mande os Espíritos manifestantes seguirem individualmente ou em grupo às casas dos componentes da equipe mediúnica, ou à casa do obsidiado, sob o pretexto de limpá-las de maus fluidos ou coisas equivalentes (como expurgá-la de outros possíveis Espíritos perturbadores). Absolutamente! A direção espiritual sabe muito melhor do que qualquer um de nós o que deve ser feito com os irmãozinhos obsidentes. A nós, encarnados de boa vontade, cabe a tarefa de orientá-los com amor e bondade através dos médiuns, pois muitos deles só assim é que ouvem orientações. Só assim é que sabem, às vezes, que não mais pertencem ao mundo material e passam a perceber o imenso malefício que estão fazendo a terceiros e a si mesmos, em nome de uma justiça que querem, a todo transe, fazer com as próprias mãos. Tal etapa de doutrinação deve durar de 60 a 90 minutos.

Terminada a parte de incorporações, segue-se um período destinado ao que se chama aplicação de vibrações de amor e de tranqüilidade para todos os sofredores, que se inicia com uma prece em favor dos que estão parecendo tanto nos hospitais, nas casas-de-saúde, nos sanatórios, em seus leitos particulares em casa mesmo, como os que sofrem no Plano Espiritual na qualidade de suicidas, de homicidas, de obsessores empedernidos — enfim, uma prece que abranja todos os irmãos carentes de socorro e alívio, durando tal atividade uns 5 minutos.

Feita a aplicação de radiações, poderá ter lugar a aplicação de passes. Para tanto os médiuns passistas se deslocam de seus lugares em silêncio e os administrarão, sem que haja necessidade de que os encarnados que serão beneficiados (os médiuns, os doentes que estejam na assistência, etc.) saiam de onde estejam... Aplicados os passes, a reunião está chegando ao seu final. Às vezes um amigo espiritual pode dar algum aviso, alguma orientação edificante para estudo e meditação de toda a equipe mediúnica através de um médium para tanto indicado pelo presidente da reunião. Segue-se a prece final.

#### E — Prece final

Como sempre, será uma prece feita com sinceridade e fê em Deus, agradecendo ao Alto toda a assistência que se recebeu naquela oportunidade, implorando ainda as bênçãos do Criador em benefício de todos os que sofrem e necessitam a luz do entendimento superior.

#### F — Encerramento da sessão

Feita a prece final, o dirigente dará a sessão por encerrada e fará — se for à noite — luz plena no recinto.

O maior interessado na cura da obsessão deve ser o próprio obsidiado. Tão logo sinta alguma melhora com as reuniões de-desobsessão, com os passes, com as preces, com o tratamento médico (quando este também deve ser feito, ao lado da terapia espírita), ele poderá ajudar-se renovando o seu estilo de vida, pautando seus atos pelos exemplos e ensinamentos de Jesus. Roque Jacintho sugere algumas atividades da alma capazes de propiciar melhores condições para o seu total refazimento. Ei-las:

- 1.º) Falar bem dos outros, algumas vezes por dia;
- 2.º) Dar atenção aos seus familiares, algumas horas;
- 3.º) Ler trechos de O Evangelho segundo o Espiritismo, antes das refeições e antes de dormir;

4.u) Dedicar uma ou duas horas semanais a trabalhos de assistência benemerente, como auxiliar de tarefas simples;

5.º) Sorrir, quando for cumprimentado;

6.º) Ouvir boas leituras doutrinárias do Espiritismo;

7.º) Frequentar as reuniões públicas do estudo do Evangelho nos centros espíritas, esforçando-se por não dormir durante estas sessões;

8.º) Ser encarregado de fazer preces em voz alta, nas reuniões normais do centro e nas ocasiões do Culto do Evangelho no Lar;

9.º) Visitar famílias pobres e ajudá-las nos seus serviços domésticos;

10º) Manter-se permanentemente ocupado em tarefas nobres.

E arremata o irmão citado: não descuidar-se das atividades profissionais e úteis ao seu ganha-pão diário ou dos pequenos serviços que pode fazer para a economia familiar ou para garantir o seu sustento.

## CAPÍTULO IV

### OBSESSÕES NOS EVANGELHOS

Já tivemos oportunidade de declarar não ter sido o Espiritismo que inventou a obsessão. O processo obsessivo sempre teve lugar no seio da Humanidade. Os relatos bíblicos confirmam nossa assertiva. No texto dos evangelistas encontramos diversas referências a curas de possessos por Jesus e seus discípulos. Senão, vejamos: em Lucas, Capítulo 8, verso 2, encontramos a afirmação de que algumas mulheres foram curadas de Espíritos malignos e enfermidades e, dentre elas Maria de Magdala, de quem Jesus expeliu sete Espíritos imundos. O mesmo autor, no Capítulo 13, versos 10 a 17, se refere a uma mulher que havia dezoito anos estava debaixo da influência de um Espírito. Mateus em seu evangelho, Capítulo 15, versos 21 a 28, relata a cura da mulher Cananéia, fato que também aparece em Marcos, Capítulo 7, versos 24 a 30. Este último evangelista, em seu Capítulo 5, reproduz o episódio do homem geraseno que estava atormentado por um obsessor e que, ao ver Jesus aproximar-se, passou a proclamar em alta voz: Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes. Após ordenar que o Espírito imundo saísse daquele homem, Jesus lhe perguntou: Qual é o teu nome? E ele respondeu, dizendo: Legião é o meu nome, porque somos muitos.

Há em Lucas um admirável ensinamento de Jesus em torno do assunto. Está no Capítulo 11, versos 24 a 26, e diz assim: Quando o Espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso e, não o encontrando, diz: Tornarei para minha casa, donde saí. E, chegando, acha-a varrida e adornada. Então vai, e leva consigo outros sete Espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali, e o último estado deste homem se torna bem pior do que antes.

O que Jesus quis dizer com estas palavras é que um obsessivo, uma vez afastado de um homem e levado ao mundo espiritual, para um ambiente compatível com o seu grau evolutivo, pode voltar a assediar a antiga vítima. E quando volta, caso não encontre o encarnado em um novo estilo de vida, ao contrário, encontra-o ainda de porta aberta às suas vibrações inferiores, sem se enveredar pelo caminho do bem e das virtudes, arrebanha outros comparsas de infortúnio e, debaixo da influência desta legião malfazeja, o estado do antigo perseguido se faz muito mais deplorável que antes. Bem claro o ensino do Mestre: aquele que consegue livrar-se de uma perturbação espiritual, cuide de manter-se no caminho do amor, da humildade, do trabalho e do perdão, se não deseja fazer-se juguete nas mãos de Entidades inferiores que se comprazem em fazer-lhe mal.

Obsessão implica quase sempre vingança de um inimigo. Pois bem, no Sermão do Monte, Jesus nos deu a fórmula da vacina contra este assédio nocivo de nossos possíveis inimigos quando o Mestre disse claramente: "Ouvistes dos antigos: Amareis aos vossos amigos e aborrecereis aos vossos inimigos. Eu, porém, vos digo: Amai até mesmo aos vossos inimigos. Amar também ao inimigo" — eis a chave da questão.

Evidentemente não quis dizer Jesus com isso devêssemos ter para com nossos adversários os mesmos sentimentos de simpatia e agrado que temos com relação aos verdadeiros amigos. A diferença de afinidade se faz presente e impede um relacionamento mais estreito. O que Jesus ensinou foi a necessidade que todos temos de não odiar o inimigo. Não lhe devotar nenhum rancor. Não procurar prejudicá-lo. Nem sentir-se feliz em sua desventura. Mas orar por ele. Dedicar-lhe bons pensamentos. Auxiliá-lo em suas eventuais dificuldades. Neste procedimento consiste o amor ao inimigo.

Ainda no Sermão do Monte o Rabi da Galileia insistia em a necessidade de se reconciliar com o adversário enquanto estamos com ele no caminho do mundo material, para que nossas possíveis desavenças não gerem obsessões nem impliquem ligações dolorosas em outras vidas corpóreas. No entanto, nem sempre isso é possível. As vezes, de todo coração desejaríamos fazer esse reencontro fraterno com os nossos algozes. Eles, porém, em diversos casos, não nos possibilitam este momento de ouro. E, assim, acabam levando alguma coisa contra nós. Nesta situação — nada há que temer pois Deus é testemunha de que lhe tentamos estender a mão para aquele aperto cordial. Mas nosso gesto não foi entendido, fizemos a nossa parte e, infelizmente, não fomos correspondidos em nossos anseios de fraternidade.

Diante desta problemática que nos dilacera a alma — só nos cabe abrir o coração em prece ao Alto declarando que, de fato, nada temos em nossa alma contra o referido irmão. Oremos em seu benefício para que seja amparado na Espiritualidade bem como esclarecido com relação ao nosso propósito de reconciliação. Quem ora desta maneira se mostra desarmado de qualquer vibração negativa de rancor e esta pureza de coração é o melhor escudo contra possíveis represálias espirituais. Vendonos nesta disposição elevada de humildade e ternura — o adversário de ontem poderá render-se e então renunciar a qualquer intento de desforra pessoal. E se, por hipótese remota, ele se mostre ainda tão recalcitrante que não nos compreenda a atitude serena e conciliadora, de uma coisa estejamos certos: semelhante comportamento ser-nos-á como que uma barreira fluídica pondo-nos a salvo das possíveis investidas do algoz endurecido.

Em tudo a prece tem o seu alto valor profilático e curador. Mas para que seu efeito seja benéfico na medida do nosso merecimento — cuidemos de fazê-la acompanhar-se de uma vida de fato voltada para a observação das Leis de Deus. Com isso poderemos transformar em amigo um possível inimigo que esteja no mundo espiritual.



## CAPÍTULO V

### A FORÇA DO BEM

Há em O Evangelho segundo o Espiritismo uma belíssima lição de Allan Kardec a respeito dos inimigos desencarnados. Constitui o Capítulo 12, verso 5 onde, entre outras observações judiciosas, vamos encontrar esta joia de ensinamento superior: Não há coração, por mais perverso que seja, que não se comova com as boas ações, mesmo que disso não se dê conta. Pelas boas ações eliminam-se, quando mais não seja, pretextos para represálias; de um inimigo pode fazer-se um amigo, antes e depois da morte.

Tendo feito aqui no Rio de Janeiro uma série de palestras, dentro do seu estilo altamente consolador e convincente, o médium D. P. F. (não citamos o nome para não lhe ferir a modéstia) relatou uma ocorrência em sua vida particular que se enquadra admiravelmente neste ensino kardecista e que também se ajusta ao tema central de nosso livrinho. Vamos ao caso, então.

Sempre que ia tomar as refeições, D. percebia a aproximação de determinado Espírito a exhibir, inequivocamente, sinais de franca hostilidade. Até ele o outro se achegava rancoroso e, para melhor prejudicá-lo, colocava fluidos maléficos nos alimentos que D. deveria ingerir. E lograva êxito em seu intento macabro: explicou nosso companheiro que após o almoço ou o jantar começava a sentir-se indisposto do estômago. Passava por dificuldades gástricas em razão de uma digestão muito laboriosa. O fato repetiu-se durante longo tempo. O médium já não sabia mais o que fazer para esclarecer o seu implacável perseguidor: orava por ele, tentava com ele conversar, estabelecer um contacto amistoso, rogava a intercessão de seus amigos da Espiritualidade, mas... nada! Ali estava imperturbável o inimigo na firme disposição de prejudicá-lo justamente nas horas de suas refeições.

Lá um certo dia o seu chefe da repartição onde trabalhava no serviço público — percebendo-o abatido, pálido, com fisionomia sofredora, um tanto preocupado com aquela situação desagradável, não sabendo o referido chefe de D.P.F. a extensão do sofrimento íntimo do seu subalterno, dispensa-o um pouco antes da hora do almoço, aconselhando-o a que procurasse um médico e tirasse uma receita, tomasse uns remédios. Pudera! Nosso amigo D. já vinha alimentando-se precariamente há semanas seguidas!

Mesmo assim, sabendo de antemão que a medicina terrena não lhe traria solução para o caso, D. agradeceu a gentileza do chefe e regressou ao lar-escola onde residia ao lado de um bando de crianças outrora desamparadas, ali agora amparadas pelo amor cristão de uma equipe abnegada num reduto de trabalho e estudo em favor da infância carente. De regresso ao lar-escola, calhou de passar por uma dada rua onde havia sido instalada uma feira-livre. Os trabalhadores estavam a desarmá-la, desmanchando as pequenas barracas, arrumando as mercadorias, empilhando os caixotes nos caminhões a fim de liberar a via pública para o trânsito de veículos na parte da tarde. Em meio aos trabalhadores D. viu um grupo de crianças catando restos de legumes, de verduras, de frutas, produtos meio deteriorados e inaproveitáveis para a venda e que, não obstante, iriam servir de alimentação para aqueles meninos desvalidos da grande cidade. Uma cena muito comum nas feiras-livres das cidades em geral.

Sem saber explicar por que, D. tem a atenção voltada para um certo menino de uns sete para nove anos de idade. A ele dirige-se amorosamente, perguntando-lhe se não desejaria ir com ele para um lar-escola onde encontraria comida e remédios, agasalhos e livros,, carinho e orientação. O menino, muito espantado (talvez nunca ouviu palavras tão ternas!), de começo relutou. Mas diante da insistência de D.P.F., resolveu seguir aquele "tio" que prometia um mundo melhor para ele em seu futuro.

Tendo chegado à instituição benemerente, D. cortou o cabelo do menino, aparou-lhe as unhas, providenciou roupas novas, deu-lhe um banho e com ele aprontou-se para o almoço, após o que o garoto entrosou-se com as demais dezenas de alegres crianças ali já recolhidas anteriormente. Por sua vez, D. sentou-se à mesa e, com aquele apetite, com aquela disposição satisfeita de ter dado amor à criança pobre mais uma vez, tomou despreocupadamente succulenta refeição. Só depois é que se lembrou do seu companheiro espiritual.

— Ué! — pensou — ele não apareceu hoje? Que lhe teria sucedido?

De imediato a entidade, vivamente comovida, fez-se-lhe presente a exclamar:

— Hoje, D., você me venceu. Hoje, você me deu a maior lição. Não esperava nunca aprender o que acabo de aprender com você. De fato, eu estava disposto a prejudicá-lo muito. Muito mesmo. E creio que estava conseguindo realizar o meu intento. No passado você me atrapalhou muito. Fez-me muito mal. E por isso eu estava no firme desejo de ir às forras, fazer justiça, cobrar esta dívida de outra vida. Mas hoje você me venceu. Não vou atrapalhá-lo, não! Vou perdoar-lhe os malefícios anteriores. E isto porque eu vi com que carinho, com que ternura, com que amor você amparou este menino. Este garoto, D., foi meu filho em minha última vida. Com minha morte prematura, deixei-o órfão aí no mundo... E você o amparou como se fora o seu próprio filho, D. Diante deste fato — eu me rendo do propósito de fazer-lhe mal.

Amigos, não é isto que se lê em Kardec na passagem de O Evangelho segundo o Espiritismo? Eis aí um caso típico de como libertar-se de uma obsessão mediante a prática genuína do amor cristão.

## CAPÍTULO VI

### MÉTODO DE AUTODESOBSESSÃO

Estávamos a elaborar este livrinho quando, de São Paulo (Capital), o querido irmão Ruy Cintra Paiva, da EDICEL, nos remeteu um opúsculo sobre a autodesobsessão, redigido pela Academia Espírita Brasileira (e queremos crer que com cooperação do Instituto de Doutrina Espírita, de Presidente Prudente, SP), com base em trabalho anterior desenvolvido por Aníbal Francisco Fernández, fundador da Academia Espírita Argentina, com sede em Buenos Aires.

Pois bem, com apoio neste material onde encontramos larga citação das obras de Kardec, iremos então compilar o presente capítulo adaptando interessante prática diária que pode ser levada a efeito pelo enfermo para curar-se e promover a cura de seus possíveis adversários invisíveis. Os exercícios devem ser realizados mentalmente, em silêncio, pela manhã, ao acordar, como primeira tarefa do dia, predispondo e alentando o indivíduo para o desenrolar das seguintes horas de sua vida num anseio de burilamento dos atributos do Espírito em termos de pensamento, sentimento e vontade. Para tanto, ele deverá situar-se num cômodo da casa onde possa ficar só, livre de barulhos ou interrupções. Sentará em meditação, libertando a mente de qualquer preocupação terrena e se esforçará incessantemente por começar a olhar para o seu próprio interior, numa autoanálise, numa indagação cada vez mais profunda de si mesmo, naquele desejo sincero de ver como ele é, o que se passa consigo, o que sente na alma... Procurará, desta maneira, identificar as imperfeições morais de que ainda se vê portador, o tipo de conduta que leva, o gênero de pensamentos que emite, a qualidade de desejos que alimenta, enfim — um exame desapassionado, feito com calma, com reflexão, com honestidade e sem concessões generosas sobre si mesmo. Iniciará, portanto, o caminho de sua autodesobsessão e nele persistirá com o conhecimento e domínio de si próprio, esforçando-se no sentido de «ua transformação moral.

## I - À PROCURA DE DEUS

O enfermo irá mentalmente à procura do Criador. Irá em busca de Deus — sem figura legendária, sem localização espacial nem tempo porque Ele está em seu interior, no íntimo de cada um de nós. E tentará dialogar com Ele, no silêncio da meditação serena e da prece convicta. Para quem não está habituado a esta prática salutar, poderá tudo isso parecer difícil; no entanto, não o é. É fácil conversar com o Senhor, desde que nós O consideremos Pai amoroso e justo. Por exemplo, segue um modelo de como se pode formular tal contacto com Deus. Ei-lo:

Pai, perdão pelos meus erros. Inspira-me para que sempre possa achar o caminho do cumprimento do meu dever espiritual. Que sempre eu possa tomar a força espiritual positiva que me rodeia e que me seja possível adquirir a cada dia mais fé, mais amor, mais caridade. Inspira-me para que eu possa tirar, de mim, todo pensamento e sentimento de orgulho, de vaidade, de amor-próprio, de inveja, de sensualismo... Que eu possa tirar de mim a raiva e a ira. Que nada do que digam e façam os demais possa me incomodar nem me afastar. Mas que eu possa tirar de meu coração a soberba, a presunção; que eu possa substituir tais mazelas por uma crescente humildade de sentimentos.

Pai Celeste, quero ser manso e bom. Quero ser um digno mensageiro portador de Tua palavra entre os homens. Quero fortalecer os laços que me unem ao meu Guia Espiritual, para compreendê-lo e amá-lo, reconhecendo o que devo fazer no cumprimento do planejamento que prometi executar quando me preparava para esta presente encarnação. E assim, meu Deus, quero manter aberto um como que canal de comunicação com o meu Amigo Espiritual, para que ele possa influir sobre o meu pensamento guiando-me pelo caminho certo do cumprimento de meus deveres morais.

Ó meu Pai, quero fortalecer os laços que me unem a todos os meus irmãos em Humanidade, para amá-los e juntos trabalharmos na obra de Jesus. Quero ter a segurança e a serenidade para tratar sempre com discernimento todas as questões da vida terrestre. E assim, Senhor, que ninguém nem nada possa desviar-me do caminho do Bem nem alterar a minha paz interior. Inspira-me para que sempre possa achar o caminho do cumprimento de meu dever espiritual, não importando quais sejam os inconvenientes da Terra.

Inspira-me para que eu sempre possa encontrar o caminho da Bondade e do Amor não decaindo o meu ânimo nos momentos de duras lutas e terríveis dificuldades. Ao contrário, pondo de lado atitudes pessoais, que eu possa sempre resignar-me ante Tua augusta vontade.

OBSERVAÇÃO: À luz da Doutrina dos Espíritos, a forma de nada vale. O que importa é o conteúdo. Quer dizer, orar com os lábios, e só com os lábios, não faz o menor sentido. É preciso que o coração participe da súplica. O paciente não há de ver no modelo que expusemos uma fórmula fixa, definitiva de prece a Deus. Absolutamente! Faça sua prece ao Pai Celestial com suas próprias palavras abrindo as portas de sua alma ao Criador com sinceridade e amor, com confiança e fé. Transcrevemos aquela prece à guisa de mero exemplo para melhor orientar os amáveis leitores. E nada mais que isto!

## II - CONSOLO PARA OS SOFREDORES

Este exercício pode ser realizado em continuação ao anterior ou ainda poderá ser repetido durante o dia, caso o paciente ache deva fazê-lo. O estudo do Espiritismo nos mostra como é o mundo espiritual, povoado de seres como nós, apenas sem o corpo material. Seres que sentem, que pensam, agem e sofrem como se no mundo ainda estivessem, quando o nível em que se acham é baixo e não chegaram à lucidez do estado em que se encontram. Na sua maioria sequer sabem que já desencarnaram. Continuam, ao contrário, padecendo as sensações que tinham antes de sua desencarnação. Certo número deles, que nos rodeiam e nos fazem sentir a sua presença, está sofrendo por nossa culpa também, em decorrência de débitos anteriores, e esperam de nós a devida reparação de nossas faltas. São, pois, como que atraídos por nossas imperfeições através de nossa deficiente forma de pensar, de sentir e de querer, dentro da lei da afinidade. Moralizá-los é a tarefa que compete aos encarnados conscientes deste dever cristão.

O paciente que quer sua cura definitiva poderá como que conversar mentalmente com tais entidades obsidentes e sofredoras, com o pensamento positivo, isto é, voltado para o Bem e para o Amor, na tentativa de despertar a outra consciência para o caminho da Verdade. De igual modo, à guisa de exemplo, citamos este modelo de conversa mental:

Irmão, quero dizer-te algo que, se compreenderes, vai auxiliar-te a sair da situação em que te encontras. Faz tempo que deixaste o corpo material e não percebeste porque tens o pensamento fixo nas coisas que te preocupavam na Terra. Não sabes que, embora o corpo terreno morra, continua-se vivendo? O Espírito segue vivo? E vive igual como estava na Terra. Com os mesmos pensamentos, as mesmas preocupações, os mesmos sofrimentos... Mas sem o corpo físico!

Amigo, o teu corpo morreu; agora, tens o corpo espiritual. Em ti mesmo está a prova. Vamos, comprova-o: pegando, olhando, fixando verás que este não é mais aquele corpo anterior. Desperta, companheiro, estás no mundo espiritual. Pede a Deus que te ilumine para poder compreender tua nova situação. Eu vou tentar auxiliar-te. Pedirei a Deus, Todo-Poderoso, e ao Querido Mestre Jesus, para que esses véus escuros que te envolvem caiam e tu possas ver as coisas com maior nitidez e clareza.

Olha, o Mestre está aqui. Vamos, clama por Ele para que Ele te ajude.

Jesus! Mestre, Irmão e Amigo! Eu te peço por este amigo, para que possa dar-se conta de sua situação, que compreenda que já se descartou do seu corpo físico, que agora se encontra no mundo espiritual. Jesus Amado, que até ele possam chegar a Tua Luz e o Teu Amor, para que ele se sinta iluminado e reconfortado em seu amparo.

Irmão compreendes agora que estás no mundo espiritual. Agora tens um corpo etéreo, mais leve, mais sutil, e que permite ir o Espírito a todas as partes, até onde vá o teu pensamento. Olha estes seres espirituais que aqui estão. Tu os vê? São eles nossos amigos espirituais que acorrem até ti para auxiliar-te. Eles te levarão a um local de descanso, a um lugar de repouso, onde possas compreender melhor a tua situação atual. Basta simplesmente desejares ir com eles e poderás fazê-lo sem nenhum receio. Vamos, meu amigo, nada tema. Tem confiança, são teus e meus amigos e vêm em nosso socorro. Vai com eles, meu amigo, e serás feliz. Vai, vai em nome de Deus. Que o Pai nos ampare sempre. Que assim seja!

### III - ORIENTAÇÃO AOS VINGATIVOS

Finalmente, este exercício dirige-se aos Espíritos perversos ou maus que, conhecendo sua situação de desencarnados, ainda gostam de fazer o Mal, em buscar a vingança, cumprir o que foi, às vezes, determinado por outro Espírito mais trevoso que os domina. Estes obsessores têm muita força no propósito nefasto e alguns deles vêm-nos cobrar um dano que receberam noutra oportunidade. Para tais criaturas, as palavras e a atitude dos exercícios anteriores não têm pronto efeito. Riem-se, enfurecem-se, a ponto de o próprio nome de Deus carecer para eles de significado. Em consequência, como aprendemos em André Luiz e outros autores espirituais, é necessária a mobilização de recursos magnéticos potentes, acompanhados de firme pensamento no Bem a fim de dominá-los, primeiramente, para depois ajudá-los a sair de sua situação inferior, se possível; ou então, mantê-los afastados até que se arrependam. Com eles é possível entabular esta conversa mental:

Irmão, tu que estás contra as Leis de Deus, que são imutáveis. Tu que estás contra a obra de Jesus. Por que te opões à minha vontade de curar-me? Por que obedeces cegamente aos que te mandam contra mim? Olha agora estes laços fluídicos que estão envolvendo-te. E para o teu Bem, para que deixes de fazer tanto malefício, porque todo este Mal cairá sobre ti mesmo e depois sofrerás muito para repará-lo.

Nota que perdes forças e te sentes envolto... É este o momento para pensar no que fizeste até agora. Um momento para refletir. Olha aí o caminho escuro que percorrestes, meu irmão... Quanto dano já causaste? Quantos seres já sofreram por tua culpa? E o pior é que esqueceste de ti mesmo. No afã de fazer o Mal ao próximo, esqueceste de trabalhar para o teu progresso espiritual. Meu amigo, pensa bem, quanto tempo perdido! Faz pausa em teu intento malévolo e reflete um pouco. Arrepende-te. Clama por Deus para que Ele te ilumine e te perdoe.



Não podes continuar assim. Terás de ir para um local apropriado de muita luz e muito amor, onde poderás trabalhar por tua evolução espiritual. Clama por Jesus para que te ampare. Que então possa Ele comover o teu sentimento para que venhas a arrepender-te com sinceridade e tu te sintas merecedor do perdão de Deus! Quando agires assim, então esperarei por ti de braços abertos, pois somos todos irmãos — e só quero o teu benefício, embora isto agora não compreendas bem. Eis aí os nossos amigos da Espiritualidade. Procura acompanhá-los que eles só desejam beneficiar-te. Nada temas. Não haverá castigos nem vinganças. Serás auxiliado na medida do teu desejo de melhoria espiritual.

Deus, Nosso Pai, em sua Bondade e Justiça, dar-te-á tempo e oportunidade de que tanto precisas para que, com o teu esforço, possas reparar com amor as tuas faltas e os teus erros.

Não demore, meu amigo, decide, dá este passo decisivo, arrependendo-te de coração. Suplica a Deus para que o Criador te ilumine e te perdoe!

Pai Celestial, perdoai a tantos quantos não sabem o que fazem...

#### IV - RECURSO LIBERATIVO

Pois bem, caro leitor, para encerrar este capítulo, meditemos bem esta mensagem do Espírito Marco Prisco, dada pelo médium Divaldo Franco em 6/12/78, no CE. Caminho da Redenção, de Salvador (BA):

"Quando você recorre ao analgésico ante a injunção da dor, não se olvide da oração, a terapia de profundidade".

"Da mesma forma que você busca o antitérmico em razão da febre, tenha em mente o uso da água fluidificada que atende nas causas da infecção".

"Submetendo-se à psicoterapia a fim de liberar-se de problemas do inconsciente atual, busque a leitura espírita edificante com que se libertará dos clichês infelizes do passado espiritual".

"Procedendo a praxiterapia psiquiátrica para superar problemas afugentes do comportamento, não esqueça do exercício da caridade, com que granjeará paz interior de significação real".

"Em qualquer terapêutica que se lhe faça urgente, você dispõe do valioso contributo espiritual para alcançar as matrizes do problema que surge em efeitos dolorosos".

"O homem é o Espírito que lhe habita o corpo. Soma e psique resultam das ondas emitidas pelo ser encarnado, no seu processo evolutivo. Minimizados os efeitos e não atingidas as causas-matrizes dos processos depurativos, o problema persistirá".

"Você tem um compromisso com a Vida. Trabalhe na comunidade onde se encontra instalado, como cidadão, todavia, eleja a ação santificante da caridade como cristão. A insistência no bem é terapia preventiva, ao mesmo tempo são créditos que anulam compromissos negativos de sua ficha cármica. Para cada doença o remédio corresponde. Em qualquer situação — o recurso espiritual de libertação definitiva".

## CAPÍTULO VII

### ATENDIMENTO MÉDICO-HOSPITALAR

Nem sempre, porém, o doente está em condições de promover sua cura. Impõe-se a cooperação de terceiros com o passe, a água fluidificada, a prece, a reunião de desobsessão e até — em certos casos, — o atendimento médico-hospitalar conveniente, s Desta maneira, amigos encarnados e desencarnados são convocados para esta tarefa de amor cristão. Ora, com o desejo de oferecer aos caros leitores um panorama de como é feito o atendimento em hospitais psiquiátricos espíritas, escrevemos a alguns companheiros que estão à frente deste labor abençoado, solicitando-lhes subsídios. E fomos então felizes em nosso propósito pois tivemos à mão os informes solicitados com os quais vamos alinhar os parágrafos que seguem.

HOSPITAL ESPÍRITA DE PORTO ALEGRE Praça Simões Lopes Netto n.º 175 - Porto Alegre - R.G.Sul.

Do Rio Grande do Sul respondeu-nos, de pronto, o companheiro Ney da Silva Pinheiro, atencioso secretário do excelente jornal Desobsessão, remetendo-nos exemplares deste semanário (referentes a janeiro, fevereiro e março de 1977) onde encontramos publicada a tese apresentada pela direção da Divisão de Pesquisas Psíquicas do citado Hospital, ao X Congresso Espírita Panamericano, reunido em 1975, na Argentina (Buenos Aires).

Desde 1966 funciona neste Hospital um setor especializado de desobsessão, cujo objetivo é dar assistência e tratamento

espiritual aos clientes, sob a direção do confrade Dr. José Lacerda de Azevedo (autor da tese citada e diretor da referida Divisão). A técnica aqui empregada é a do desdobramento espiritual (a que dão o nome de Apometria, tanto dos enfermos como dos médiuns abnegados, utilizando-se estes últimos para estabelecer contacto com Espíritos desencarnados, vê-los, ouvi-los, visitar colônias na erraticidade, trabalhar em benefício inclusive das entidades sofredoras e, assim, cooperar na diagnose mais precisa de moléstias insidiosas, nas orientações práticas na terapia dos doentes, na descrição da problemática espiritual que o paciente apresenta, como também em determinadas cirurgias levadas a efeito pelos médicos da Espiritualidade sobre o corpo perispiritual do enfermo encarnado.

Pelo exposto acima já se pressente serem tais trabalhos altamente sérios, requerendo uma cobertura espiritual de alto nível, equivale dizer, pureza de propósitos, elevação de ideal cristão, alto nível moral de todos os seus participantes, os quais contam ainda com a assistência indispensável de uma organização hospitalar chamada "Amor e Caridade", onde militam Espíritos de antigos médicos que socorrem os casos no Plano Espiritual do Estado do Rio Grande do Sul, neste nosocômio recolhendo as entidades obsessoras para o devido tratamento.

Ressaltar ainda que, ao lado deste atendimento espírita, o paciente encarnado recebe paralelamente os cuidados da Medicina oficial a fim de que possa ser-lhe amparado o corpo somático, muitas vezes necessitando de atenção.

Normalmente são necessárias diversas sessões, todas elas realizadas com perfeita regularidade de horário (isto é, todos os sábados, pela manhã), com 20 pessoas, entre médicos e auxiliares — num total de 11 mulheres e 9 homens, dos quais há 4 médicos, 1 engenheiro, 1 professor universitário, 2 militares e 1 farmacêutico. Como dizíamos, normalmente são necessárias diversas sessões pois as entidades possuem corações empedernidos, talvez há séculos, e mesmo agem como verdadeiros malfeitores a soldo de entidades encarnadas e desencarnadas, interessadas na desgraça do enfermo. (Chegam a instalar com precisão e cuidado por dentro os ossos do crânio das vítimas estranhos aparelhos com repercussão nociva no sistema nervoso central dos obisidiados de longa data, os quais sofrem o efeito destes sofisticados aparelhos eletrônicos, determinando paralisias progressivas, atrofia, hemiplegias, síndromes dolorosas, etc.)

Conforme enfatiza a tese do Hospital Espírita de Porto Alegre, o objetivo é sempre desarmonizar a fisiologia nervosa do paciente, inclusive no vasto domínio da mente, com reflexos imediatos para a devida apreciação dos valores da personalidade e suas respostas na conduta do indivíduo.

Médiuns abnegados e enfermos em tratamento são submetidos a desdobramento (Apometria) e, com a mais amorosa e inestimável intervenção de médicos da Espiritualidade, tais aparelhos parasitas são removidos, libertando os doentes daquelas sugestões de atitudes e ações desabonadoras que constituem, para o leigo no assunto, alucinações absurdas e incompreensíveis.

O trabalho deste grupo envolve outrossim uma técnica denominada "Despolarização dos Estímulos na Estratificação da Memória". Quer dizer, mediante passes magnéticos adequados sobre o córtex cerebral procura-se apagar da memória do obsessor (e do obsidiado) uma lembrança penosa do passado que o transfigura em Espírito ávido de revide e vingança, ressaltando-se, todavia, que tal técnica é recente, está em estudos e observações e seu emprego requer cuidados especiais.

Bem, a seguir vamos fazer um breve sumário de alguns casos citados na tese deste eficiente Hospital do Sul.

## CASO N.º 1

E. N., brasileira, branca, 36 anos de idade, casada, enfermeira, atendida em 13/9/75.

Sofria de crises alérgicas (hipersensibilidade da pele, erupções discretas, prurido intenso, terminando por manchas arroxeadas). Por ser enfermeira, supôs-se sensibilidade exagerada a certos medicamentos; por isto, foi afastada da manipulação de certas substâncias medicamentosas e submetida a enérgico tratamento com antialérgicos, dessensibilizantes, corticoides e dieta rigorosa. Mas o quadro que surgira há 6 meses espontaneamente não exibiu melhora alguma. Seguiu-se o tratamento espiritual. Apresentou-se uma entidade desencarnada que sofria muito: foi um operário que se vitimara numa explosão, morrendo com extensas queimaduras dias depois do acidente em meio a terrível padecimento. Embora soubesse que não mais fazia parte do mundo dos vivos, não conseguira descartar-se daquelas queimaduras. Após receber passes magnéticos dados com o nobre desejo de socorrê-lo — sentiu-se radicalmente curado de seus males e relatou sua odisseia: no Plano Espiritual era repellido onde quer que estivesse, por causa do seu aspecto repelente e do mau cheiro que exalava. Desanimado e esgotado, aproximou-se daquele hospital e, não podendo acomodar-se nos leitos vazios por outros Espíritos o correrem dali, vislumbrou a referida enfermeira a cuidar de seus enfermos. Chegou-se a ela desejoso de ter também pensadas suas chagas. Atraído pela aura de harmonia que dela se irradiava, ali deixou-se ficar por não ter sido repellido, ao contrário, encontrava bem-estar e segurança. Mas não dava conta de que a estava prejudicando: por um processo de ressonância vibratória, tudo quanto o Espírito sentia passava lentamente ao corpo físico da enfermeira acentuando-se os seus males à medida que os laços da imantação se faziam mais fortes.

Tragada com amor e carinho, a entidade sofredora foi removida para o hospital da Espiritualidade que dá cobertura a tais trabalhos bem como a paciente foi socorrida em seu perispírito com o refazimento das chagas ali exibidas pela presença da outra entidade.

O relatório do Hospital Espírita de Porto Alegre esclarece ainda que se trata de um caso típico de indução espiritual, porque o Espírito enfermo não desejava, em absoluto, prejudicar de forma alguma a paciente; apenas a perturbou em virtude de se achar gravemente doente.

Número de atendimentos: 1. Tempo de atendimento: 30 minutos. Resultado: Já apresentou melhoras na 1ª semana. Observação um ano após o 1.º atendimento: Curou-se em um mês.

## CASO N.º 2

E.L., brasileira, branca, 34 anos, casada, doméstica, atendida em junho de 1972.

Internada com síndrome de esquizofrenia, com temores exagerados, medo de doenças e de morrer, sensação de estar sendo espionada e vigiada, confusão mental, perturbações típicas da conduta; frequentemente com sintomas de perturbação respiratória, exibindo os sinais clínicos de natureza circulatória, com sensação de insuficiência cardíaca ao menor esforço, crises de taquicardia, dores precordiais, dispneia, etc... Momentos depois — tudo isto, como que por encanto, desaparecia!

O atendimento foi feito à distância de vez que não foi possível removê-la do Hospital. Mediante apometria, foi feito o desdobramento de duas médiuns que foram assessoradas por três Espíritos desencarnados da equipe espiritual que coopera com estes trabalhos de amparo aos sofredores.

Constatou-se junto à enferma a presença de uma entidade desencarnada, muito agitada, que falecera com idade avançada por insuficiência cardíaca e ainda apresentava os sinais clássicos de cardiopatia descompensada, com intensa dispnéia (dificuldade respiratória), falando com dificuldade também, inclusive locomovendo-se com sacrifício, de vez que fora, em vida, excessivamente obesa. Não percebera até então que desencarnara e insistia em administrar o lar. Continuava a dar ordens — mas não era, evidentemente, obedecida por seus familiares.

Trazida ao ambiente mediúnico, incorporou em uma abnegada médium presente e recebeu adequados passes magnéticos para suavizar lhe os padecimentos. Mais calma, identificou-se como progenitora da paciente a quem estava, sem o saber nem querer, a prejudicar. Uma vez esclarecida, prontificou-se a afastar-se daquele lar, buscando tratamento conveniente no "Amor e Caridade" (hospital da erraticidade, já referido antes).

Como já pressentiu o leitor atencioso, novo caso de indução espiritual. Afastada a causa, tudo se normalizou e a paciente curou-se.

Número de atendimentos: 1. Tempo de atendimento: 30 minutos. Resultado: Curada já há 5 anos, trabalhando com o marido, que é advogado.

### CASO N.º 3

I.F.V., branca, 28 anos, casada, atendida em 22/7/72 (com 6 meses de gravidez).

Apresentou-se desesperançada de ter filhos por ter perdido

7 gestações sucessivas por aborto espontâneo, a despeito de longos tratamentos e até internações hospitalares.

Desdobrada por apometria, os médicos desencarnados a constataram anêmica, muito enfraquecida, em virtude dos lances citados. E as frustrações no seu anseio de ser mãe tornaram-na neurótica. Mas a problemática era de origem espiritual. Havia um obsessor interferindo em sua vida por razões cármicas bem sérias. Ela em vida anterior fora esposa do atual obsessor; ele, em seu ciúme desvairado, em seu egoísmo feroz, não admitia viesse ela a dividir com mais ninguém o amor que exigia só para si. Por isto, chegou a levá-la a cometer vários abortos. E agora, não aceitando o seu casamento com outro indivíduo, em seu ódio frustrava-lhe as gestações.

Devidamente doutrinado, o seu rival foi encaminhado para o Hospital da Espiritualidade em estado de semidemência. Quanto àquela senhora, foi orientada a cultivar pensamentos puros, pensamentos nobres, positivos, superiores, a fim de fazer-se receptiva ao filho que iria nascer. Foi outrossim medicada materialmente para sanar seu esgotado aspecto orgânico.

Número de atendimentos: 4 com intervalo de 60 dias. Tempo de atendimento: 40 minutos. Resultado: Chegou a completar aquela gestação, nascendo uma garota. Dois anos mais tarde nasceu-lhe outro filho.



#### CASO N.º 4

.S., branco, 42 anos, casado, militar reformado da Aeronáutica por neurose mista, atendido em julho de 1975.

Terrível neurose de angústia com medo de longas avenidas, de lugares descampados, de ambientes sombrios e fechados, só saindo de casa com a esposa, criatura que lhe infundia ânimo e segurança. Este quadro mórbido data desde algum tempo, agravando-se sempre. E também portador de outra mania, desde os 15 anos de idade, alimentando-se extremamente pouco com medo de ficar doente do aparelho digestivo.

Desdobrando-se por apometria o paciente, verificou-se a presença de uma entidade obsessora muito perturbada, com vestes egípcias muito antigas, apresentando grande sofrimento, inclusive com fraturas nos membros. Perto deste Espírito, acompanhando-o sempre, via-se um incômodo sarcófago arcaico. Quanto ao enfermo encarnado, apresentava-se como que envolvido por uma série de faixas típicas das antigas múmias, o que lhe dava aquela sensação constante de opressão e de angústia.

Atendido, o obsessor se declarou antigo sacerdote do Egito quando então fora, por ordem de um superior hierárquico, metido vivo, amarrado e amordaçado, dentro de um sarcófago, o qual foi atirado no fundo de um poço, imediatamente fechado. Tão grande foi o choque traumático da queda no poço que ele teve quebrados os seus membros. Acabou morrendo terrivelmente abandonado no subsolo.

Durante séculos não soube o que fazer para sair daquela posição incômoda em que sucumbira. Mas desde então passou a arquitetar um meio de ir às forras do seu malfeitor. Tendo recebido estranha energia na forma de uns formigamentos, adquiriu a pouco em pouco força suficiente para sair do túmulo e, sem saber explicar como, eis que estava perto de seu inimigo, agora num corpo de jovem, numa época inteiramente diferente do tempo em que vivera, num ambiente que lhe era de todo incompreensível. E como ainda trouxesse as mãos atadas, tratou de prejudicá-lo pelo pensamento, no que vinha obtendo êxito!

O tratamento se iniciou com o socorro ao Espírito sofredor, curando seus sofrimentos, libertando-o daquele sarcófago milenar, conduzindo-o depois para o "Amor e Caridade". Quanto ao obsidiado, procedeu-se à despolarização dos estímulos na estratificação da memória, visando a que esquecesse as cenas impressas no seu cérebro pelos pensamentos doentios do adversário de tanto tempo passado. Completou-se este trabalho com passes magnéticos para remoção de seu panorama mental das imagens e pensamentos próprios de autossugestão que tanto contribuíram para o seu desgaste mental.

Transcreveremos a seguir a discussão deste caso, feita pelo Dr. José Lacerda de Azevedo, como já vimos, Diretor da Divisão de Pesquisas Psíquicas do Hospital Espírita de Porto Alegre. Ei-la:

Trata-se de um caso de obsessão típica em que Espíritos faltosos se encontram para o devido ajuste de contas. Deles, o mais endividado era provavelmente a vítima do passado e obsessor de hoje, de vez que não teve permissão para encarnar e não ter sido resgatado pelas equipes encarregadas de tal tarefa. Atuava sobre o cérebro do paciente por meio de emissão mental, em virtude de não ter podido agir com as mãos e por se achar muito fraco. Conseguiu aproximar-se do enfermo graças aos pensamentos deste quando em sono irradiava um campo que atingiu o Espírito no sarcófago.

Aproximou-se do paciente na infância do mesmo quando este levou um susto ao ouvir uma cartomante predizer sua morte. Nessa noite teve uma visão em que se encontrava junto a um caixão de defunto — o sarcófago de sua vítima de outrora. Lentamente o obsessor foi fazendo sua atuação. Por essa época sua avó, uma noite, o assustou para não comer muito porque assim um dia podia morrer disto se aproveitando o inimigo para influenciá-lo contra a comida, etc. Com o passar do tempo a obsessão tomou corpo a ponto de comprometer sua atuação como mecânico de bordo de aviões. Começou a se acentuar o medo das alturas principalmente quando o aparelho se aproximava da pista de pouso; depois, começou a temer as próprias avenidas longas das cidades. Tinha medo de elevadores, medo de campo aberto, etc.

Por sintonia com o passado, a claustrofobia decorria do desespero do Espírito preso ao sarcófago. O medo das avenidas e dos campos era a visão da avenida das esfinges do Templo de Karnak, assim como a planície por onde corre o Nilo, última visão do Espírito na época dos trágicos eventos. A Lei é absolutamente justa. O quadro extremamente complexo era classificado como neurose mista; e chegou ao ponto de ser obrigado a reformar-se da Aeronáutica.

Número de atendimentos: 2. Tempo de atendimento: 50 minutos. Resultado: o enfermo melhorou sensivelmente, pois já sai sozinho e se atenuaram nitidamente os sintomas. Durante o 2.º atendimento, para revisão em 27/9/75 descobrimos um obsessão da esposa que de todos os modos procurava intervir na vida do casal, perturbando-o muito. Retirado este obsessão, depois de despolarizar os seus bancos de memória, retiramos grande massa de liames envolvendo o casal com que tentava ele impedir a vida normal deles. Esperamos assim que a cura se consolide definitivamente.

Observação de 1 ano:

O paciente encontra-se muito bem, tendo vida praticamente normal. Tem ainda sensação de insegurança, porém suportável, não o impedindo de levar vida normal.

O alentado trabalho do Hospital Espírita de Porto Alegre cita inúmeros outros casos. Mas, para não nos alongarmos demasiado, citaremos mais uma ocorrência bem interessante, com a aplicação de aparelho parasita no sistema nervoso da vítima para fazê-la sofrer mais duramente.

## CASO N. 5

A.C.M.G., 19 anos de idade, solteira, residente no Rio de Janeiro.

Há cerca de um ano foi presa de violentas crises de enxaqueca, que a acometiam com intervalos de uma semana e 15 dias e que duravam cerca de 3 dias. Estava fazendo um estágio nos Estados Unidos há poucas semanas, quando, ao visitar o Canadá, sofreu a primeira crise de maneira súbita e sem causa aparente. Com o agravamento do quadro clínico, foi internada em hospital canadense e aí submetida a uma série de exames como eletroencefalograma, radiografia do crânio, arteriografia bilateral, constantes bioquímicas do sangue, hemograma completo, etc... Nada de anormal foi constatado. Com etiologia desconhecida para sua enfermidade, a paciente logo que teve melhora voltou aos Estados Unidos onde novos exames foram feitos e, de novo — nada se constatou.

As crises se faziam intermitentes, possibilitando seu regresso ao Brasil. Aqui chegando, foi hospitalizada para nova série de exames com os resultados normais. Já com vários meses de sofrimentos, foi obrigada a abandonar os estudos, vivendo atemorizada à espera de novas crises que se sucediam regularmente, com tendência a se agravarem pois começou a ter perturbações visuais para o olho direito (hemianopsia), também rebelde ao tratamento oftalmológico.

Nestas alturas dos acontecimentos, telefonaram do Rio de Janeiro para o Hospital de Porto Alegre, solicitando consulta espiritual. Antes haviam recorrido à Umbanda, tendo a paciente apresentado melhora passageira, embora as crises mesmo não cedessem. Foi feito um atendimento à distância. Dois médiuns desdobrados com dois médicos desencarnados estiveram em sua residência, constatando-se a natureza espiritual do caso com a presença de uma entidade obsessora além de lesão física no centro nervoso e no nervo óptico, tendo sido aconselhado o seu comparecimento a Porto Alegre para que, por desdobramento, pudesse receber assistência efetiva em seu corpo perispiritual.

A paciente veio a Porto Alegre. Foi atendida em 27/9/75. Logo de início deparou-se com uma entidade obsessora feminina, de nobreza britânica, tendo residido no Canadá no final do século 18. Apresentava-se arrogante, coberta de joias, verberando terrivelmente contra a jovem, jurando vingar-se pela cegueira, pelo que havia sofrido com o afastamento de seu filho predileto de seu convívio, no passado, quando ele apaixonou-se pela doente atual, então dama de companhia de sua mãe, a atual obsessora. Naquela época, a velha senhora interferiu tempestivamente no romance dos dois jovens, separando o filho da moça por questão de orgulho, de posição social, nobreza, etc. O moço teve um choque muito grande, terminando por abandonar a família, morrendo subitamente pouco depois. Sua mãe jurou vingar-se da mocinha, expulsando-a de sua casa e por ela nutrindo ódio mortal.

Desencarnada, depois de longo tempo vagando na erraticidade, radicou-se em determinada colônia de entidades sofredoras e infelizes do Canadá, onde, por seu caráter dominador, autoritário, congregou a seu derredor uma pequena corte de antigos servidores e outros Espíritos de mesmo nível moral. Com a ida da paciente ao Canadá, houve possibilidade de identificação de sua dama do passado no corpo da brasileira carioca! Seu ódio renasceu. (Contratou, então, um técnico das trevas que, pelo pagamento de um opulento anel de seu uso, conseguiu colocar um aparelho eletrônico perispiritual no cérebro da moça, visando a atingir-lhe as áreas visuais, para cegá-la.) Todo este relato foi feito pela própria obsessora que foi devidamente doutrinada e esclarecida quanto ao futuro que a esperava em razão de seus desvarios.

Não sabendo aquela senhora como remover o aparelho parasita, foi convocado o mesmo, técnico malfazejo para tal operação. Mediante a promessa de que ganharia novo camafeu que a obsessora exibia no colo, o referido especialista retirou o instrumento do corpo astral da vítima. Em seguida, este irmãozinho inferior foi aprisionado e encaminhado a regiões de tratamento regenerativo. Tanto como a obsessora concordou em tomar novos rumos em seu destino, na esperança de assim poder ver futuramente seu filho, que se encontra em adiantada fase de progresso espiritual.

A moça foi atendida em seu cérebro perispirítico lesado. Um oftalmologista da equipe espiritual tentou recompor a trama neurônica com enxertia nervosa para recuperar lhe a visão. No terceiro atendimento, que se repetiram semanalmente, houve melhora de 50% da área cerebral perispiritual. A visão no campo físico tornou-se melhor, porém não houve recuperação total. Foi marcada revisão para março de 1976.

Como se viu, caso típico de obsessão, agravado com a presença de aparelho parasita, com atuação rápida e profundamente nefasta. Foi efetuado o tratamento no duplo sentido:

- 1.º) do obsessor e seus asseclas e
- 2.º) do corpo perispirítico da paciente pela apometria.

Tempo de atendimento:

- 1.º) 45 minutos;
- 2.º) Os outros levaram 30 minutos cada um.

Resultado:

- a) enxaqueca — cura total nesses dois meses e
- b) hemianopsia do olho direito — cura parcial.

A paciente deverá retornar em 4 meses.

O leitor pode concluir dos casos citados, como é feito com amor, com carinho e segurança o tratamento espiritual por esta abnegada equipe de médiuns de Porto Alegre, com o amparo misericordioso de amigos da Espiritualidade, curando enfermos tanto materiais como da erraticidade, na condição respectiva de obsidiados sofrendores e de obsessores vingativos e infelizes.

Agradecendo a estas alturas a colaboração valiosa que nos prestou o Hospital Espírita de Porto Alegre, dando-nos estes dados que os leitores puderam ler, vamos encerrar este livro com a palavra amiga e esclarecida do mentor espiritual Emmanuel que, mais uma vez, escrevendo pelo médium querido Francisco Cândido Xavier, assim se expressou:

... se a ignorância reclama o devotamento de professores na escola e a psicopatologia espera pela abnegação dos médicos que usam a palavra equilibrante dos gabinetes de análise psicológica, a alienação mental dos Espíritos desencarnados exige o concurso fraterno de corações amigos, com bastante entendimento e bastante amor para auxiliar nos templos espíritas, atualmente dedicados à recuperação do Cristianismo, em sua feição clara e simples".

Seja no caso de mera influenciação ou nas ocorrências da possessão profunda, a mente medianímica permanece jugulada por pensamentos estranhos a ela mesma, em processos de hipnose de que apenas gradativamente se livrará. Daí, ressalta o imperativo de se vulgarizar a assistência sistemática aos desencarnados prisioneiros da insatisfação ou da angústia, por intermédio das equipes de companheiros consagrados aos serviços dessa ordem que, aliás, demandam paciência e compreensão análogas às que caracterizam os enfermeiros dedicados ao socorro dos irmãos segregados nos meandros da psicose, portas adentro dos estabelecimentos de cura mental.

## CAPÍTULO VIII

### CONCLUSÃO E BIBLIOGRAFIA DA TERCEIRA PARTE

Mercê da constante e amorosa assistência dos Amigos da Espiritualidade, eis que estamos chegando ao término de nosso livrinho. De coração, esperamos ter fornecido aos leitores os fundamentos espíritas relativos à caracterização e à terapia da obsessão. Mesmo porque, além dos livros citados ao longo do texto, segue abaixo nova relação de outras obras que poderão ser consultadas pelos interessados.

Antes, no entanto, do ponto final, gostaríamos de acrescentar algumas palavras. E as acrescentaremos dizendo que, embora os obsessores possam valer-se de diversos meios para melhor prejudicar os encarnados, com os quais possam ter algo em comum de vidas passadas, a grande verdade é que tais criaturas, apesar de desencarnadas, tanto como suas vítimas atuais, que estão conosco no mundo material, adquirindo experiências, são apenas enfermos a reclamar tratamento especializado. São cegos que tateiam nas sombras da ideia de desforra. São surdos que esbravejam na solidão da vingança. São paralíticos que, desvairados, se imobilizaram nas teias do rancor. E, assim, não enxergam com discernimento o panorama admirável do país do perdão! Não percebem as suaves melodias da paciência! Não se movimentam livremente no amplo corredor da sua própria evolução moral! Por isso, como sofrem! Sofrem e nos fazem também sofrer!

Conscientes destas verdades, ao invés de hostilizá-los, aprendemos a amá-los, sem nenhum ressentimento... No lugar de temê-los, oremos em seu favor. Para que saiam do pântano lodoso do rancor e avancem pelas veredas da compreensão e do entendimento. Envolvâmo-los em vibrações de serenidade e ternura para que as algemas do malefício anterior se convertam em laços fraternos do Bem eterno!



Os amigos da Espiritualidade nos esclarecem que por ocasião do sono é sempre possível a administração de amparo direto e indireto às vítimas dos labirintos de culpa e das obsessões deploráveis, por intermédio da transfusão de fluidos e de recursos magnéticos, de emanções vitais e sugestões salvadoras que, na maioria dos casos, somente os encarnados, com a assistência do Plano Maior, podem doar a outros encarnados pela aplicação do passe, pela fluidificação da água, pela elevação propiciada nas bênçãos da oração.

Sim, caros leitores, os benfazejos companheiros do Alto velam por todos nós, atenciosamente. E aguardam que se apresentem enfermeiros de boa vontade, transformando se em cooperadores diligentes, apesar de suas inibições pessoais e de suas dificuldades ainda humanas. Que cada um de nós se habilite a receber então esta assistência dos Amigos do Além através do pensamento nobre, da prece sincera e humilde, da leitura edificante e renovadora, no sentido de semear a paz. Mas sobretudo, caros irmãos, vivamos de tal modo que, com calma, com diligência, com espontaneidade, com bondade e retidão — façamos em nosso derredor um pouquinho de luz a aclarar o negrume tão intenso de nossas próprias imperfeições.

- 1) Leis de Amor — Emmanuel (médium Chico Xavier).
- 2) Conduta Espírita — André Luiz (mesmo médium citado).
- 3) Respostas da Vida — Idem (idem).
- 4) Paz e Renovação — Vários Espíritos (idem).
- 5) Deus castiga? (Cairbar Schutel Responde) — Helena Carvalho.
- 6) Os Mortos Acordam os Vivos — Mário B. Tamassía.
- 7) Curso Dinâmico de Espiritismo — J. Herculano Pires.
- 8) Influência do processo obsessivo no organismo — Newton de Souza Matos in Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil — IV volume.
- 9) Psicoterapia no Processo Obsessivo — mesmo autor e mesma fonte citada.
- 10) Agenda Cristã — André Luiz (médium Chico Xavier).
- 11) Diálogo com as Sombras — Hermínio Corrêa Miranda.
- 12) Obsessão/Desobsessão — Suely Caldas Schubert.
- 13) Obsessão, o Passe, a Doutrinação — Herculano Pires.